

ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 420 ANO 51.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 20 pode encontrar uma ajuda...

TotoBOLA



VERDADEIRA OBRA DE ARTE — O DIADEMA QUE COROARÁ A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

O diadema que coroará a princesa das «teen-agers» é, na verdade, uma autêntica obra de arte, como o leitor poderá avaliar pelo texto e pela foto que publicamos na página 9. Trata-se de uma oferta de H. Stern-Joalheiros, cuja directora em Portugal entregou o referido diadema à sr.ª D. Madalena Ruella Ramos (foto acima), presidente do júri do certame

O ASSALTO À DEPENDÊNCIA BANCÁRIA FOI «ENSAIADO» NA PISCINA DO AREEIRO COM A AJUDA DE BOLAS DE PINGUE-PONGUE

Equanto a Polícia Judiciária prossegue com investigações tendentes à descoberta dos assaltantes da dependência de Pinto de Magalhães Banqueiros, ontem ocorrido na Avenida de Roma, apurámos, esta manhã, que o golpe foi «ensaiado», sexta-feira passada, na Piscina Municipal do Areeiro com bolas de ping-pong por quatro indivíduos de idades compreendidas entre os 28 e os 36 anos.

Quem presenciou a manobra foi o sr. Américo Monteiro Abreu, chefe daquela Piscina, já ouvido, aliás, pela Polícia Judiciária.

Segundo o nosso interlocutor, dois indivíduos de tipo aciganado, entre os 30 e os 36 anos, entraram na Piscina, sexta-feira cerca das 10 horas.

Tomaram banho durante algum tempo e vieram depois

para a bancada. Sentados, puseram óculos escuros e principiaram uma longa conversa.

Américo Abreu, que os não conhecia dali, observava-os discretamente, até porque já tinha dado por dois outros indivíduos que continuamente circundavam a piscina, hesitando na entrada.

Seriam 11 horas quando esses dois indivíduos (um muito bem vestido, outro de camurçine beije) se resolveram, finalmente, a entrar na piscina.

O nosso interlocutor verificou, então, que os quatro homens se conheciam.

— Sentaram-se os quatro muito juntos e debruçaram-se sobre qualquer coisa que a princípio não distingui — diz-nos Américo Abreu.

Bolas brancas de mão em mão

Numa posterior «inspecção», Américo Abreu descobriu que os quatro indivíduos, desconhecidos na zona, se entretinham com quatro pequenas bolas brancas de ping-pong.

— Trocavam as bolas entre si, falavam em segredo e mantinham-se afastados dos frequentadores da Piscina.

A sorte das bolas foi repetida dezenas de vezes, e como a atenção era muito por parte dos quatro estranhos nessas trocas, «é provável que as bo-

(Continua na página seguinte)



Américo Abreu, chefe da Piscina Municipal do Areeiro: «Eles planearam o assalto sexta-feira passada... Observei todos os passos, comuniquéi as minhas suspeitas a pessoas conhecidas e estas transmitiram-nas ao gerente do Banco»

PONTOS E SOLUÇÕES DOS EXAMES LICEAIS

Tal como anunciamos e à semelhança dos anos anteriores, o «Diário de Lisboa» começa hoje a publicar, nas págs. 18 e 19, os pontos e soluções dos exames do 7.º ano e ciclo preparatório.

faltam oito dias para terminar a recepção dos cupões-duplos

Faltam apenas oito dias para terminar o prazo de recepção dos cupões-duplos de identificação da segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Prémios do maior interesse estão ainda ao seu alcance: um apartamento junto ao mar, em Paço de Arcos e um magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro por-

tas e cinco lugares, constituem o fabuloso primeiro prémio. Mas outros se lhe seguem:

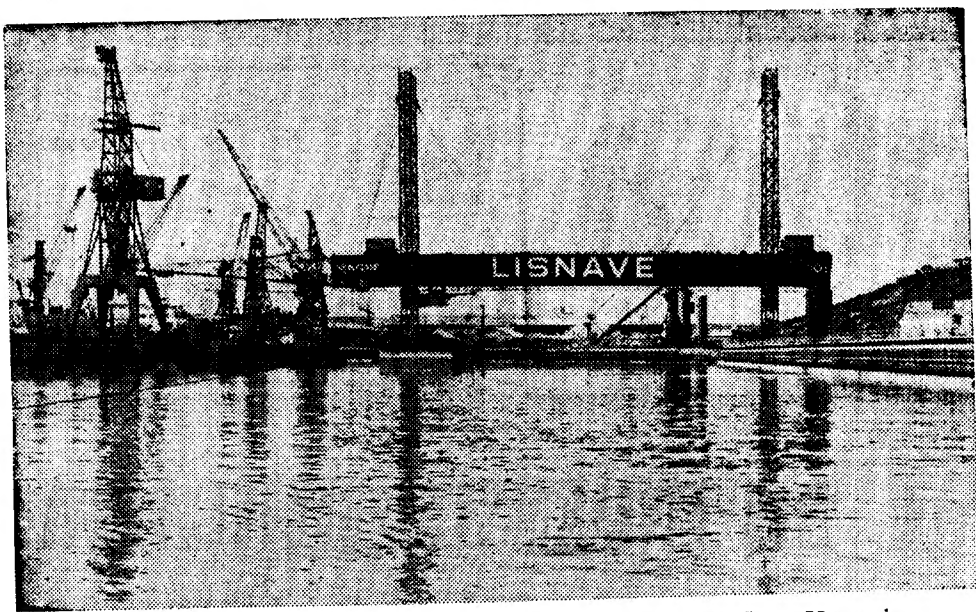
dois confortáveis apartamentos, também mobilados, no grandioso (Continua na 10.ª página)



HOJE 36 PÁGINAS — VISADO PELA CENSURA



Morto entre o costado de um navio e o cais da Rocha, o arrais Joaquim Lopes Cabedal é retirado da água com o auxílio de um guincho e de um homem-rã dos B. S. B. As circunstâncias em que se deu o desastre vêm descritas na 2.ª página.



Aspecto da nova doca da Lisnave, a inaugurar amanhã na Margueira

A DOCA ALFREDO DA SILVA É INAUGURADA AMANHÃ

Mais de duas mil pessoas, entre as quais cerca de 300 individualidades estrangeiras, assistirão amanhã, nos estaleiros da Lisnave, na Margueira, à inauguração pelo chefe do Estado da maior doca do mundo para reparação naval a que foi dado o nome de Alfredo da Silva.

Vários membros do Governo estarão presentes nas cerimónias que terão início às 17 horas, com a bênção das novas instalações pelo vigário episcopal de Setúbal, cónego João Alves. Seguir-se-ão o alongamento da doca e o desceramento, pelo Presidente da República, do medalhão com a effigie de Alfredo da Silva.

Após uma breve série de discursos, realizar-se-á um beiberete no refeitório e bares anexos dos estaleiros da Margueira.

COMPRIMENTO EQUIVALENTE A CINCO CAMPOS DE FUTEBOL

Construída em menos de dois anos, segundo projecto

dê aos seus filhos o melhor prémio... aprender inglês onde se fala inglês



Peça ao seu Agente de Viagens os programas dos Cursos de Férias Multitur. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a língua internacional de hoje — o inglês.

Inglaterra

Anglo Continental

School of English

• Cursos em Bournemouth, Londres e Oxford

• Inscrições — ambos os sexos, maiores 16 anos

• Duração — 2, 3 ou 4 semanas

• Partidas regulares, com início 5 Julho

• Preços (tudo incluído) desde 6.935\$ *

• Preços (tudo incluído) desde 9.400\$ *

• Aproveite as facilidades do sistema Multicredito

Cursos de férias

multitur

Irlanda

Marian College

(Colégio Marista)

• Cursos em Dublin

• Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos

• Duração — 4 ou 8 semanas

• Partidas — 4 Julho e 1 Agosto

• Preços (tudo incluído) desde 9.400\$ *

• Aproveite as facilidades do sistema Multicredito

Cursos de férias

multitur

inicial dos próprios serviços da Lisnave e da Profabril, a doca Alfredo da Silva tem um comprimento equivalente ao de cinco campos de futebol. Os maiores navios actualmente existentes no mundo — cujo porte bruto já começa a rondar as 400 mil toneladas — não chegam a preencher metade da sua capacidade de docagem, que é de um milhão de toneladas.

Característica inovatória das instalações, entre muitas outras, reside no facto de a entrada dos navios se fazer pela popa — medida que permite reduzir em cerca de um quilómetro a distância entre as oficinas e a popa, local onde geralmente se concentra a maior parte do trabalho de reparação e a carenagem descendente da maioria dos navios.

Todo o equipamento da doca, em especial o de içar, se encontra concebido de acordo com as gigantescas dimensões da obra. O pórtico rolante, com 125 metros de largura e 65 de altura, inclui dois ganchos independentes, cada um deles com capacidade para içar pesos até 150 toneladas, e ainda um gancho de acção rápida para 20 toneladas. A altura a que se encontra, sensivelmente idêntica à da plataforma ferroviária da ponte Salazar, impôs a necessidade da instalação de um elevador de acesso à cabina de comando, situada no seu topo.

UMA MEDALHA COMEMORATIVA

O artista João Paulo de Abreu e Lima concebeu uma bela medalha comemorativa da inauguração da doca. Nela se reproduzem, em síntese, as principais características e linhas mestras da actuação da Lisnave.

Para assistir às cerimónias de amanhã já se encontram em Lisboa grandes armadores de petroleiros, representantes das maiores companhias petrolíferas mundiais (Shell, Texaco, Gulf Oil, B. P., Chevron, Esso, etc.).

Igualmente se deslocaram ao nosso País administradores, directores e proprietários de grande numero das mais importantes entidades portuárias e companhias armadoras de 11 das maiores potências marítimas de três continentes.

TRANSPORTE PARA OS CONVIDADOS

A fim de assegurar a deslocação para a Margueira dos convidados para a inauguração da doca Alfredo da Silva, a Lisnave montou um cuidado sistema de transportes, cuja utilização se torna da maior conveniência para evitar a aglomeração de viaturas nas imediações do estaleiro.

Funcionário dois serviços, um com partida junto a Mosteiro dos Jerónimos e outro, para os convidados da margem sul, no Centro-Sul de Almada, ambos a partir das 15 horas e até às 16 e 15.

O regresso estará assegurado a partir das 18 e 30, de quarto em quarto de hora, igualmente para Lisboa e Centro-Sul.

QUEDA E MORTE DE UM ARRAIS NA ROCHA CONDE DE ÓBIDOS

O arrais de uma tragata morreu esta manhã afogado, junto ao navio «Novo Redondo», da Companhia Nacional de Navegação, que se encontrava atracado ao cais da Rocha do Conde de Óbidos. O marítimo desceu a escada do portaló daquela unidade da Marinha Mercante quando esta se afastou, provocando-lhe de equilíbrio, queda e uma pancada na cabeça que o fez submergir rapidamente.

O sr. Joaquim Lopes Cabedal, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Joaquina Lopes, pai de uma jovem de 20 anos, natural da freguesia de Pego (Abrantes), era arrais da fragata «Kato» (L-2604), que estava encostada ao «Novo Redondo», a receber carga deste. Cerca das 9 horas o arrais Cabedal subiu a bordo do navio para tratar da folha de carga. Descia a escada do portaló, com a folha na mão, quando se deu o acidente. Este, segundo nos disseram, deveu-se ao facto de estarem a ser experimentados os motores do «Novo Redondo» e a agitação provocada por uma embarcação que passou perto.

O navio afastou-se subitamente do cais e o movimento da escada do portaló fez desequilibrar o marítimo, que bateu com a cabeça no casco. Segundo alguns, o arrais, antes de submergir para ficar enterrado no lodo, ainda tentou dar algumas braçadas, mas perdeu os sentidos.

CONDECORAÇÕES BRASILEIRAS

Amo fim da tarde de hoje, na Embaixada do Brasil (Rua da Emenda, 53), o prof. Luís António da Gama e Silva e o gen. Alfredo Souto Malan, chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro, impoirão a várias autoridades militares portuguesas importantes condecorações do Exército do Brasil.

O ASSALTO A DEPENDÊNCIA BANCÁRIA

(Continuação da pág. anterior) locou depois de eu lhe ter contado as minhas suspeitas — acentuou Américo Abreu.

A manobra na rua

Cerca do meio-dia, talvez às 11 e 45, os quatro indivíduos abandonaram a piscina e foram colocar-se nos pontos estratégicos utilizados para o assalto ontem verificado.

— Eram quatro posições distintas, mas todas dando para o Banco. Assim como tinham trocado as bolas na piscina, assim também eles mudavam constantemente de posição.

Faltavam cinco minutos para o meio-dia, quando um dos indivíduos acionados entregou ao mais bem vestido um saco de pano com os anéis olímpicos.

— Então, esse fulano, com o saco sob o braço, entrou no Banco, onde pretendia fazer um depósito, segundo o testemunho do gerente da Pastelaria Silva, que ali se des-

locou depois de eu lhe ter contado as minhas suspeitas — acentuou Américo Abreu. Como, porém, demorasse o preenchimento do impresso, o gerente do Banco convidou a sair.

Eram 12 e 15.

— Quando ele saiu, os outros três, que entretanto se tinham mantido nas suas posições, dispersaram imediatamente.

O encontro-ensaio estava terminado.

Concretiza-se o assalto

Passou sábado, passou domingo — e, ontem, deu-se o assalto.

Quatro homens, empunhando dois revólveres e uma pistola-metralhadora, irromperam ao fim da manhã na dita agência do Banco Pinto de Magalhães. Eram precisamente 11 e 57 horas.

Os funcionários bancários atendiam os últimos clientes da manhã. No seu gabinete,

trabalhava o gerente Magalhães Oliveira. Na sala principal, Joaquim Tomás Canhão, Manuel Barbosa Oliveira, Alfredo Carvalho, Carlos Graça e Amandio Oliveira. Numa arrecadação, nas traseiras, encontravam-se o subgerente, João Santos Cavaco Gonçalves, outro funcionário, Joaquim Neves Anjos, e um guarda da P. S. P.

Ao balcão, uma senhora e quatro homens (um dos quais era o gerente da Pastelaria Silva) esperavam ser atendidos.

— Isto é um assalto e não é a brincar — disse o estranho bem vestido da Piscina do Areiro.

Seguros de si, os assaltantes colocaram pequenos sacos de pano nas cabeças dos circunstantes. Dois destes, Manuel Barbosa Oliveira (caixa) e Manuel Antão da Silva (gerente da Silva) ficaram com as mãos atadas com uma forte ligadura.

Seguidamente, um dos assaltantes obrigou o gerente a conduzi-lo até ao cofre, do qual retirou 2180 contos em dinheiro português e estrangeiro.

Consumado o assalto, os quatro indivíduos retiraram-se, segundo algumas testemunhas, num carro de cor escura.

Foi então que o subgerente que se encontrava armado, veio para a rua e disparou contra um automóvel que alguém lhe indicou como suspeito. Era tarde — até porque os ocupantes do veículo nada tinham a ver com o caso. Aliás, um deles, oficial da Marinha, queixou-se já à Polícia contra os disparos de que foi vítima.

A única pistola que poderia ter feito frente aos assaltantes, a do guarda ali em serviço, foi imediatamente posta fora de jogo. O subgerente (que, como dissemos, se encontrava armado) não tentou a enfrentar os assaltantes com medo de que possíveis represálias viessem a afectar gravemente os seus colegas.

Vários acontecimentos que poderiam ter alterado o curso da manobra (e já relatados nos matutinos) foram favoráveis aos assaltantes, devido, em parte, ao sangue-frio demonstrado pelos quatro desconhecidos.

Cadastrados?

Voltando novamente ao chefe da Piscina do Areiro, há a dizer ainda que os dois indivíduos acionados «tinham um aspecto terrível, barba por fazer, pareciam mesmo cadastrados».

Ninguém (como dissemos) os conhece na zona, devendo tratar-se de indivíduos «vindos de longe».

— Sal da Judiciária de três da madrugada — disse-nos Américo Abreu. A história que lhe conto, de sexta-feira passada, também foi ouvida pelos agentes.

Quatro bolas brancas na Piscina do Areiro culminaram no assalto e roubo da agência do Banco Pinto de Magalhães da Avenida de Roma. Agora — a polícia actua em todas as direcções, estando de piquete no aeroporto de vigilância aos aviões que levantam voo para toda a parte.

MINIQUADRILHA CONDENADA POR ASSALTOS E ROUBOS

PORTO, 22. — Em tribunal colectivo, a que presidiu o corregedor sr. dr. Góis Pinheiro, foram julgados, no 2.º Juízo Criminal: José Ferreira, o «Zé Piscas», casado, ajudante de motorista, residente na Rua das Luzes, 12 em Gaia, e à revelia, por se encontrar ausente em parte incerta, Eduardo Hermínio da Conceição Silva, casado, de 31, viajante, morador na Rua Cabo Borges, 98, 3.º, também em Gaia. Juntamente com Armando de Jesus Teixeira, entregue ao Foro Militar, assaltaram o estabelecimento da firma Jorge Manuel & Crespo, Ltd., da Rua de Santo Ildefonso, partindo a mostra e levando objectos no valor de 8080\$00. Assaltaram, ainda, uma pensão na mesma rua de onde roubaram 1220\$00.

Foram condenados: o primeiro em dois anos e 10 dias de prisão maior e 280 dias de multa a 30\$00 por dia e o segundo, em dois anos e 9

meses de prisão maior e 190 dias de multa. Cada um foi ainda condenado a pagar 2200\$00 de imposto de justiça.

Condenado por passar um cheque em branco

Foi julgado, à revelia, no 2.º Juízo Correccional, presidido pelo juiz sr. dr. Gomes dos Santos, o francês Pierre Lemasson, de 27 anos, de profissão desconhecida, que estava hospedado no Hotel do Porto e, no dia 20 de Novembro do ano passado, com uma senhora que o acompanhava, foi a um cabeleireiro da Praça da Batalha, onde pagou os serviços prestados à senhora com um cheque de 300\$00 que não tinha cobertura.

Foi condenado em seis meses de prisão removíveis a 30\$00 por dia, 880\$00 de imposto de justiça e 400\$00 de indemnização.

A REFORMA AGRÁRIA NO PERU PREJUDICADA PELA AUSÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR

LIMA — A reforma agrária decretada pelo Governo peruano, em Junho de 1969, e considerada uma das mais ambiciosas da América Latina, de há dez anos para cá entrou numa fase crítica de consolidação, pelo que tem de enfrentar sérios problemas socio-económicos, nos grandes latifúndios expropriados no litoral norte.

A intenção do Governo é expropriar todas as grandes «haciendas», até 1975. Se se levar em conta o ritmo da reforma, desde o início da sua aplica-

ção, pode pensar-se, com justiça, que aquele objectivo será atingido. Estabeleceram-se novas «cooperativas» de produção, nos complexos agro-industriais do litoral e nos latifúndios semi-explorados das terras altas andinas. Mas as «cooperativas» são tão estreitamente controladas pela burocracia da reforma agrária e o «aparelho» de segurança do Exército, que a maior parte delas se tornaram autênticas «herdades do Estado», durante os 25 anos em que devem ser pagos bónus de expropriação aos antigos proprietários.

Por NORMAN GALL

(Exclusivo «Le Monde» - «D. L.»)

A nomeação para o lugar de ministro da Agricultura do general Enrique Valdez Angulo, chefe dos serviços de segurança do Exército constitui evidente sinal das crescentes preocupações do Governo quanto às «falhas» da administração da reforma agrária e aos conflitos que se têm verificado entre os trabalhadores agrícolas e os funcionários das cooperativas.

O próprio presidente da República, general Velasco Alvarado, manifestou, em público, uma certa inquietação, ao declarar: «Muitos funcionários, de todos os graus hierárquicos, se mostram insensíveis às modificações provocadas pela revolução. Não compreendem que o Peru entrou numa nova era, comportando-se, muitos deles, como sabotadores da revolução...»

Ao comentar uma greve que tinha deflagrado num complexo agro-industrial da costa, o semanário «Oiga» escrevia, na mesma altura: «O facto deste movimento de protesto ter tido lugar numa «hacienda» entregue aos trabalhadores demonstra a existência de uma confusão profunda e perigosa...»

É, no entanto, necessário reconhecer que a reforma provocou relativamente poucas desordens, decorridos já dois anos sobre a sua entrada em vigor. A mesma não causou o desmantelamento da economia peruana. Uma das razões in-

vocadas para explicar o aumento, em 1970, da produção de açúcar (tendo em conta o fim de um período de seca que durou dois anos) é a estreita supervisão do funcionamento das «haciendas» por coronéis neles colocados, oficiais esses que prestam, directamente, contas ao general Valdez Angulo.

Neste contexto, é significativa a greve que teve, recentemente lugar na «hacienda» de Cayalti. Aqui, como noutros pontos, o Governo tentou destruir as antigas estruturas sindicais, controlados pela A. P. R. A. (Aliança para a Revolução Americana, de Haya de la Torre), inimiga hereditária das forças armadas. As autoridades determinaram que, daí em diante, os trabalhadores deveriam dirigir-se, directamente, à direcção das «cooperativas» e não aos dirigentes sindicais. Por outro lado, os estatutos da «cooperativa» estipulam que qualquer pessoa que tenha exercido funções directivas nos sindicatos ou partidos políticos, existentes antes de 1968 não pode fazer parte dos organismos de direcção da «cooperativa».

Em Cayalti, os trabalha-

res cerraram fileiras atrás dos antigos dirigentes sindicais, impugnando o argumento oficial de que os sindicatos já não são necessários, pois que as «haciendas» pertencem agora às cooperativas do trabalhadores. A greve deflagrou quando Antenor Vasquez, novo secretário eleito pelos trabalhadores sindicalizados, foi expulso da «cooperativa». Segundo Antenor Vasquez, «a cooperativa está ainda em gestação, enquanto o sindicato tem uma longa história na área». E acrescentou: «É isto o que defendemos, em primeiro lugar. Se os trabalhadores decidiram pôr-se em greve, isso prova que não têm a sensação de terem, realmente, o poder de dirigir a «cooperativa». Os nossos trabalhadores nem sempre são capazes de discutir com funcionários saídos das Universidades. Não temos competência para sermos dirigentes. Mas os nossos filhos não-de-tê-la...»

A greve só terminou depois da mediação entre trabalhadores e funcionários, mediação essa orientada por um dos mais importantes coronéis do COAP (Comité dos Conselheiros da Presidência da República). A «velha norma» foi

admitida de novo, isto até que «seja promulgado o novo decreto-lei sobre as cooperativas». Mas o jogo do gato e do rato continua, pois é evidente que os autoridades militares não têm a menor intenção de permitir à A. P. R. A. reconquistar as suas posições no seio dos sindicatos. Aliás, foram presos vários membros daquele movimento, sob a alegação de «sabotarem a reforma agrária».

O problema da participação autêntica dos trabalhadores nos novos organismos está, portanto, posto. «Um dos nossos maiores defeitos», reconhece um dos mais brilhantes generais da «nova geração», «é pensar que devemos ser obedecidos sem discrição. Queremos, realmente, transferir o poder para o povo, dar-lhe a massa uma participação no processo revolucionário, mas ainda não descobrimos o modo de al chegar. Organizar eleições sem antes disso, ter levado a cabo as reformas de estruturas, sem pôr, realmente, o poder nas mãos dos trabalhadores, por intermédio da reforma agrária e da lei sobre as indústrias, acabará por facilitar o regresso à farsa política, tão nossa conhecida, no passado. É no entanto necessário admitir que um dos nossos principais problemas reside em conceder um papel autêntico ao povo, no processo actualmente em curso.

NOTA

POLÍPTICO ESTIVAL

AGORA NÃO HA MAIS senão acreditar na realidade do Verão, presente de improviso, certinho, à tabela, com todos os matadores. Quando já deve estar à vista, espreitavam os vigias lá os longes do horizonte e nada, não se lhe descobriam sinais, a ponto de adiantarem os cépticos, com a sua prudente inquietação, abanando tristemente o nariz, que o Verão deveria ter sido desviado por maus conselhos e que teria ido pedir algures que lhe dessem asilo político. Afinal, por partida, tinha vindo em pênzinhos de lá, e, quando já desesperavam todos os que o deviam esperar, deu um salto e entrou à tabela, numa pirueta atrevida, esta noite, à hora precisa dos astrónomos, com as esplanadas e os arraiais engalanados para o receber com balões de S. João e copos de refrescos.

Dois dias antes, é certo que já se tinham deixado os guarda-chuvas e outro armamento invernosos no sossego dos cabides, mas as pessoas desciam tranquilamente à vida enroupadas e guarnecidas pelo menos com o seu colete de lá e a sua aspirina para o que desse e viesse, que nunca uma criatura sabe ao certo as linhas com que a cosem. Mas num repente, pumba, foi aquele pulo dos doze centígrados em quarenta e oito horas, quando ao marmarinho, sem ter mais onde se esconder de nós, não ficou outro remédio que não fosse o de se mostrar, feliz e pimpão, impetuoso e provocador. E então era ver no domingo, que era o último de Primavera, a bacanal do mar, a feira da praia (vide Santo Amaro de Oeiras) com osromeiros obrigados a permanecer de pé por não lhes restar palmo de areia onde se pudessem estender.

Do ponto de vista do quotidiano, que pode propiciar a alguns as prosápias de banalidades disfarçadas em tentativas de interpretação sociológica, talvez mais apuradamente socio-económica, como se usa muito, pode recolher-se a imagem da cidade inteira movendo-se trepidante pela estrada, cada família a cavalo em quatro rodas ao ritmo certo da gasolina a arder. As segundas-feiras passaram a encontrar nos jornais o espectro sanguinolento dos resultados dessa experiência que se renova e sempre vai crescendo, na expressão das vítimas e da velocidade. E aqui interpõe-se a cautela dos regulamentos. Na amostra ultra-recente do Luxemburgo, a redução drástica para o limite dos 90 quilómetros, limite inultrapassável em qualquer caso e com outros limites mais baixos consoante e conforme, operou uma redução de 25 por cento na estatística dos desastres.

O nosso Verão, agora já presente e certo, é ainda, a bem ou a mal, o suplício dos exames para todas as escolas e ensinos. Já se sabe que é mau, é desagradável, é incómodo para as crianças e para os crescidos, para os professores e para as famílias. A verdade é que, como tristemente se conclui, por mal que seja é o mal necessário, ao menos até mais ver, enquanto não se descobre e se instala outro sistema qualquer de avaliação do trabalho correspondente a um ano. A menos que não haja exames, nem diplomas, nem títulos, nem cartas de curso, mas simplesmente escolas livres, com um disco a passar as últimas novidades, onde vai quem quer e quem não quiser aprender que não aprenda. Verdade seja que o sistema do disco é o que funciona em muitas escolas, onde todos os anos se ouve invariavelmente a mesma música. Mas o disco, quem o quer?

O último quadro deste pequeno painel estival é o do inabitual funcionamento da Assembleia Nacional, onde o calor das discussões não careceu dele mas acertou com o calor do calendário. O tema em debate nesta ocasião, a revisão do estatuto constitucional, é evidentemente importante em si mesmo e haveria por qualquer modo de interessar, ainda que a discussão decorresse molemente. Mas não é assim. Até mesmo sendo certo, como parece, que estão à vista as conclusões, que a todos se nos afiguram já concertadas e seguras pelas regras da aritmética, não se pode deixar de tirar o chapéu ao esforço empreendido por alguns deputados que se apresentaram com a lição estudada e sabida, a um nível de preparação e estudo significativo do propósito de bem desempenhar o seu papel. Será uma nota que fica na história parlamentar do actual regime.

FIL

ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS: INDÚSTRIAS A DESENVOLVER

O sector de alimentação e bebidas, com a forte diversificação que o caracteriza, está sugestivamente representado na XII Feira Internacional de Lisboa. As respectivas actividades, com um valor médio de produção mais elevado — superior a 20 000 contos anuais por fábrica — são as seguintes: moagem do trigo, refinação de açúcar, margarina, fermentos e leveduras e cerveja.

Apresenta n.º do indústrias caracterizadamente de consumo interno e de outras com forte presença nos mercados exteriores, o sector patenteia vários rumos de activi-

dade com largas possibilidades de expansão além fronteiras, a médio ou longo prazo: chocolates e cacau, produtos de confeitaria; produção e refinação de azeite e outros óleos alimentares; fermentos e leveduras; amidos, féculas, dextrinas e produtos afins; e cerveja, bem como as importantes produções de vinhos e conservas.

Mas, além dos produtos de tão grande variedade, a FIL apresenta uma ampla representação de equipamentos relacionados com este sector.

JORNADA DO BRASIL

HORÁRIO: Hoje: das 17 às 24 horas
Amanhã: das 17 às 24 horas
ENCERRAMENTO

ENTRADA: 5400

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PRATICANTES PARA MONTADORES DE OFFSET

Precisam-se de preferência com experiência de montagem nas agências publicitárias, ou com frequência em cursos da especialidade nas Escolas Profissionais.

Resposta a este jornal ao n.º 841.

GRANDE OPORTUNIDADE
FÉRIAS NO BRASIL
VISITE O STAND
Firestone

A renovação do Politeama

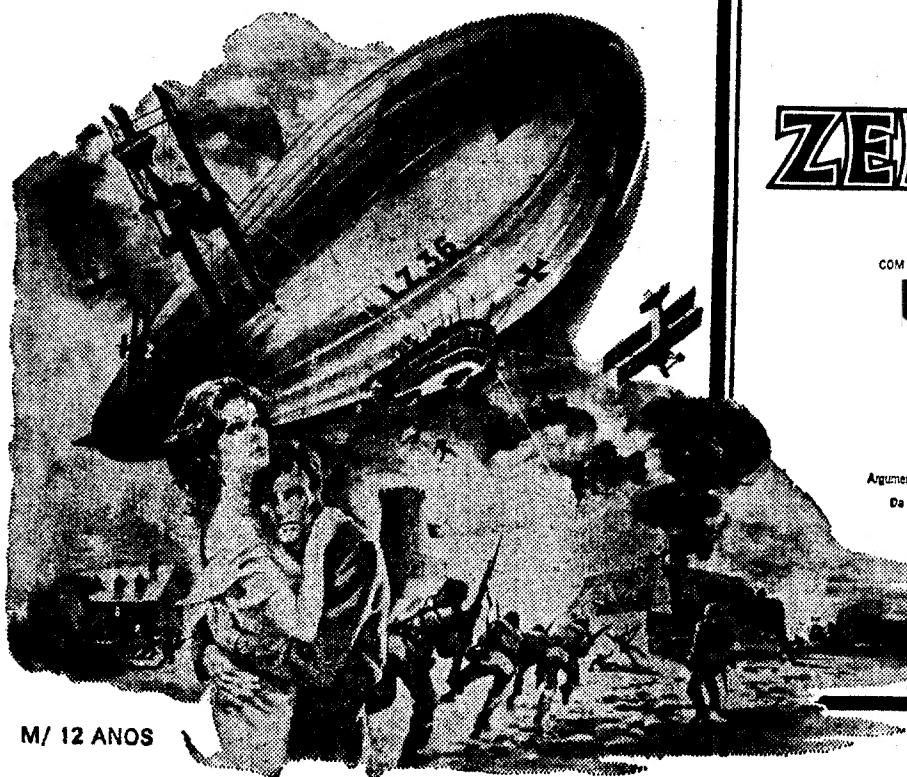
Bastante renovado, reabre depois de um mês o Politeama que já em 1969 passara por grandes transformações. Desta feita, são de notar as melhorias na pintura (em tons mais suaves), no maior potencial da distribuição de luz e no funcionamento da cabina (com notório esforço na valorização da projecção). Também a instalação de ar condicionado foi modernizada.

A abrir esta nova fase do Politeama teremos a estreia da comédia «A rapariga do autocarro», realização de Jack Maley Junior com Kim Darby e Glenn Campbell nos principais papéis.

«MURIEL» NA CLÁSSICA DO IMPÉRIO

Jean Cocteau definiu «Muriel» como «uma obra prima terrível». «Muriel» é um enorme «puzzle» humano, porque, querendo caracterizar e criticar um determinado tipo de sociedade e o ambiente por ele gerado, os seus autores descentralizaram a acção do filme repartindo-a pelas diversas personagens que nela intervêm. A Bienal de Veneza atribuiu a actriz Delphine Seyrig o prémio da melhor interpretação e a Alain Resnais o Prémio da Crítica Internacional para o melhor realizador.

EMOCIONANTE! EXPLOSIVO! DESTRUIDOR! FOI A ARMA SECRETA DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA



M/ 12 ANOS

ZEPPELIN

COM **MICHAEL YORK**
ELKE SOMMER

RUPERT DAVIES · ALEXANDRA STEWART
PETER CARSTEN · MARIUS GÖRING
ANTON DIFFRING · ANDREW KEIR

PANAVISION TECHNICOLOR

Produtor Executivo: J. RONALD GETTY
Argumento de: ARTHUR ROWE e DONALD CHURCHILL

De obra de: OWEN CRUMP · Produção: OWEN CRUMP

Realização de: ETIENNE PERIER

PANAVISION TECHNICOLOR

EXCLUS. ASTÓRIA FILMES

HOJE — EMOCIONANTE ESTREIA ÀS 21,30 NO **MONUMENTAL**

TEATRO GIL VICENTE

Telefone 280919

CASCAIS



HOJE

e todas as noites às 22 horas

Domingo «matinée», 16 h.

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

ATENÇÃO: Não é permitida a entrada depois do espectáculo começar. Intervalo entre o 3.º e o 4.º acto.

ADULTOS



SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

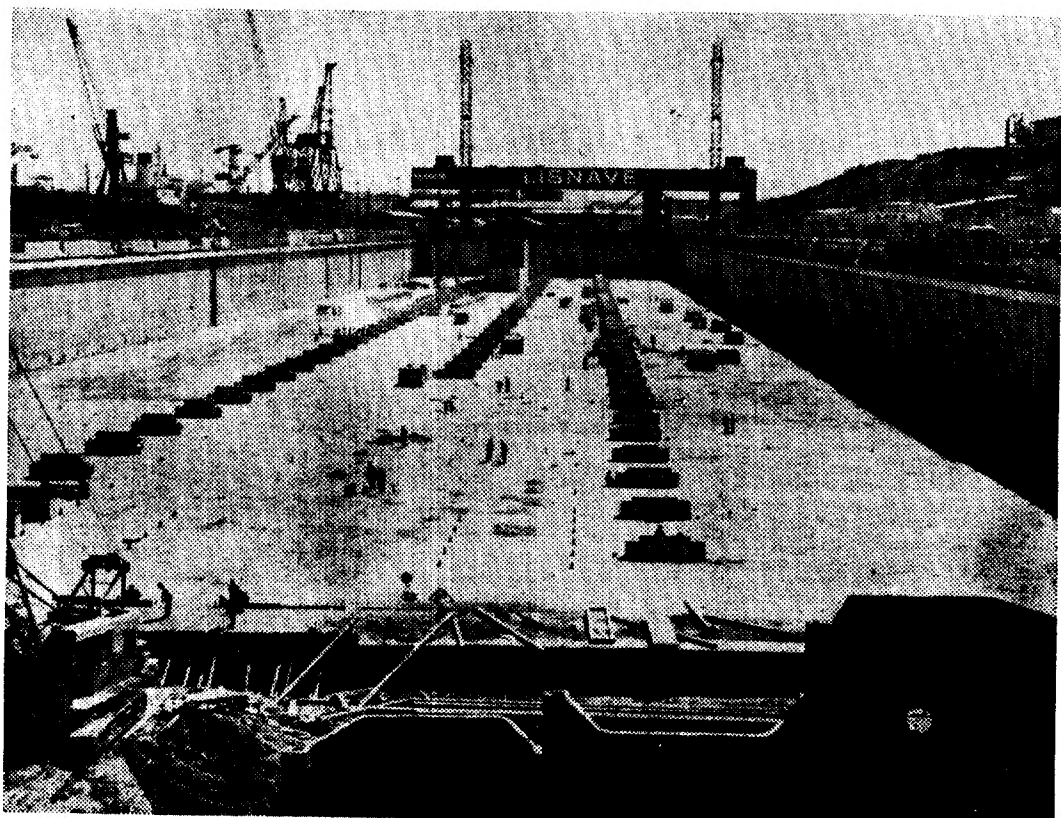
SOMAGUE — SOCIEDADE DE EMPREITADAS SOMAGUE, S. A. R. L.

RUA CARLOS TESTA — LISBOA-1

Empreiteiro geral da construção da Doca Seca

«ALFREDO DA SILVA»

para a LISNAVE



ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA - OUTUBRO 1969

INAUGURAÇÃO DA DOCA - JUNHO 1971

PRAZO DE EXECUÇÃO 20 MESES

A EXPOSIÇÃO FEIRA AGRO-71 FOI HOJE INAUGURADA EM BRAGA

BRAGA, 22 — No início de uma visita de quatro dias ao Minho, o secretário de Estado da Agricultura inaugurou hoje, ao princípio da tarde, em representação do Chefe do Estado a Feira Agro-Pecuária de Braga (Exposição Feira Agro-71).

O eng. Vasco Leônidas chegou cerca das 11 e 30 ao limite do distrito onde foi recebido pelas autoridades locais. Depois do almoço, presidiu à cerimónia da inauguração da Feira, no Parque da Ponte.

No uso da palavra, o secretário da Agricultura referiu-se às características da região, tendo afirmado:

— «Na exploração agrícola

sempre foram reduzidos os equipamentos de transporte e de mobilização do solo, todos de produção artesanal, e a energia de tracção ficava garantida por numerosos efectivos pecuários ligados à função trabalho os círculos comerciais nasciam e morriam nas feiras da região, tudo conduzindo à autosuficiência da agricultura que não dinamizava sequer os sectores industrial e dos serviços».

Acrescentou:

«Tal condicionalismo não poderia manter-se a partir do momento em que a economia nacional cresceu, diversificando-se, e, assim, tais estruturas

começaram a ser abaladas pela força irresistível de novas necessidades que romperam o círculo de economia fechada em que se moviam».

E ainda:

«Não admira portanto que, na ausência da criação dinâmica de outras actividades diferentes da agricultura em espaços menos evoluídos da região do Noroeste, a emigração se instalasse como processo de escape das pressões mais vivas, no sentido da promoção social das populações e da sua participação activa em economias periféricas de espaços nacionais e estrangeiros, um crescimento».

O CHEFE DO ESTADO VISITOU A F.I.L.

O Chefe do Estado deslocou-se hoje à Feira Internacional de Lisboa, em visita de carácter particular. Acompanhavam-no os srs. dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, e eng. Torres Campos, director-geral dos Serviços Industriais e director interino do I.N.I.I. Durante a visita o sr. almirante Américo Thomaz foi acompanhado pelo dr. Cortez Pinto, presidente honorário da A. I. P. e presidente da F. I. L.; eng. Carlos Alves, presidente da A. I. P.; e dr. Mário Neves, vice-presidente e comissário-geral da F. I. L. O sr. almirante Américo Thomaz que, na altura da inauguração, no dia 9, visitara já o certame, percorreu hoje novamente as instalações, demorando-se por instantes em cada pavilhão onde lhe foram prestadas várias informações.

Manhã na praça

ALFACES A 5\$00!

Chegou o calor e, simultaneamente, subiram os preços das alfaces. Alfaces a 5\$00 cada!

Poderíamos aqui tecer uma série de lamentações, considerações acerca do aumento do custo de vida, da angústia da dona de casa, que vê o porta-moedas a esvaziar-se e o saco das compras quase vazio, com almoço certo à hora habitual, mas não vale a pena.

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo dos alhos a 50\$00 e dos alhos novos, a 3\$50; das favas, a 3\$50; do feijão verde, a 6\$00 e 7\$00; das cenouras, a 3\$00 e 3\$50; dos pimentos, a 50\$00 e 52\$; do tomate, a 9\$00 e 10\$; do pepino, a 13\$00; da ervilha de grão, a 5\$50 e 6\$00; da azeitona, a 8\$40, 9\$00, 10\$00, 12\$00 e 20\$; do tremço, a 4\$00; da batata, a 1\$70, e da cebola, a 2\$00.

O molho dos espinafres estava a 12\$00; dos grelos, a 10\$00; da beterraba, a 5\$00 e 7\$00; da nabica, a 6\$00; dos rabanetes, a 3\$50; dos agriões, a 1\$50; a couve portuguesa a 1\$00 e 2\$50; o coração, a 4\$50; a couve-flor, a 5\$00; a lombarda, a 5\$00, 7\$50 e 12\$50; o nabo, a 3\$50 e 1\$50, e a alface, a 4\$00 e 5\$00.

PEIXE

O quilo da pescada branca vendia-se a 40\$00, 48\$00, 50\$00 e 59\$00; do cachucho, a 32\$00; do pargo, a 27\$50 e 49\$00; do cherne, a 34\$00; do linguado, a 55\$00 e 68\$; do negro, a 16\$00; dos rabos de pargo, a 17\$20; do robalinho, a 38\$00; do carapau, a 14\$40 e 18\$; da sardinha, a 14\$00; das lulas, a 38\$00; da pescada negra, a 27\$00; da palma, a 18\$00; da corvina,

a 22\$40; da esarda, a 8\$90; das ovas, a 50\$00; da marmota, a 28\$60 e 34\$00; das cartas, a 34\$; do safio, a 11\$00 e 28\$; das azevias, a 52\$00; do chicharro, a 7\$90; da pescadinha, a 27\$00; da faneca, a 28\$00; dos choccos, a 28\$00; do polvo, a 18\$; da dourada, a 15\$50; da garoupa, a 36\$00; do gorra, a 27\$00; dos filetes de pescada congelada, a 29\$70; da pescada congelada, a 16\$00, e da Tainha, a 12\$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos apresentava a seguinte tabela: 12\$20, 12\$50, 14\$20, 15\$00 e 15\$60.

O quilo do coelho limpo estava a 40\$00 e vivo, a 28\$00; do frango limpo do campo, a 34\$00 e vivo, a 25\$00; do frango limpo do aviário, a 25\$00 e vivo, a 21\$00.

FRUTAS

O quilo das peras vendia-se a 12\$00; dos morangos, a 19\$50 e 26\$00; do pera «golden», a 20\$; da laranja, a 11\$20; dos alperces, a 13\$00; das bananas, a 11\$70 e 13\$00; do ananás, a 35\$00; dos pêssegos, a 15\$60, 20\$00 e 24\$50; da maçã redeleta, a 22\$00; da ameixa, a 6\$50 e 9\$00; da cereja, a 16\$90, e das nêsperas, a 15\$60.

DONA DE CASA

INAUGURAÇÃO DA DOCA «ALFREDO DA SILVA»

DIA 23 DE JUNHO DE 1971

A LISNAVE tem o prazer de oferecer aos Exmos. Convidados um serviço especial de transporte, a funcionar na Praça do Império, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, das 15 às 16,15 horas.

Dispõe também de um serviço de dois autocarros no Centro Sul de Almada, das 15 às 16,15 horas, para todos os convidados da margem Sul do Tejo.

Para comodidade dos Exmos. Convidados, pede-se o favor de utilizarem estes sistemas de transporte, devido a dificuldades de estacionamento no ESTALEIRO DA MARGUEIRA.

Regresso a Lisboa assegurado a partir das 18,30 horas, com intervalos de 15 minutos.

O CASO DOS CADETES AFOGADOS EM MAFRA

Vai ser revisto o plano de instrução

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas distribuiu a seguinte comunicação, referente ao desastre em que morreram afogados quatro instruídos do C. O. M.:

«1. Foi entregue, no Ministério do Exército, em 18 do corrente, o inquérito mandado levantar para esclarecimento do desastre numa das lagoas da Tapada de Mafra, ocorrido no passado dia 4, durante a instrução do 1.º ciclo do Curso de Oficiais Militares. O inquérito foi realizado pelo brigadeiro 2.º comandante da Região Militar de Lisboa.

Foram ouvidos os comandante e 2.º comandante da Escola Prática de Infantaria, os comandantes do batalhão e da companhia de instrução, o comandante do pelotão que realizava o exercício, alferes Azevedo Sobral, e seis dos soldados cadetes do pelotão.

2. As conclusões do inquérito foram as seguintes:

1.º É tradicional no curso de oficiais milicianos, durante os diferentes exercícios que realizam para se adequarem para operações militares, os instruídos passarem por uma das lagoas da Tapada embora entrando e saindo pela mesma margem, quando a água está funda no meio e não permite a travessia; assim procedeu, por exemplo, o pelotão que, minutos antes do acidente, passou pela mesma lagoa.

2.º Era intenção do comandante do pelotão, alferes Azevedo Sobral, proceder do mes-

mo modo com os seus instruídos, tanto mais que vários não sabiam nadar, mas consentiu que alguns, mais desembaraçados e ágeis, tentassem, por entusiasmo de momento, fazer a nado a travessia completa da lagoa, muito cheia de água por motivo das últimas chuvas.

3.º Devido ao volume da água e às plantas aquáticas existentes na lagoa, os primeiros quiseram efectuar a travessia entrando em dificuldade e em pânico, sendo alguns salvos de perecer afogados, pelo próprio comandante do pelotão, que também entrou na lagoa, e por alguns dos instruídos. Quatro, no entanto, perderam a vida.

4.º Não foi ordenada pelo comandante do pelotão nem por qualquer dos responsáveis dos escalões superiores a travessia da lagoa.

Em resultado destas conclusões do inquérito, e enquanto segue seus trâmites o auto de corpo de delito mandado levantar ao alferes Azevedo Sobral, o ministro do Exército ordenou a revisão da instrução na Escola Prática de Infantaria, por forma a acabarem-se tradições que podem tornar-se perigosas, embora sem prejuízo da dureza da instrução, absolutamente necessária para desembaraçar os instruídos, que chegam à corporação militar, na maioria dos casos, sem qualquer grau de educação física apreciável, e que é do seu próprio interesse possuírem».

MODELO *Supermercados*

GRANDE QUINZENA DA CARNE DE PORCO
em todos os **MODELO SUPERMERCADOS**

COSTELETAS DE PORCO	45\$00 - 50\$00
CARNE DE PORCO LIMPA	49\$80 - 55\$00
TOUCINHO ENTREMEADO	23\$80 - 28\$00
CABEÇA DE PORCO	14\$00 - 18\$00

Chamamos a atenção para a nossa Secção de PEIXE FRESCO, diariamente recebido das lotas de SESIMBRA, PENICHE, SETÚBAL e COSTA DA CAPARICA, e vendido em condições únicas de frescura, qualidade e higiene.

AS RELAÇÕES ECONÓMICAS COM O BRASIL COMEÇARAM HOJE A SER DEBATIDAS NUM COLÓQUIO ORGANIZADO PELO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Nas instalações da Feira Internacional de Lisboa começaram esta manhã os trabalhos relativos ao colóquio promovido e organizado pelo Banco Português do Atlântico, em colaboração com a União dos Bancos Brasileiros, para estudo e discussão das relações económicas com o Brasil.

A presente iniciativa daquela instituição de crédito portuguesa, a 5.ª do género, insere-se num ciclo programado com larga antecedência e que tem por objectivo estudar exaustivamente e recomendar soluções para os diversos aspectos que caracterizam o condicionalismo das nossas relações comerciais com os mercados externos.

Com esse intuito, aliás, o Banco Português do Atlântico tem vindo a editar diversas brochuras visando divulgar o resultado dos inquéritos previamente elaborados e a análise dos vários mercados com os quais têm sido levados a efeito realizações de natureza deste «V Encontro — Relações Económicas com o Brasil».

A fim de participar neste colóquio e imprimir uma mais viva autenticidade e actualidade técnica aos trabalhos, o B. P. A. e a União de Bancos Brasileiros promoveram a vinda ao nosso País de reputados técnicos do país irmão em assuntos económico-financeiros.

Na sessão desta manhã o dr. Vasco Vieira de Almeida, administrador do B. P. A., falou sobre a «Evolução e perspectivas das relações económicas luso-brasileiras» e o sr. prof. dr. Gonçalves de Proença fez uma desenvolvimento e bem documentada exposição acerca das «Perspectivas da economia angolana».

A anteceder o debate, o sr. eng.º João Carlos Sobral Meireles, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico — que presidiu aos trabalhos — dirigindo-se ao embaixador do Brasil, prof. Gama e Silva, proferiu um discurso em que analisou as relações entre os dois países e circunscreveu os objectivos do colóquio que ia ter começo.

As palavras do sr. eng.º João Carlos Sobral Meireles
Começou por afirmar o sr. eng.º João Meireles, depois de

saudar o embaixador do Brasil:

«Sem desdouro para os meus compatriotas, pois estou certo que às minhas palavras se associam, gostaria de destacar, numa saudação particularmente cordial, os participantes que do Brasil especialmente se deslocaram a Portugal e de entre estes, os ilustres conferencistas que nos honraram com a aceitação do convite para pessoalmente virem até junto de nós e nos exporem os mais relevantes aspectos da apaixonante e pujante realidade brasileira de hoje». E prosseguiu: «Foi este, com efeito, o caminho que nos pareceu mais idóneo para a abordagem das matérias que constituem a substância deste colóquio: proporcionar a apresentação e a descrição do portentoso fenómeno de crescimento, da expansão, do florescimento económico e financeiro do Brasil, pois que — doloroso mas forçoso nos é reconhecer — a maioria dos portugueses não possui uma noção exacta do Brasil actual... e de certo a reciprocidade também será verdadeira».

«Não entrarei na análise desta situação, por descabida nestas breves palavras: mas direi que, se este facto é paradoxal — porquanto, se a algum povo estamos indissolvelmente ligados, é ao brasileiro — ele se compreende talvez e... precisamente em razão desses laços».

Mais adiante, procurando explicar a reciprocidade de atitudes dos dois povos que acabara de traçar, acrescentou: «Estamos tão intimamente ligados ao Brasil, a nação irmã é a tal ponto o prolongamento da nossa História e da nossa afectividade — numa palavra: de nós próprios — que damos por certa a continuidade de um perfeito conhecimento, o qual, na verdade, já nem sempre temos».

A necessidade de uma tarefa de renovação a um propósito bem firmado dos dois povos e dos seus governantes

Passou o eng.º João Meireles a referir-se ao que designou por «Tarefa de actualização de conhecimento mútuo» entre os dois povos, nos seguintes termos: «Esta neces-

sidade é mais do que o resultado de uma experiência individual — aquela que todos nós, portugueses ou brasileiros, sentimos quando nos deslocamos ao país irmão — é um propósito bem firmado dos dois povos e dos seus governantes, pois não se pode apagar da nossa memória nem o significado da visita do nosso Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, ao Brasil, nem o significado das palavras com que há menos de uma semana, numa das suas conversas com o País, ele se voltou a referir à necessária comunhão dos nossos interesses, nem ainda o significado positivo da recentíssima presença entre nós do prof. Delim Neto, ilustre ministro da Fazenda do Brasil.

Pois, para esse melhor conhecimento indispensável, esperamos que deem um útil contributo estas jornadas de trabalho. E nossa intenção repete-se dentro de poucos meses, em terras do Brasil: e aí, inversamente, competiremos à apresentação e a explicação, em pormenor, do interesse real e potencial que actualmente Portugal metropolitano e ultramarino apresenta para os nossos patriotas».

Isso levou o Banco Português do Atlântico a celebrar com a União dos Bancos Brasileiros um acordo de participação, representação e cooperação que simultaneamente simbolizasse esse espírito e exercesse essa função. Mais de 100 milhões de súbditos lusos passaram a dispor no Brasil, em Portugal metropolitano e ultramarino, de mais de 600 agências e dependências. Os serviços dos três Bancos servem assim, indistintamente, os interesses concretos da Comunidade.

Não é só a nós, porém, mas também — e principalmente — a V. Exas. que neste colóquio cabe definir concretamente a cooperação possível entre Portugal e o Brasil. Nós podemos apresentar, anunciar, sugerir — e muito honrados nos sentimos ao fazê-lo, sabendo que desta forma estamos a procurar contribuir para a afirmação e engrandecimento da presença dos povos de língua portuguesa no mundo. Mas é a V. Exas., participantes neste encontro, que é ao mesmo tempo a celebração da velha amizade que pretendemos aju-

dar a rejuvenescer e uma reunião de trabalho que queremos positiva e profícua — é a V. Exas., dizia, que a partir desta altura entregamos o encargo da descoberta de novos caminhos».

As palavras do embaixador do Brasil

Usou em seguida da palavra o prof. Gama e Silva, embaixador do Brasil, que num breve e eloquente improvisado agradeceu as palavras que lhe tinham sido dirigidas, congratulou-se pelo significado que o «V Encontro — Relações Económicas com o Brasil» encerra nas relações entre os dois países irmãos e reiterou a sua confiança no esforço dos dois povos no sentido de revitalizarem e robustecerem laços que, embora sedimentados pela força da tradição comum, não podiam dispensar renovado contributo de iniciativas com as do Banco Português do Atlântico e União de Bancos Brasileiros — a animá-los.

A comunicação do dr. Vasco Vieira de Almeida

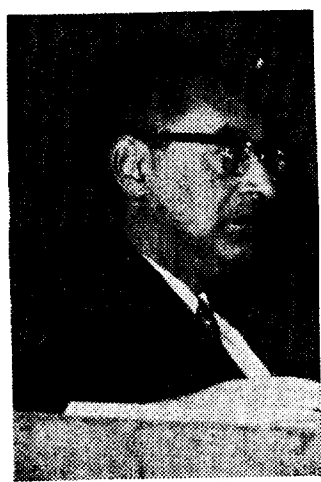
Entrando-se na ordem dos trabalhos, o dr. Vasco Vieira de Almeida, administrador do Banco Português do Atlântico, falou da «Evolução e perspectivas das relações económicas Luso-Brasileiras», tema a que deu largo desenvolvimento.

A comunicação do prof. Gonçalves de Proença sobre a economia angolana

O ultimo orador da sessão da manhã foi o prof. dr. Gonçalves de Proença, vice-presidente do Banco Comercial de Angola, que, falando das «Perspectivas da economia angolana», começou por pôr a questão: «que poderá Angola oferecer ao Brasil e o que poderá o Brasil oferecer a Angola no plano económico? É nosso desejo que ao finalizar este encontro tenhamos, não a resposta, mas o ponto de partida para essa resposta. Se isso se conseguir, teremos alcançado um objectivo importante».

O orador teve-se na apreciação dos principais sectores da economia angolana: a agricultura e as indústrias extractivas, acentuando o facto de, com a expansão daquelas indústrias as produções agrícolas não cheguem, actualmente, a representar 50 por cento das exportações.

El reportando-se àquele sector industrial: «A produção mineira conheceu, a partir de 1968, uma expansão considerável devido à exploração dos ricos jazigos de minério de ferro da Cassinga e do petróleo de Cabinda. Em consequência, a taxa anual de crescimento do valor da produção subiu vertiginosamente: de 11 por cento em 1960-69 para 35,5 por cento no quinquénio seguinte. Destinando-se fundamentalmente à exportação, os produtos das indústrias extractivas aumentaram assim rapidamente o seu peso nas ven-



O eng.º João Carlos Sobral Meireles, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico

das para o exterior da província, passando de 20 por cento em 1966 para 45 por cento em 1970».

Mereceu também atenta análise por parte do prof. Gonçalves de Proença o problema do investimento na indústria transformadora, cujos números triplicaram entre 1963 e 1967.

Os trabalhos prosseguem à tarde com uma comunicação do dr. Marcello Marques Moreira, administrador-geral do Banco de Angola, sobre «O mercado financeiro brasileiro», referindo-se em especial à estrutura do mercado financeiro bancos de investimentos e financeiros, letras com cláusulas de correção monetária e medidas tomadas para incentivar o mercado primário e secundário de títulos».

Amanhã, com início às 10 horas, prosseguem as sessões com trabalhos dos dr. Francisco Neves Dornelles, sobre «Características fundamentais do regime tributário brasileiro», e dr. Oscar Augusto de Camargo, acerca das «Objectivos da complementação industrial».

As festas populares de Paço de Arcos prosseguem amanhã

Com assinalado êxito, estão a decorrer as festas dos Santos Populares, no Bairro Comendador Joaquim Matias, numa organização do Clube Desportivo de Paço de Arcos e da Associação dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, com o patrocínio de J. Pimenta, S. A. R. L.

Para amanhã, o programa compreende, às 21 e 45, em recinto fechado, um espectáculo de variedades, realizado pelos «Parodiantes de Lisboa» que para o efeito convidaram, entre outros, os seguintes artistas: Hugo Maia de Loureiro, Paulo de Carvalho, Duo Orfeu, Páco Bandeira, Renato Figueirinhas, Maria Helena Silva, Suzy Paula, José Cheta, Luís Romão, Carlos Areias, Maria Dilar, Corina e João Capela. Locutores: Fernando Almeida, Paulo Cardoso, Alfredo Alvela e Carlos Albuquerque. Dá ainda a sua colaboração o conjunto musical de Pedro Osório. Estará presente o programa PBX, dos Parodiantes de Lisboa.

As 23 horas, num percurso de cerca de 3000 metros, efectuar-se-á a corrida pedestre «Noite de S. João», destinada a atletas populares não filiados para o que foram instituídos numerosos prémios.

O programa terminará com lançamento de vistoso fogo de artifício.

AFOGADA NUM POCO

Deu entrada no Instituto de Medicina Legal, por ter sido encontrada morta no fundo de um poço, Idalina da Conceição Rafael, de 23 anos, residente no Cabeço de Montachique.

PORTUGAL PALPITA NOS CORAÇÕES DOS HOMENS DE ALÉM-MAR

— afirmou o deputado por Angola
Fernando de Sá Viana Rebelo

Os artigos da Proposta de Lei n.º 14/X (Revisão da Constituição) referentes ao Ultramar foram defendidos hoje na Assembleia Nacional pelo deputado Fernando de Sá Viana Rebelo, de Angola. Segundo afirmou, os referidos artigos «conseguem o que se pretende, isto é, «leis votadas pelos seus órgãos legislativos, governo privativo que assegure a marcha corrente da administração pública, finanças provinciais que permitam custear as despesas locais com as receitas localmente cobradas segundo o orçamento elaborado e aprovado pela sua assembleia electiva».

O deputado Sá Viana Rebelo falou na sessão da manhã, no período da ordem do dia. Antes dele, tinham usado da palavra os deputados Ávila e Azevedo e Cunha Araújo e, depois, falaram os deputados Linhares de Andrade e Moura Ramos.

Na sua breve intervenção

o deputado Sá Viana Rebelo depois de salientar que «Portugal palpita nos corações dos homens de além-mar, com a mesma veemência do que aqui, na Europa», afirmou: «Mas também possuímos uma forte vontade de, sem abandonarmos os rumos gerais (...) maior auctoridade política-administrativa, de maior capacidade de governação, pois, não afirmo só nós, mas principalmente nós, julgamos saber o que mais convém ao Ultramar para a sua vivência, para o seu progresso e até para o fraterno estreitamento das relações com Portugal europeu». E ainda: «O homem do Ultramar é tão português como o do Minho ou Alentejo (...) Não poderá, portanto, sem se sentir anicilado, pensar em ser praticamente administrado de longe por departamentos estatais tantas vezes orientado por pessoas que de Angola pouco sabem ou porque jamais viveram os seus anseios (...)».

BOM APETITE

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211

JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS c/ conjunto privativo AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. 1 (Maiores de 5 anos)

restaurante arameiro
LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PREMIO DO S. N. 1

VIRIATO
SNACK-BAR RESTAURANTE CERVEJARIA COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomá, Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

Restaurante breque
A deliciosa cozinha Portuguesa do seu decorado ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica
Domingo: PERNA DE CABRITO A PADEIRO ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telef. 677006 - 679993

O diadema para as princesas «Teen-Agers» uma obra de arte de H. Stern-Joalheiros

A sr.^a D. Germaine Ter-ville de Castro, directora de H. Stern Joalheiros em Portugal, fez ontem a entrega, ao «Diário de Lisboa», do diadema que irá coroar as Princesas Portu-

guesa e Mundial das «Teen-Agers»-1971, nos próximos dias 3 e 10 de Julho.

O diadema, de prata lavrada portuguesa antiga e pedras preciosas brasileiras, é mais uma autêntica

obra de arte produzida por H. Stern e ficará a pertencer à organização do concurso das «Teen-Agers» em Portugal, que o utilizará em todas as eleições nos anos futuros.

Em nome do «Diário de Lisboa» esteve a receber o diadema a esposa do nosso director, sr.^a D. Madalena Ruela Ramos, que, para o efeito, se deslocou à loja de H. Stern do Hotel Ritz, onde foi recebida pela direcção daquela firma internacional.

H. Stern-Joalheiros é uma organização brasileira que se projecta no mundo inteiro. Nasceu do esforço e da visão de um jovem que soube valorizar o imenso potencial de pedras e metais preciosos desse Brasil também imenso, através de um trabalho fecundo e honesto. H. Stern-Joalheiros tornou-se rapidamente na maior organização joalheira do Brasil.

Hoje, as instalações das suas casas principais no Rio de Janeiro e em São Paulo ocupam 15 pavimen-

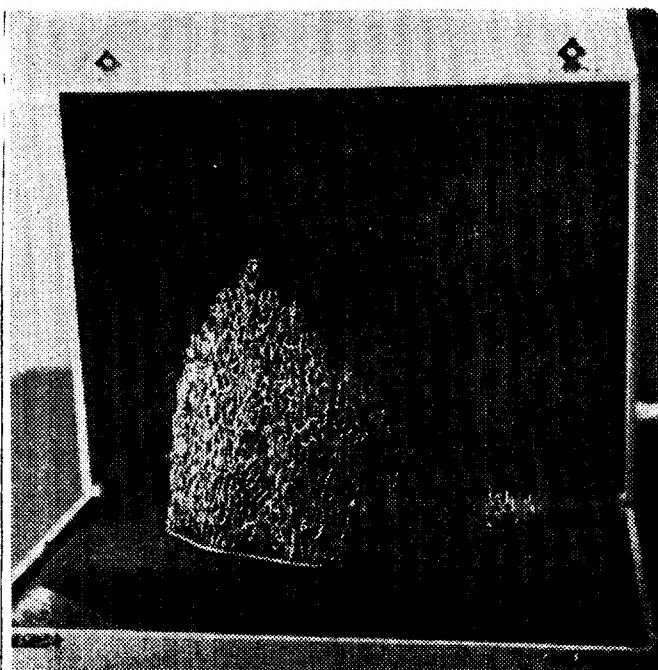
tos e oferecem ao visitante o espectáculo fascinante do «nascimento» de uma jóia através de todas as fases de produção. Todo o território brasileiro está praticamente coberto pelas suas cerca de 170 filiais.

No estrangeiro H. Stern-Joalheiros possui também um largo numero de filiais em todas as grandes capitais do mundo, além de lojas a bordo dos principais e mais importantes transatlânticos de luxo.

H. STERN EM PORTUGAL

Aliando a beleza das pedras preciosas brasileiras à perfeição, tradição e bom gosto dos artistas ourives portugueses, H. Stern tem hoje montada em Portugal uma organização, cuja sede funciona no Hotel Ritz, em Lisboa, e com filiais no Hotel Alvor-Praia e Hotel Jupiter, no Algarve, e no Aeroporto de Lisboa, nos voos domésticos.

H. Stern Portugal é, pois, uma organização portuguesa que importa de H. Stern



O diadema de prata lavrada e pedras preciosas que irá coroar, daqui para o futuro, as Princesas das «Teen-Agers»

Brasil todas as pedras que são utilizadas nas jóias, quer elas sejam modernas (imaginadas pela equipa de desenhadores do Rio de Janeiro), quer sejam reproduções de jóias antigas executadas com a mesma habilidade e requinte que fizeram o renome da joalheria portuguesa.

Esta é, em resumo, a história de H. Stern, uma das empresas que se associou ao

«Diário de Lisboa» para dar mais brilho aos Concursos Nacional e Mundial das «Teen-Agers»-1971.

O diadema com que desfilarão as Princesas das «Teen-Agers» é, realmente, uma obra de arte saída das oficinas de H. Stern Portugal, bem digna das tradições da joalheria portuguesa, das pedras brasileiras e do prestígio mundial de H. Stern.

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971 PRÉMIOS

PARA A 1.ª:

- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLO);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina — Academia Internacional de Estética);
- Gama completa de produtos Lyncée;
- Gama completa de produtos Revlon.

PARA A 2.ª:

- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:

- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500\$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);
- Um rádio GRUNDIG modelo «Elite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitiço do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitiço do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLO da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCEE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);
- Produtos BRECK (oferta da Intermarka, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarka, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Botas altas (oferta da Sapataria Bola de Prata).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.



COM O PATROCÍNIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO E JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

E A COLABORAÇÃO DE:

PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1971

Bayer Portugal
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho
(Produtos REVLO)
Centro de Estética Feminina
Viagens Apolo
Crédito Predial Português
Intermarka — Grupo S. N. S.
(Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Riopele
Nacional Rádio (Rádios GRUNDIG)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCEE)
Escola de Manequins JUNO
H. Stern Joalheiros
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
Sapataria BOLA DE PRATA

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

Bayer Portugal
Intermarka — Grupo S. N. S.
(Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Tróia-Mar
Agia-Gevaert
Crédito Predial Português
Claras Turismo
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho
(Produtos REVLO)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCEE)
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
H. Stern Joalheiros
Restaurante Folclore
Sapataria BOLA DE PRATA

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo, 60\$00. Rua das Taipas 14. Tel. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melanço, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha.

João Luis, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo, 90\$00. Beco dos Curtumes, 10. Tel. 860816.

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fer-

nando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín. 61\$50 (taxas

Incl.) * Rua Gilberto Rolz, 24 * Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Mar-

nha. Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias», 107. Tel. 328307. Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop-Soul e Undergraung. Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra. Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis, 51-A. Tel. 775695.

TAMILA

Marão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. * Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Tel. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até às 5 da madrugada. Rua da Trindade, 9. Tel. 327109. Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa —

Música constante. Av. Marechal Carmona. Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. Show turístico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Tel. 55366.

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384. Conj. Hélder Reis. Encerra aos domingos.

a fuma

música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
e terça-feira, 38 d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Ave-

nida Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

BATACLAM

BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Tel. 560430.
BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

AINDA UMA SEMANA PARA ENVIAR OS CUPÕES

(Continuação da 1.ª página)

centro urbano do Bairro Comendador Joaquim Matias, em Paço de Arcos e muitas viagens pelo mundo serão proporcionados a leitores do nosso jornal, pelo simples facto de terem remetido, devidamente preenchido o cupão-duplo de identificação. Claro: quem o não fez está ainda a tempo de poder tomar parte na iniciativa e habilitar-se portanto a óptimos prémios.

Com a colaboração das companhias de aviação Varig, Canadian Pacific e SAS, leitores do nosso jornal contemplados no segundo sorteio da iniciativa vão ter oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro e a espectacular praia de Copacabana; Toronto e Montreal (e as famosas Cataratas do Niágara), a Escandinávia, com escala em Copenhague, Estocolmo e Oslo, e ainda Paris, Londres, Roma e Frankfurt. Mais se esclarece que as viagens são duplas e, portanto, cada premiado pode

deslocar-se com um acompanhante (familiar ou amigo) beneficiando ambos de uma estadia de oito dias.

Estes são alguns dos prémios que reservamos para os leitores que se decidirem a participar nesta grande iniciativa que tem despertado o entusiasmo de muitos milhares de pessoas espalhados por todos os pontos do país.

Pode ainda habilitar-se a estes prémios, remetendo, uma única vez, devidamente preenchido, o cupão-duplo que continuamos a publicar. Deve

preenchê-lo com letra bem legível, enviando-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.ª - Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00. Dentro de dias, receberá o cartão que o identifica como leitor do «Diário de Lisboa» e o número que o habilitará ao sorteio. Nada mais é necessário. Apenas, se for premiado em sorteio, terá de provar ser leitor habitual do nosso jornal. Como? Exibindo a colecção de «cabecinhos» do «Diário de Lisboa» publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo. Recorde-



O magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, e o complemento do fabuloso primeiro prémio desta segunda fase da iniciativa: um confortável apartamento mobilado, em Paço de Arcos

se que o regulamento da iniciativa permite uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação e que a conferência de «cabecinhos» será feita por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um repre-

sentante da autoridade policial da localidade onde o premiado reside. Tem ainda oito dias para tomar parte na iniciativa. O prazo para a recepção dos cupões-duplos termina, impreterivelmente, no próximo dia 30.

ATENÇÃO

Não envie o cupão-duplo em sobrescrito aberto. Remeta-o em sobrescrito fechado, com um selo de 1\$00.

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscreverá o seu nome, a morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.ª Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Le-

tor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a beneficiar de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir na sua residência o número de «cabecinhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabecinhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente do cupão-duplo de identificação en-

viado no dia seguinte após a realização do sorteio entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabecinhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter colecionado o número suficiente de «cabecinhos», o prémio se-

rá atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabecinhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente), assim se procedendo sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação. — Fica estabelecido que a

partida das viagens que constituem prémios seja feita da Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabecinhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

JORNAIS

ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1350 por cada jornal solicitado

ASSINATURAS

Acetam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos com os preços seguintes:

3 meses — 130\$00
6 meses — 250\$00
12 meses — 485\$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º _____

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (n) _____

PROFISSÃO (n) _____

(n) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

(n) A preencher pelo jornal (n) Facultativo

LEITOR DO **Diário de Lisboa**

N.º _____

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (n) _____

PROFISSÃO (n) _____

(n) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

(n) A preencher pelo jornal (n) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES
22 (A. N. I.) — O Gabinete do Comando-Chefe distribuiu o seguinte comunicado das Forças Armadas:

«Comunicado n.º 9-5/71 do Comando-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, 20 de Junho de 1971:

A — Situação em Cabo Delgado — Inimigo: em fuga permanente, com numerosas deserções, com diminuição drástica da utilização de minas e engenhos explosivos e com reacções á actuação das nossas forças, em numero decrescente, do tipo flagelação de morceiros, mesmo que a distancia e pouco precisa e, já raramente, do tipo emboscada, mesmo que medrosa e muito curta. Alguns poucos ataques a populações.

«A sua actividade tem sido tão baixa que se admite como possível um seu acurto, embora limitado.

Populações fugidas: desmoralizadas e com deficiências alimentares e de vestuário, aumentando o seu antagonismo para com a Frelimo que encontra dificuldades crescentes de «controlo» e recrutamento.

Populações capturadas, apresentadas e presentes: Estado estacionário geral, com significativas melhorias de nível de vida em alguns aldeamentos. Numerosos oferecimentos para formação de G. E. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Nossas forças: Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, das séries «Orfeu» (12 operações), «Balaio» (3 operações), «Ómega» (3 operações) e «Diversas» (9 operações), lançaram-se nesta ofensiva, com as primeiras operações da série «Badmal» e com a operação «Icaro». Continuam as operações «Entre-rios», «Afluente» e «Jusante» ligadas á construção de estradas asfaltadas.

Iniciou-se a grande operação «Fronteira», de promoção socio-económica da faixa fronteiriça.

B — Situação no Niassa — Inimigo: Estacionário, refugiado em locais de grande inacessibilidade, de onde desce para colocação de algumas poucas minas e realização de alguns poucos ataques a populações.

Populações: Estado estacionário geral, com a grande excepção que abrange todo o Niassa Sul e se estende progressivamente para norte e

sul e diz respeito á colocação entusiástica das populações em regime de autodefesa. Numerosos oferecimentos para formação de G. E. integrados sequência, aldeada e protegida do inimigo.

«Numerosos oferecimentos para a formação de G. E. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Nossas Forças: Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, operações da série «Prevenção» (97 operações) e operações «Falcão Negro», «Mascote Negra», «Mascote Azul», «Rajá Na-

gro», «Fidalgo», «Rubi» e «Perseguição», lançaram-se nesta ofensiva, com as operações «Furão» e «Falcão Negro».

Continuam a operação «Hércules» e diversas operações ligadas á construção de estradas asfaltadas.

Continuam, também, várias operações ligadas ao reordenamento das populações, nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Nossas Forças: Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, ope-

rações «Almofariz», «Amasadeia», «Jaguar I» e «Jaguar II», lançaram-se nesta ofensiva, com a vasta operação «Jaguar III».

C — Situação em Tete — Inimigo: Esforço do inimigo no sentido de obter o apoio das populações, que se reveste frequentemente da forma de terrorismo selectivo, tendente a vencer a resistência destas.

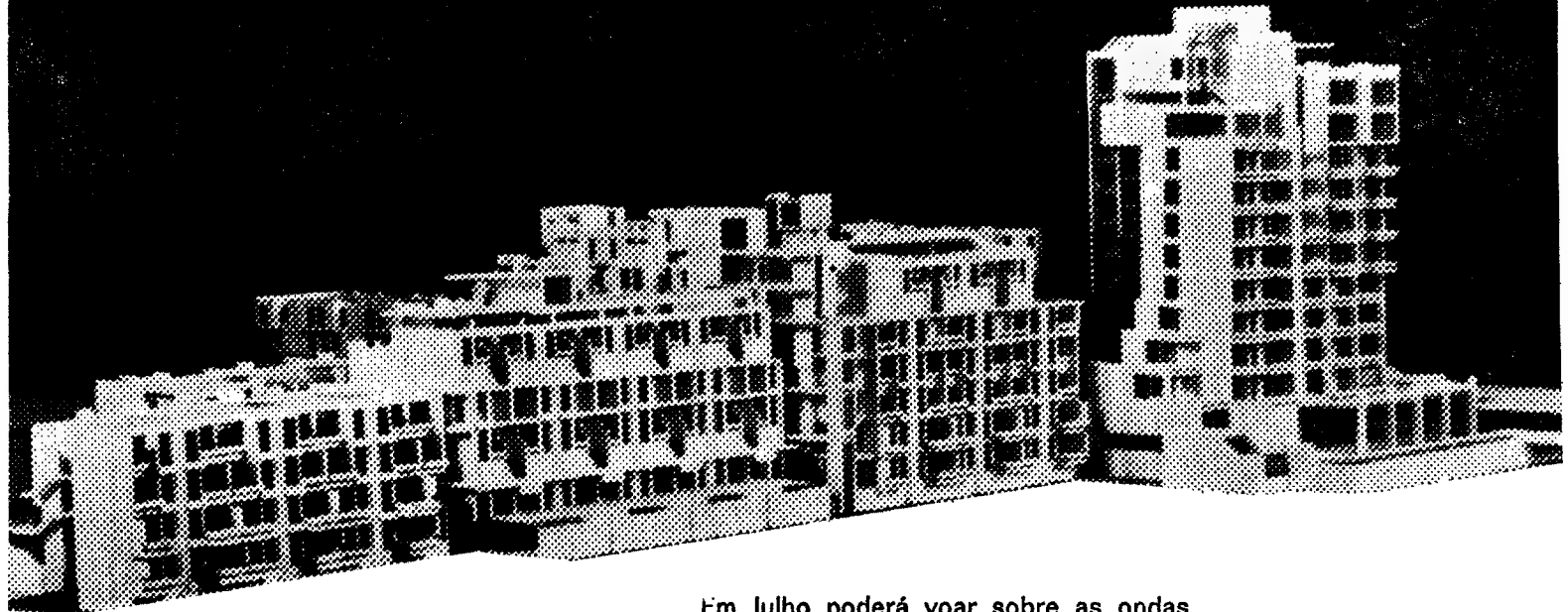
«Algumas outras, muito poucas, acções violentas isoladas em locais tão próximo quanto possível de áreas sensíveis, como são as de Cabo-

ra-Bassa e seus acessos, Angónia e região do Tete-Montize, tendentes á criação de climas emocionais.

Populações: Uma parte, decrescente em numero, desorientada em face da sua relutância ao alceamento e da sua consequente exposição ao inimigo. Outra parte, crescente em numero, já mentalizada para o aldeamento e, em consequência, aldeada e protegida do inimigo. Muitos são os oferecimentos para a formação da G. F. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Forças portuguesas — Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, operações da série «Prevenção» (97 operações) e operações «Falcão Negro», «Mascote Negra», «Mascote Azul», «Rajá Negro», «Fidalgo», «Rubi» e «Perseguição», lançaram-se nesta ofensiva, com as operações «Furão» e «Falcão Negro». Continuam a operação «Hércules» e diversas operações ligadas á construção de estradas asfaltadas. Continuam também, várias operações ligadas ao reordenamento das populações.

troia aproxima-se de lisboa



Em Julho poderá voar sobre as ondas de Setúbal a Troia em menos de cinco minutos num dos «hovercrafts» das carreiras regulares Sesimbra-Setúbal-Troia.

Visite Troia, conheça o empreendimento turístico que a TORRALTA aí vai promover e utilize o restaurante Troiamar.



TORRALTA

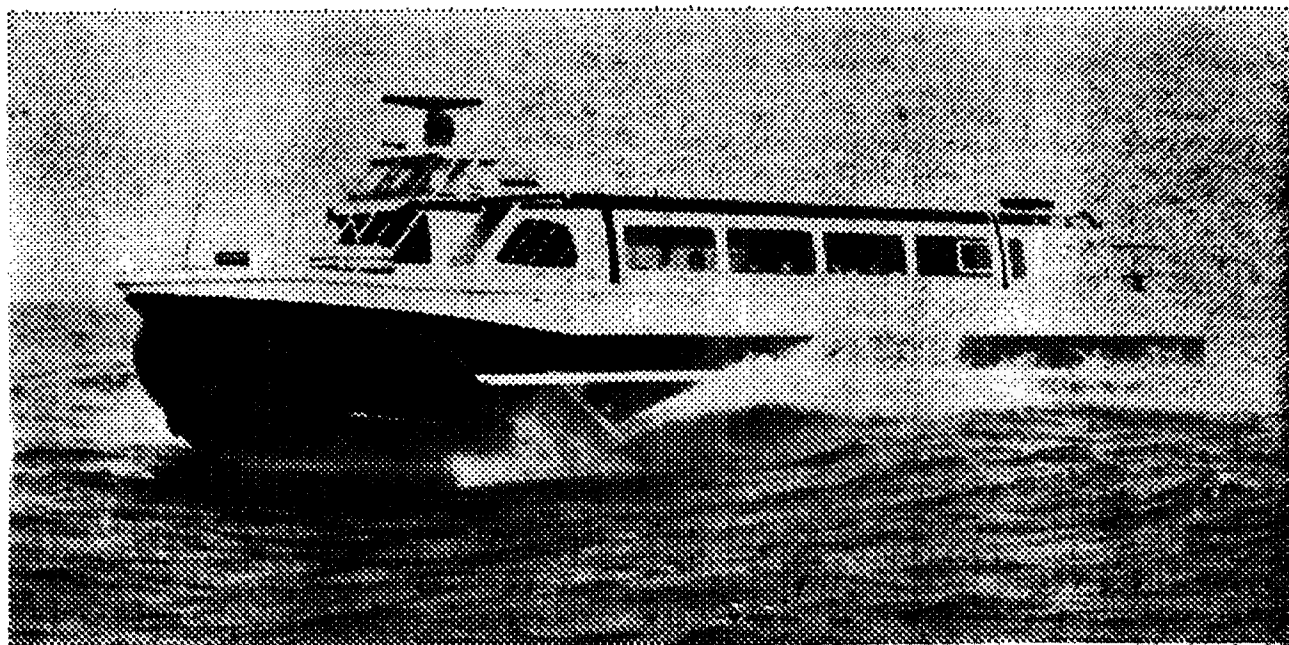
UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Novo material para os Bombeiros de Coimbra

COIMBRA, 21 — Com a presença do sr. António Miranda Veloso, vereador do pelourinho de Incêndios da Câmara Municipal e do sr. tenente António da Silva Brás, comandante do Corpo de Bombeiros Municipais, foram feitas experiências com uma bomba de profundidade, alimentada por um gerador eléctrico.

As experiências deram os melhores resultados, pois foi tirada água á profundidade de 20 metros, alimentando simultaneamente duas agulhetas, na cadência de 270 litros por minuto; 240 litros, á profundidade de 23 metros; 200 litros a 26 metros; e 120 litros a 30 metros.

Em face destes resultados, os Bombeiros Municipais vão adquirir a bomba experimental, uma vez que já possuem o gerador eléctrico indispensável ao seu funcionamento, pois a referida bomba, nesta região é de muita utilidade, especialmente para os locais onde os poços são profundos.



A actual revisão constitucional considerada a primeira «liberalizante» num debate efectuado na SEDES

Na sede da Sociedade de Empreendimentos para o Desenvolvimento Económico e Social (SEDES), na Rua do Viriato, 5, 1.º, efectuou-se ontem um debate entre os sócios, sobre «A problemática do desenvolvimento económico e social e da participação na revisão da Constituição».

Os trabalhos foram orientados por uma mesa constituída pelos sócios srs. dr. Mário Campos Pinto, dr. Jorge Miranda e dr. Joaquim Magalhães Mota.

Foi recordado que a Constituição Portuguesa de 1933 constitui um compromisso entre uma reacção antiliberal e

o desejo de não quebrar a tradição liberal anterior. Por um lado esta reacção antiliberal traduz-se em normas e em práticas de carácter autoritário e, por outro, sob influência da doutrina social católica e da Constituição alemã de Weimar (modelo do chamado Estado social de Direito), ela permite ultrapassar o individualismo e o liberalismo económico à século XIX. E daí o relevo prestado à família e aos restantes grupos sociais intermédios, o projecto de um regime corporativo e a definição de uma ordem económica e social. As revisões constitucionais operadas durante a

vigência desta Constituição desequilibraram este compromisso no sentido mais autoritário e menos liberal.

Revisão «liberalizante»

A actual revisão constitucional quer na proposta do Governo, quer nos projectos dos deputados, foi considerada a primeira de sentido «liberalizante». Com diferença de grau, podem até apontar-se pontos de convergência entre proposta e projectos. Passando à análise dos textos, numa perspectiva da SEDES encontraram-se alguns aspectos de possível interesse para a problemática

institucional do desenvolvimento económico e social.

De harmonia com a proposta do Governo virá dizer-se no art. 31.º, n.º 1, precisamente que é objectivo da intervenção geral do Estado na economia «promover o desenvolvimento económico e social do País e de cada uma das parcelas e regiões que o compõem e a justa distribuição dos rendimentos». Em termos bastante latos ficará, pois, consagrada a ideia de correlação entre o desenvolvimento nacional e o desenvolvimento regional, entre o desenvolvimento económico e o progresso social e entre o crescimento

da economia e a equitativa repartição dos seus frutos. De notar a fórmula estática actual, em que se fala em «equilíbrio da população, das profissões, dos empregos, do capital e do trabalho».

No art. 33.º propõe-se a uma intervenção mais forte e extensa em sectores-chave da vida económica, em «actividades económicas de primordial interesse colectivo». Apesar de evidentes hesitações doutrinárias, este o alcance que se depreende da redacção agora apresentada.

O art. 43.º estabelecendo o dever do Estado de procurar assegurar o acesso ao ensino de todos os cidadãos, projecta-se imediatamente no desenvolvimento: este tem por base a educação o que não significa que não haja que prevenir contra a intenção ou a ilusão de pôr a educação ao serviço de um desenvolvimento desumanizante.

Também o projecto Duarte do Amaral se debruça sobre a ordem económica e social. As inovações, que sustenta, são: o dever do Estado de realizar o pleno emprego dos recursos produtivos (art. 31.º, n.º 2), o de fomentar numa maior participação da agricultura no esforço e nos resultados do desenvolvimento (art. 31.º, n.º 3) e o de cooperar no sentido da maior justiça e eficiência das relações económicas internacionais (art. 32.º, in fine).

Quanto à participação, no que diz respeito à proposta de lei do Governo, pode ver-se reforço da participação das populações na vida social e política tanto no aumento de autonomia das províncias ultramarinas como no aumento das áreas de matérias reservadas à competência legislativa da Assembleia Nacional.

A autonomia das províncias ultramarinas, tal como a configuraram as primeiras alíneas do art. 135.º («direito de posuir órgãos electivos de governo próprio», «direito de legislar, através de órgãos próprios»), só se pode compreender como expressão de autonomia de todos os cidadãos das províncias ultramarinas, embora o seu exacto conteúdo e alcance dependa do que vier a ser fixado na Lei Orgânica e nos Estatutos dos Territórios Ultramarinos.

A participação dos cidadãos na feitura das leis só é possível, fora do referendo legislativo e iniciativa popular por meio de órgãos representativos em especial de órgãos representativos de debate público entre sectores diversos de opinião: os Parlamentos. Por conseguinte, essa participação há-de ser tanto maior quanto maior for o campo em que eles, e apenas eles, puderam legislar.

No projecto Sá Carneiro são dois os pontos que avultam, neste domínio: o proclamar-se um «direito à informação livre e verídica», sabido que em informação não existe par-

ticipação, e o regresso à eleição do Presidente da República por sufrágio directo, aproximaria de sufrágio universal.

O direito à emigração

Dos projectos dos deputados, salientou-se mais adiante a modificação sugerida no projecto n.º 6/X para o art. 6.º, n.º 3. Actualmente, consigna-se como fim do Estado «zelar pela melhoria das condições das classes mais desfavorecidas, procurando assegurar-lhes um nível de vida compatível com a dignidade humana». Propõe-se que, em vez disto, se diga simplesmente: «promover o bem-estar social, assegurando a todos os cidadãos um nível de vida de acordo com a dignidade humana». São várias as vantagens da nova formulação: consideração do bem-estar social como um todo, não resignação com a mera melhoria de condições de vida, atenção a todos os portugueses.

O mesmo projecto aceita o direito à emigração (art. 8.º, n.º 1-B). Este direito tem a natureza de uma liberdade: a de deslocação e de saída do território nacional. Mas tem repercussões sociais bem conhecidas, estreitamente ligadas ao direito ao trabalho, é meio de realização — a chegada — não à partida — daquela igualdade de oportunidade que a terra natal muitas vezes não sabe dar.

Deseja-se ainda que a proposta de lei e o projecto Sá Carneiro pretendam ambos melhorar a tutela dos direitos fundamentais — contemplada sobretudo, no art. 8.º — quer no concernente às liberdades (ou seja, às manifestações de capacidades pessoais) quer no concernente às garantias individuais (formas de defesa das liberdades). A proposta, porém, quase só atende as garantias, ao passo que os traços mais originais do projecto se situam no tratamento das liberdades.

Na proposta, alarga-se o direito de defesa à aplicação das medidas de segurança; entende-se a proibição das penas perpétuas às medidas de segurança privativas ou restritas da liberdade pessoal, isto é, à liberdade de locomoção, e vedam-se também as medidas de segurança ou as penas estabelecidas por tempo ilimitado ou por períodos indefinidamente prorrogáveis, excepto, quanto às primeiras, se se fundarem em anomalia psíquica e tiverem fim terapêutico; revê-se o regime das condições de privação da liberdade, especialmente através da prisão preventiva; alarga-se o princípio da liberdade, especialmente através da prisão preventiva; alarga-se o princípio da irretroatividade da lei penal, excluindo a aplicação da pena mais grave do que a fixada ao tempo da prática do delito, assegura-se, finalmente, o recurso contencioso de todos os actos administrativos definitivos e executivos que sejam arguidos de ilegalidade. Em contrapartida, convém observar o que o Governo sugere a propósito de estado de emergência no art. 109.º § 6.º

(Continua na 22.ª página)



O carro mais vendido em Portugal

O aspecto desportivo das suas linhas não é só para disfarçar. O FORD ESCORT tem um motor duma potência e genica que só se encontram nos carros chamados desportivos. FORD ESCORT: o carro familiar mais desportivo, ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. E muito espaçoso. Duas ou quatro portas. Ou Station. Nas versões 1100 ou 1300 GT. São todos FORD ESCORT. Todos têm a garra ESCORT.

VENDAS ESCORT - em 1970 - 4058
até Abril 1971 - 1515
(Estatística do G.N.I.M.F.V.A.)



FORD À FRENTE

À sua disposição nos Concessionários Ford

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Paga-mos muito bem. GRANDE OURIYESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL (13)

Mata bem e mata muito o grande caçador que é J. M. B.

— na opinião de um leitor

Continuam a suscitar reacções mais ou menos apaixonadas as cartas que publicamos do sr. dr. João Maria Bravo, director da revista «Caça e Pesca», nas quais o referido senhor, depois de nos acusar de parcialidade, apresenta como única solução para o futuro da venatória portuguesa a entrega da caça aos donos dos terrenos. A nossa resposta elucidou então o dr. J. M. B. dos motivos porque não ouvimos quem poderia defender o regime de coutadas, ao serviço da exploração comercial, aliás explicados logo no início do inquérito. Fora-nos dito, pela pessoa que contactámos numa firma que aluga portas de caça a 1000\$00 cada, que só participaria no nosso inquérito se ela se destinasse a defender sem restrições as coutadas. Outras

pessoas — e referimos a identidade de algumas — ou não quiseram dar-nos qualquer depoimento ou adiaram a entrevista.

Nas suas cartas, J. M. B. assume posições controversas e contraditórias. Demonstramo-lo sem fazer sequer

inquérito que não pudera desmontar.

Publicamos hoje uma carta do sr. António Pereira, do casal de Zambujeiro, Óbidos, que assume a nossa defesa para diluir o nosso «lupso» no interesse global da campanha a favor da caça. Agra-

Inquérito de ANTÓNIA DE SOUSA

exaustiva análise das suas palavras, tão evidentes eram as contradições.

J. M. B., que não conseguiu apontar no corpo do inquérito dados menos exactos — foram-nos fornecidos por um departamento oficial! — serviu-se de um pretenso lapso (os locais onde abunda a caça) para tentar diminuir todo o contexto ao

decemos essa defesa, pela boa intenção. Ela veio, contudo, demonstrar-nos que J. M. B. acertou no alvo que visava, aliás como atirador experiente. J. M. B. sabe que há uma realidade imediata portuguesa de terrenos selvagens despovoados de caça, situação para a qual contri-

(Continua na 16.ª página)



CHARRUA NA SUIÇA — Uma galeria de Neuchâtel acaba de dedicar espaço e tempo a um dos mais importantes artistas portugueses do momento: António Charrua. Quarenta pinturas e algumas esculturas integram a exposição, que agora segue (com algumas obras já adquiridas) para Zurique e Berna.

Confraternização de professores

VISEU, 22 — Reuniram-se na Escola do Magistério Primário os professores que a frequentaram, como alunos, no curso de 1949-51. Presidiu à confraternização o respectivo director, sr. dr. José Amado Morgado.

— Encerrou-se a exposição, que foi muito apreciada, a exposição de trabalhos infantis, executados pelos alunos do Jardim-Escola João de Deus, sob a direcção da sr.ª D. Themis dos Santos.



Este é o novo edifício da sede da Junta de Freguesia da Gafanha da Encarnação, concelho de Ílhavo, que importou em mais de 350 contos e foi recentemente inaugurado pelo governador civil de Aveiro

**A MAIORIA
ESTA
DE ACORDO**

ao aplicar os seus capitais
em **J. PIMENTA, SARL**

Compre também propriedades
e o seu capital **valorizar-se-á**
ao mesmo tempo que lhe pro-
porciona um óptimo rendimento.

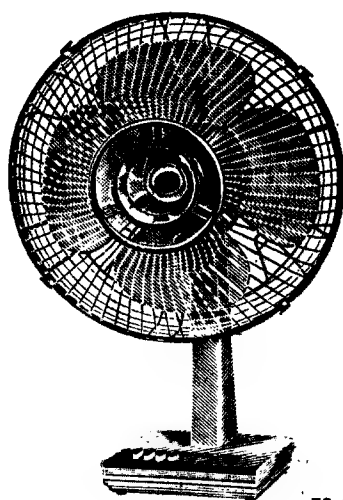
Informações:

Lisboa: Pr. Marquês de Pombal, 15
Tel. 45843 - 47843

VENTOÍNHAS *Toshiba*

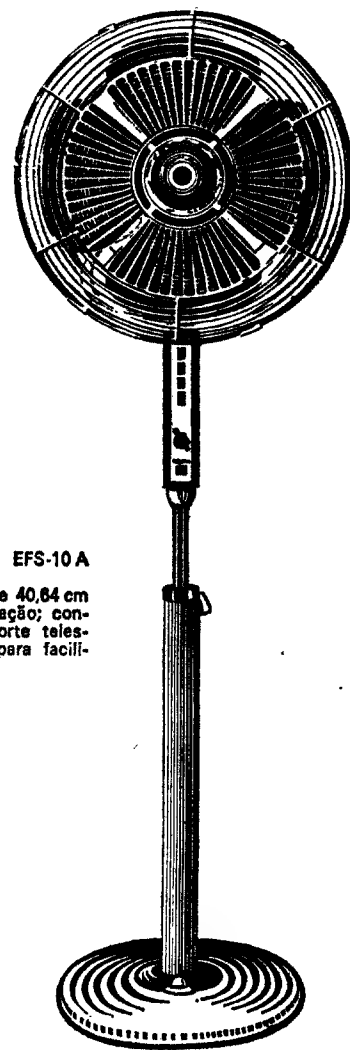
TOSHIBA VALE POR 4

Ventoínhas de tecto,
de secretária, de chão
e de automóvel
UMA LINHA COMPLETA



ES-47 C

Ventoínha de mesa, com 4 pás de 40,64 cm, de estilo elegante. Um trabalho fácil e silencioso. 4 Teclas de controlo e pás desmontáveis. Pode também ser utilizada como ventoínha de parede.



EFS-10 A

4 botões de controlo e 4 pás de 40,64 cm desmontáveis, e de dupla oscilação; controlo de oscilação frontal, suporte telescópico. Montada sobre rodas para facilidade de deslocação.

© *Ambiente* **TOSHIBA**

Toshiba **VENTOÍNHAS**
QUALIDADE DESDE 1875

A venda em todos os
bons estabelecimentos
e nos Agentes Toshiba



Sunbeam

INCOMPARÁVEL

classe inglesa
consumo escocês

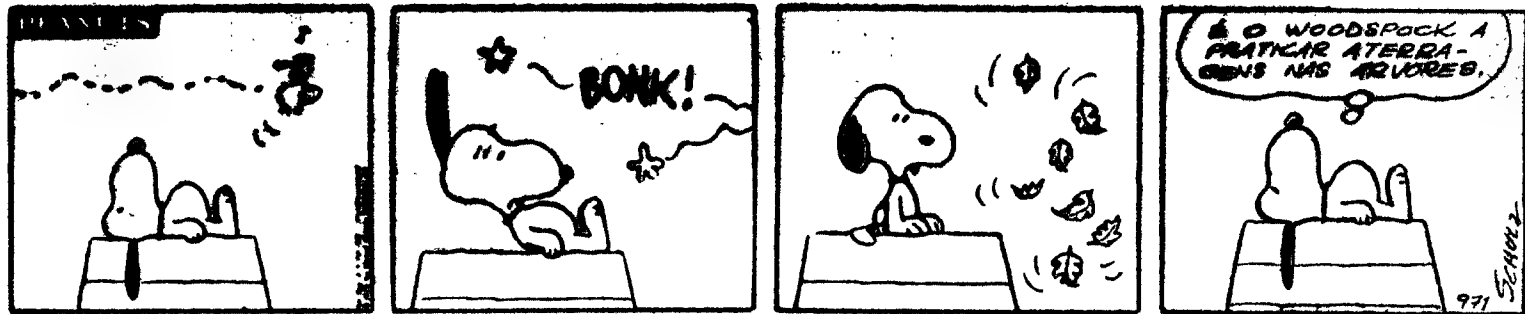
Nos Sunbeam "Avenger" 1250/1500 conseguimos uma mistura verdadeiramente embriagadora. Classe e acabamentos como só os Ingleses sabem dar aos seus carros. Um consumo escocês que fará o desespero dos vendedores de gasolina. Uma resistência de material extraordinária,

à laia de mineiro do País de Gales. A este «cozinhado» de qualidades juntámos, como sal e pimenta, o temperamento irlandês. Genica, vivacidade, rapidez, foga. Sunbeam—um britânico com temperamento irlandês, consumo escocês, resistência galesa e classe inglesa.



AGENTES EM TODO O PAÍS
Visite o seu agente Sunbeam/Chrysler e admire os Sunbeam "Avenger" 1250/1500

ONEVOZ SB-71-01



OS PEANUTS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Junho de 1941 publicava:

«BERLIM, 22 — As 6 e 30 de hoje, Hitler fez uma proclamação ao povo alemão, anunciando que a Alemanha declarou guerra à Rússia.»

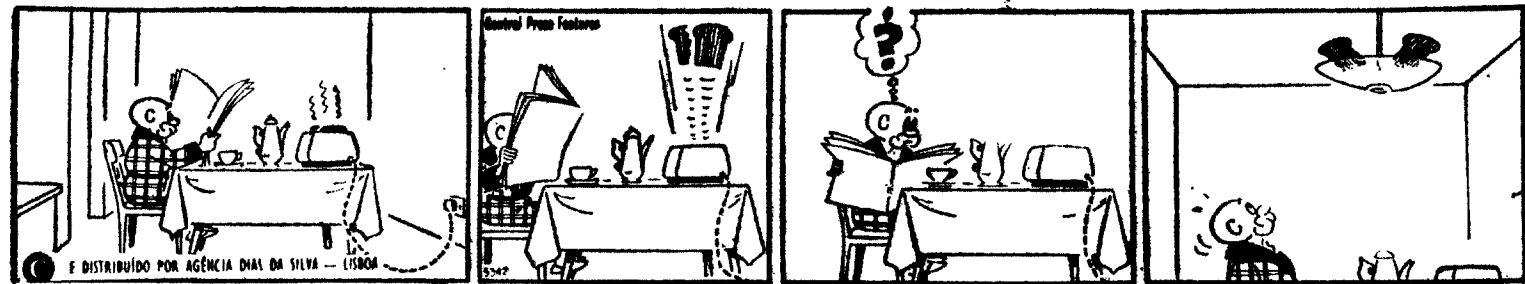
«ROMA, 22 — O Governo italiano comunicou ao embaixador soviético que, a partir das 5 e 30 horas de 22 de Junho, a Itália se considera em estado de guerra com a Rússia.»



CAROL DAY

Dentes Postiços

que se soltam não necessitam causar vergonha. Muitos portadores de dentaduras postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX. Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionem maior conforto. Não magoa. DENTOFIX elimina o mau hálito das dentaduras. Peça DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.



AVENTURAS DO TIO CARLOS

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5930

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 773

HORIZONTAIS: 1 — Adicionar. Baús. 2 — Guarnição de arames. Nome de mulher. 3 — Cidade do Brasil. Célebre poeta e músico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. 4 — Medida de líquidos japonesa. Uma das ilhas Jónas. Prata (s. q.). 5 — Antiga medida espanhola de comprimento. 6 — Rio de Portugal. Artigo definido. Mamífero ruminante que habita o Norte da Europa e a América. 7 — Nome místico do Baco. Arquipélago holandês ao Sul da Nova Guiné. 8 — Tomar a filar. 9 — Érbio (s. q.). Senar. Para. 10 — Qualidade. Fluido perfumado. Igual. 11 — Presa com eles. Dama romana que cravou um punhal no peito para dar a seu marido, condenado à morte, um exemplo de coragem.

VERTICAIS: 1 — Humilidade. Exge. 2 — Cidade da Argélia. Vi. Lista. 3 — Matemática (abrev.). Escrava egípcia de Abraão. Cântaro de Manila. 4 — Estimul. Bordo (planta). 5 — Livro do Mediterrâneo entre a Sicília e a África. Está anisado (fig.). 6 — Cidade da Finlândia. Magnete natural. 7 — Espécie de bananeira dos Filipinas. Desenhada. 8 — Raio. Lavar. 9 — Acreditai. Impulso. Prasiolímia (s. q.). 10 — Leya. 6 toa. Cobre (s. q.). Progenitor. 11 — A vida (fig.). Pessoa cruel (fig.).

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Levante. 2 — Paixão de um sexo pelo outro. Em mais alto grau. 3 — Braço de mar. Nome de letra. Saudáveis. 4 — Átomo (abrev.). Desembarçada. Botânica. 5 — Inseto que rói a madeira. Manas. 6 — Ente. Patrão. 7 — Prefixo que designa afastamento. Carapuça (pap). Artigo definido. 8 — Senhora. Ice. Ferro temperado. 9 — Sovar. Suguem. 10 — Leite materno. 11 — Além. Pungido. 12 — Orçãos. Concerto musical nocturno.

VERTICAIS: 1 — Espantar (fig.). Que mam. 2 — Tomo por modelo. Mentira. 3 — Ecoa. Abreviatura de Santíssima Serra de Portugal. 4 — Érbio (s. q.). Parte do lombo dos bovinos entre a pé e o cachaço. Rio da Prússia Oriental. 5 — Danificaras. 6 — Procedi. Tálio (s. q.). 7 — Demoraremos. 8 — Preposição. Classe de tropa. Entre os Filipinos e a Divindade. 9 — Saudáveis. Pedra de moinho. Frode catalão que tratou do casamento de D. Dinis com D. Isabel. 10 — Mitra com três coroas que o Papa usa em certas cerimónias. Ateado. 11 — Pronome demonstrativo (pl.). Adicionar.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICO-ESPECIAIS
BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que, por despacho de 26 de Maio de 1971, se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 8 de Julho de 1971, inclusive.

São condições essenciais para admissão a este concurso ter a 4.ª classe de instrução primária e mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutados terão o vencimento mensal líquido de 2000\$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutados) e de 2400\$00 após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, 12 de Junho de 1971.

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Dinis Soares da Costa



DINHEIRO S/AUTOMÓVEIS

Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751
GUARDE ESTE ANÚNCIO

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lareiras lindas. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 208, r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 29.

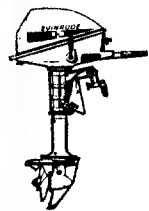
VENDA AO PÚBLICO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



MOTOR PEQUENO PARA PEIXE GRANDE



Pequeno, leve de linhas invulgaes, silencioso e seguro, protegido no hélice contra a vegetação aquática ou obstruções submersas, o EVINRUDE 4 HP torna-se o motor de eleição dos pescadores que preferem as águas onde os maiores peixes se escondem.

Modelos com e sem depósito de combustível incorporado.

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

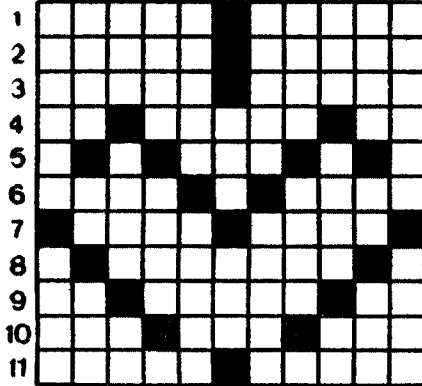
EVINRUDE O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/3 • LISBOA • TEL. 66 77 94

ET-57-2-A

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL

(Continua na 13.ª página)

bulu a lei em vigor (de que é autor) e ainda o não cumprimento daqueles seus artigos que a poderiam beneficiar; e uma outra realidade inicial, que J. M. B. pretendeu ignorar ou iludir, que é a de terrenos selvagens povoados de caça e terrenos de cultura defendidos pelo homem da destruição que acarreta a presença das espécies cinegéticas. Portanto, terrenos de cultura despovoados de caça.

Insulto aos caçadores

Diz o seguinte a carta do sr. António Pereira:

«Tenho acompanhado os artigos que V. tem publicado no vosso digno jornal.

Antes de mais e para esclarecimento público devo dizer que não tenho a honra de conhecer V. nem o sr. J. M. B., mas uma carta que este senhor se permitiu dirigir-me sensibilizou-me bastante na minha qualidade de caçador; e, assim, não sugestionado por qualquer outro motivo que não seja a defesa da nossa querida caça, não posso ficar mudo e quedo, como dizia qualquer autor dos tempos idos.

A campanha que V. pro-

moveu com o seu inquérito, a favor da defesa da caça, que todos sabem está pelas ruas da amargura, bastaria, só por si, para merecer a máxima consideração e respeito de todos os caçadores, muito embora essa campanha tivesse aqui ou além alguma lacuna, que merecesse reparo, mas nem isso deveria ser censurado, pois, como V. não é caçador, não é de admirar que não esteja ao par de todos os meandros da vida cinegética.

De estranhar é que o sr. J. Maria Bravo, servindo-se de um pequeno lapso que V. teve ao afirmar ou escrever que a caça era mais abundante em terrenos silvestres, viesse fazer alarde dos seus grandes conhecimentos de grande caçador que é (mata bem e mata muito): que toda a gente sabia que era nos terrenos cultivados que a caça mais abundava, como se esse lapso invalidasse tudo o que a sr.ª tem escrito e dito sobre a caça.

Nem sequer este lapso, chamemos-lhe assim, tem qualquer importância para o caso que se vem debatendo. Importância tem, e essa é grande, a opinião que sua ex.ª (J. M. B.) se digna exteriorizar, de a solução do

problema ser dar-lhe dono; e mais adiante afirmar que esses pseudos donos, não gastariam sequer um tostão com a mesma caça, pois quem lhe alugasse ou comprasse lhe pagaria todas as despesas.

Isto sm. é que são dois casos de importância e um insulto para todos os caçadores que não são donos de coutos ou aramados e que que não têm dinheiro suficiente para se darem ao luxo de os alugar. Sabe Deus com que sacrifício pagam as suas licenças, cartuchos e deslocamentos, para terem um pouco de recreação na vida, como esta, que cada vez lhe é mais negada.

Desde tempos imemoriais que a caça é daqueles que pagam ao Estado as respectivas licenças excepto nos terrenos que antigamente lhe chamavam vedas. Doutra forma nem mesmo se compreenderia que o Estado passasse licenças e cobrasse dinheiro por uma coisa que não é de alguns, mas sim de todos.

Falar de fome ou de pobreza com indivíduos que nunca a passaram, é a mesma coisa que falar com caçadores privilegiados que nunca tiveram falta de caça. Decididamente estes indi-

viduos deviam estar muito caladinhos. Não lhes caia o Diabo em cima!

Restrição da área dos coutos e aramados

Posto isto, e para não me alongar mais, uma coisa é certa: A caça que os nossos avós tinham com abundância escasseia a olhos vistos. Quando se deve andar para diante está-se a fazer retrocesso.

Cabe ao Governo decidir e quanto antes. Para responder a um inquérito eu diria:

a) É necessário restringir a dimensão dos coutos e aramados. Já não digo proibir, porque já que deram autorização a tantos, todos devem ter os mesmos direitos.

O que me parece é que os proprietários não devem ter o direito de armar todas as suas áreas de terreno, e às vezes bem grandes para caça bem miúda. Ainda se fosse para caça grossa talvez se justificasse.

b) Acabar com o profissionalismo.
c) Limitar o número de peças a abater ou o

número de dias, pelo menos por um ano ou dois.

d) Fazer a abertura da caça a rolas, codornizes e patos, mais próxima da abertura geral.

e) Não permitir mais do que duas batidas por ano nos coutos e aramados.

f) Limitar a 3 tiros as armas de 5 tiros.

ANTÓNIO PEREIRA

ADIADO O FESTIVAL DA FIGUEIRA

Marcado inicialmente para os dias 17 e 18 de Julho, o Festival da Canção Portuguesa da Figueira do Foz foi adiado para 31 de Julho e 1 de Agosto, devido a dificuldades de programação por parte da R. T. P.

A produção de leite na Beira Litoral

COIMBRA, 22 — Durante o primeiro trimestre deste ano, a Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira Litoral, recolheu 16 537 239 litros de leite tendo pago à lavoura cerca de 46 160 contos, assim distribuídos:

Núcleo de Aveiro, 4 567 555 litros, sendo 3 285 625 da classe A (pasteurizado); 1 182 540, da classe B (comum) e 99 390 da classe C. (desvalorizado, o que produziu o movimento global de cerca de 13 000 contos pagos à lavoura,

com o preço médio por litro de 2\$85,71. Núcleo de Cantanhede, respectivamente 4 793 707, 2 582 835, 1 888 382 e 322 489, 13 000 contos, 2\$71. Núcleo de Coimbra, 562 486, 393 164, 161 168 e 8154, 1600 contos, 2\$86,97. Núcleo de Estarreja — 3 110 515, 1 941 580, 1 009 705 e 159 230, 8600 contos, 2\$76,75. Núcleo de Oliveira de Azeméis — 352 292, 234 446, 108 796, 9050, 960 contos, 2\$72,38 e Núcleo da Figueira do Foz — 3 250 684, 2 106 360, 1 026 860, e 117 464, 9000 contos, 2\$78,48.

nova
agência
PHILIPS

Casa Júnior

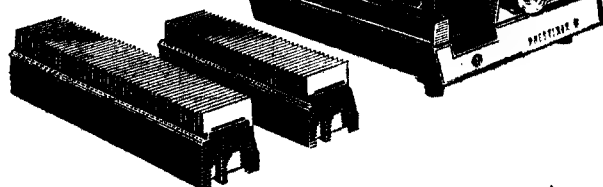
(AO CAIS DO SODRÉ)

RUA DO ALECRIM, 19 A - 21 A - TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO, 29, 1.º - TEL. 32 86 63
LISBOA

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
ELECTROFONES
GRAVADORES
ELECTRODOMÉSTICOS

prestinox

OS NOVOS DIAPROJECTORES DE SLIDES PARA CARREGADORES UNIVERSAIS E ROTATIVOS



OS DIAPROJECTORES DE SLIDES PRESTINOX 4R PERMITEM PASSAR EM ENCAIXES 8x8 TODOS OS DIAPOSITIVOS 24x36 EM CARTÃO, EM PLÁSTICO E EM VIDRO.

3 VERSÕES

prestinox 4 R SEMIAUTOMÁTICO, BAIXA TENSÃO, LÂMPADA QUARTZ IODE 24V — 150 W.

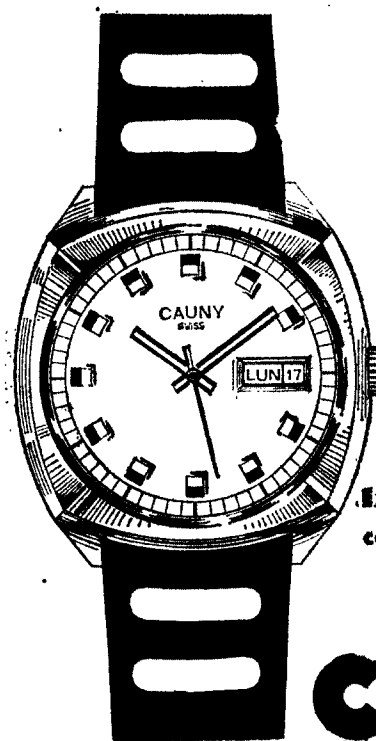
prestinox 4 R AUTOMÁTICO, COM COMANDO À DISTÂNCIA, LÂMPADA QUARTZ IODE 24V — 150 W.

prestinox 4 R AUTOFOCUS (FOCAGEM AUTOMÁTICA), COM COMANDO À DISTÂNCIA, LÂMPADA QUARTZ IODE 24V — 150 W.

OS PRESTINOX 4R USAM OS CARREGADORES DE 30, 36 E 50 DIAPOSITIVOS E ROTATIVOS DE 100.

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

EM EXPOSIÇÃO NO STAND N.º 645/6 DA
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA



DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL,
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
RESISTENTE

Mudança de data ultra-rápida

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

EXCURSÕES DA CP

Dia 27 de Junho

- 1 — CIRCUITO DE PENACOVA
- 2 — CONIMBRIGA E SERRA DA BOA VIAGEM

A CP promove, no dia 27 de Junho próximo, em colaboração com a EGT — AGÊNCIA DE VIAGENS, duas excursões de muito interesse, com percurso comum por caminho de ferro (Lisboa a Coimbra-B) e itinerários de autocarro distintos:

CIRCUITO DE PENACOVA

— Viagem ao longo do Mondego até Penacova (almoço na Pensão Avenida). Serra do Buçaco, Luso, etc.

Preço por pessoa ... 270\$00

CONIMBRIGA E SERRA DA BOA VIAGEM — Visita às Ruínas Romanas, Figueira da Foz (almoço no Restaurante das Piscinas), Cabo Mondego e Miradouros da Serra.

Preço por pessoa ... 285\$00

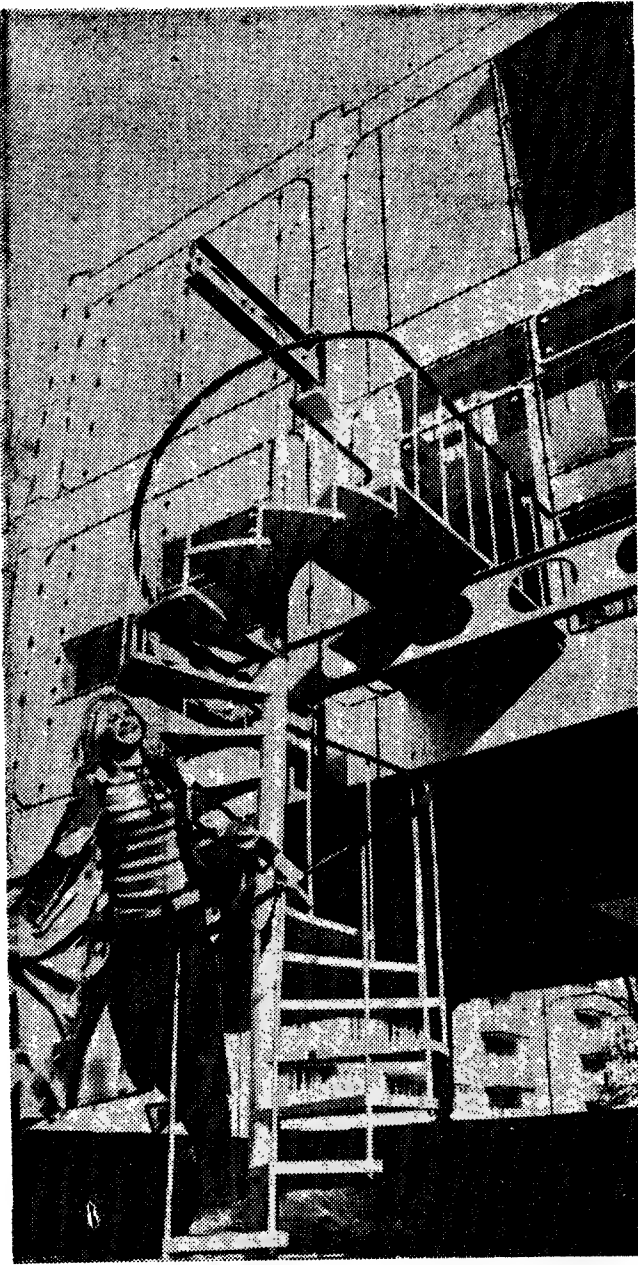
Informações telefónicas — (Telef. 367529).

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa; E. G. T., Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Póvoa do Varzim, a partir das 10 horas.



No ano 2000, segundo o arquitecto Richard Dietrich, os alemães passarão a habitar nestes «dados» que dispensam os tradicionais mobiliários. Cada um dos dados tem de aresta 3,60 metros, é construído em alumínio, apoiado em três suportes a determinada altura do solo, havendo uma escada em caracol para os unir ao chão

Actualidade internacional

«ESTAMOS NO BOM CAMINHO MAS TEMOS MUITO QUE ANDAR»

—comentário britânico às propostas da CEE

LUXEMBURGO 22—(R.) tualmente exportados para a —Os «seis» do Mercado Co-Grã-Bretanha, apesar das ob- mum chegaram finalmente ajeções levantadas na ultima um acordo sobre a proposta hora pela Itália. a apresentar à Grã-Bretanha. Fontes bem informadas dis- quanto ao futuro dos Lactif-eram que, após uma hora nios da Nova Zelandia ac-de aceso debate, os ministros

«REALÍSSIMA» BRONCA DO PRÍNCIPE FILIPE

LONDRES, 22 — (R.) — A Imprensa britânica acusa hoje o príncipe Filipe de «der dado bronca» com os seus comen- tários sobre o Mercado Co- mum.

O príncipe declarou duran- te uma reunião que havia ca- sos na Comunidade Britânica onde as velhas práticas agri- colas tinham sido completa- mente arruinadas pelo siste- ma preconizado pelo Mercado Comum e avisou que a apli- cação de «uma filosofia crua industrial resultaria numa confusão terrível».

O «Daily Mirror» comenta as declarações do príncipe com a seguinte frase «o prin- cipe Filipe é um ignorante para poder falar desta ma- neira sobre agricultura e so- bre o Mercado Comum. O dis- curso de ontem teria sido uma bronca em qualquer altura

que o tivesse proferido nestes últimos anos. Neste preciso momento é uma realíssima bronca».

Por sua vez, «The Sun» co- mentou: «Destá vez o príncipe Filipe meteu os pés pelas mãos. O príncipe não tem ha- bilitações especiais, e é pago para desempenhar o seu papel de figura independente. Dizer ao país para trabalhar ou fa- lar das dificuldades da famí- lia real está certo, mas... Quando Edward Heath fizer a próxima visita ao palácio terá de pedir à Rainha que ponha em prática o conselho dado pelo Governo. E esse conselho deve ser «Fechem a boca ao príncipe»



PRÍNCIPE FILIPE — pa- gam-lhe para ser neutral

dos «seis» conseguiram su- perar as reservas manifesta- das por Aldo Moro, o minis- tro dos Negócios Estrangei- ros da Itália, com base numa solução de compromissos a- presentada por Franco Mal- fatti, o presidente da Comis- são Executiva da Comunida- de.

Quando as delegações abandonaram a sala da con- ferência, às 3 horas da ma- drugada, o representante bri- tanico Geoffrey Rippon dis- se aos jornalistas que a pro- posta agora apresentada pelos seis sobre os lactifínios da Nova Zelandia era melhor do que a anterior.

Rippon disse que a pro- posta ainda não é totalmente satisfatória, mas salientou que se trata de um importan- te passo em frente

«Estamos no bom caminho,

mas ainda temos muito que andar.»

Os seis conseguiram che- gar a uma posição comum sobre o problema apenas de- pois de uma confrontação bastante viva entre Aldo Mo- ro e o ministro francês Mau- rice Schumann, que chefia a delegação que está a nego- ciar com a Grã-Bretanha

Depois das seis delegações terem assente no texto da proposta, Moro, ansioso para que ela fosse aceite pela Grã-Bretanha, propôs ainda que fosse eliminada a refe- rência a uma gradual redu- ção das exportações de lac- tifínios da Nova Zelandia pa- ra a Grã-Bretanha, o que provocou viva reacção de Schumann, que retirou o seu apoio à moção enquanto ela era redigida novamente

O «dossier» do Pentágono publicado em mais de um jornal

BOSTON (Massachusetts), 22 (F. P.) — O «Boston Glo- be» publicou hoje extractos, até agora inéditos, do estudo do Pentágono quanto às ori- gens da guerra do Vietnam, cuja publicação pelo «New York Times» e pelo «Washing- ton Post» foi temporáriamen- te proibida por ordem judiciá- ria.

declara que os documentos do O grande diário de Boston pentágono foram postos à sua disposição ontem, mas não ex- plica mais nada a não ser que a direcção do «Boston Globe» entendeu «ser do interesse do publico» publicar os documen- tos.

Entretanto, Paul McClos- key, representante republicano

da Califórnia no Congresso, que declarou estar na posse de uma parte dos «dossiers» se- cretos do Pentágono acerca da guerra do Vietnam e que ten- taria entregá-los amanhã ofi- cialmente a uma subcomissão de informação da Camara dos Representantes para que es- jam publicados.

Segundo McCloskey, um li- beral que manifestou a inten- ção de se apresentar contra Richard Nixon nas eleições presidenciais de 1972, estes «dossiers» revelam que o se- nador Robert Kennedy já pre- tendia, em 1963, que os Es- tados Unidos se retirassem do Vietnam, antes do golpe de Estado contra Ngo Dinh Diem.

ESTADO DE EMERGÊNCIA NA BOLÍVIA

LA PAZ (Bolívia), 22. — (F. P. e R.) — O Governo boliviano impôs o estado de emergência em todo o país, segundo anunciou o Ministé-

rio do Interior para pôr cobro a uma conspiração das direitas que visava derrubar o presi- dente Juan Torres.

O estado de emergência, de- clarado ontem à noite, impe- dirá a realização de uma As- sembleia Popular de Campo- neses e Operários que estava prevista para hoje.

Segundo os dirigentes ope- rários, o golpe de Estado em preparação teria por fim der- rubar o regime do general

Torres e impedir a instauração do poder operário, representa- do pela Assembleia Popular.



JOSÉ MARIA DE ANDRADE

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Gracinda da Conceição Pereira de Andrade, Maria Teresa Andrade Pereira da Costa, seu marido e filha, Maria de Lourdes Pereira de Andrade, Maria Madale- na Nunes de Andrade, seus filhos e mais família, parti- cipam que amanhã, dia 23, pelas 12.30 horas, na Ca- pela de Santo António (Rua Chaby Pinheiro), será rezada missa pelo eterno des- canso do seu muito queri- do marido, pai, sogro, avô, cunhado, tio e parente.

Agradecem desde já a to- das as pessoas que se digna- rem assistir a este piedoso acto, bem como aquelas que lhes manifestaram o seu pesar, e o não fizeram directamente por desconhe- cimento de moradas.

P. N. A. M.

NOVA NAVE ESPACIAL SOVIÉTICA

—afirma-se em Bochum

BOCHUM, 22 — (R.) — O observatório de Bochum anunciou hoje que estava na nave espacial soviética numa frequência normal- mente utilizada para os voos tripulados.

O director, professor Heinz Kaminski afirmou que o tipo dos sinais le- vavam a suspeitar que o novo lançamento espacial esta- va relacionado com o siste- ma Salyut-Soyuz, a estação orbital lançada em órbita terrestre. O observador co- meçou a captar os sinais às 2 e 49 TMG de hoje e cerca das 6 e 41 TMG o novo veículo espacial tinha completado três órbitas ter-



CALDAS DA RAINHA

Quinta-Feira, 24 de Junho às nove e meia da noite

A JÁ FAMOSA CORRIDA NOCTURNA DA FEIRA DE S. JOÃO, com os 3 grandes de Portugal

MESTRE BATISTA

JOSÉ NÚNCIO

LUÍS M. VEIGA

2 Grupos de Forçados em com- petição Amadores do MONTUJO, Prémio da Imprensa de 1970 e estreia dos Amadores de Coruche

6 — Gordos e Bravos Toiros de João Gregório (da Azinhaga)

PÊSSEGOS REGIÃO DE COINA

MAIS BONITO POMAR DA PENÍNSULA DE SETÚBAL, VENDE NA ÁRVORE CERCA DE 30 TONELADAS DE FRUTO

Resposta Telef. 537091

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

OS EXAMES DO CICLO PREPARATÓRIO

Publicamos, a seguir, os pontos e soluções dos exames do Ciclo Preparatório ontem efectuados.

Prova escrita de Língua Portuguesa

(1971 1.ª chamada

TEXTO

Aqueles homens só pediram ao lavrador que lhes arrendasse a Charneca...

— Para que querem vocês aquela pedra esfarelada? — perguntou ele.

— Para viver nela... — respondeu o Moitinho, o único capaz de falar.

— Mas... fazerem o quê? — perguntou ainda o lavrador.

— Trabalhar... — disse o Moitinho.

— Aquilo não dá um bago de nada...

— No suor dum homem, pode nascer uma flor, sabia o patrão — respondeu o Moitinho, todo de rompantes.

O proprietário gostara da prontidão da réplica e consentira.

— E quanto é a renda, por ano?

— Nada — respondeu ele. Não dou terras de renda. Empréstos...

— E por quanto tempo, patrão?

— Enquanto vocês e os netos quiserem.

— E, quando pode ser, lavrador?

— Hoje mesmo, se vocês quiserem.

Eles lá se aguentaram naquele deserto... Buscaram água e encontraram-na; quiseram terra e fizeram-na no suor de cada um.

O velho lavrador esqueceu-se deles.

Um dia o Moitinho apareceu-lhe em casa. Dizia ele que achara um punhado de ouro na Charneca e vinha dá-lo ao seu dono.

— Quem és tu? — perguntou o lavrador.

— Sou aquele homem que lhe pediu para fazer a Charneca, num dia de cheia...

— E depois?

— E depois?... Trago-lhe este pão, o primeiro que a terra deu à gente, este ano...

— Que comeram vocês, neste tempo?

— Fé e dificuldades, lavrador... Lembra-se do que eu lhe disse naquela tarde?

— Não me lembro bem.

— Que do suor do homem pode nascer uma flor. Aqui lhe trago.

Alves Redol (adaptado)

I

1 — Pensa na pergunta do lavrador: «Para que querem vocês aquela pedra esfarelada?»

a) Que opinião tinha o lavrador acerca da terra que lhe queriam tomar de renda?

b) Copia do texto outra frase que confirme essa opinião.

c) Classifica morfológicamente a palavra *aquela*, da frase transcrita.

2 — «No suor dum homem, pode nascer uma flor.»

a) Explica o sentido desta frase.

b) Escreve um diminutivo da palavra *flor*.

3 — O que levou o lavrador a aceitar, finalmente, o pedido daqueles homens?

4 — «Não dou terras de renda. Empréstos...»

a) escreve a expressão «Empréstos...», substituindo a pela palavra a que se refere.

b) Classifica morfológicamente esse a.

5 — O lavrador emprestou-lhes a Charneca para a cultivarem.

a) Esse empréstimo foi feito por muito ou por pouco tempo?

b) Transcreve do trecho a frase em que baseaste a tua resposta.

6 — A vida na Charneca foi cheia de dificuldades.

a) Transcreve uma frase do trecho que justifique esta afirmação.

b) Escreve uma frase da tua autoria em que entre o vocábulo *cheia* como substantivo.

c) Da família a que pertence a palavra *dificuldades*, escreve:

- 1 — um adjetivo;
- 2 — um verbo;
- 3 — um advérbio.

7 — «... quiseram terra e fizeram-na.»

Começa a frase por *O Moitinho*... e completa-a com os verbos no presente do indicativo, na pessoa gramatical conveniente.

8 — Repara na seguinte frase:

«Dizia ele que achara um punhado de ouro na Charneca e vinha dá-lo ao dono.»

a) Escreve-a no discurso directo.

b) No trecho encontra-se outra expressão que mostra o verdadeiro significado de *punhado de ouro*. Indica qual é.

9 — O Moitinho ofereceu ao lavrador, com certo orgulho, o primeiro pão que a terra lhe deu.

a) Qual o motivo desse orgulho?

b) A palavra *pão*, além do seu sentido comum, pode apresentar outros significados. Indica-os nas frases que se seguem:

1 — Conseguiram que a Charneca produzisse pão.

2 — Ganharam honradamente o seu pão.

10 — Lê de novo o texto, divide-o em partes e exprime por um simples título (uma ou mais palavras) a ideia geral de cada uma delas.

11 — «Aqueles homens só pediram ao lavrador que lhes arrendasse a Charneca.»

a) Quantas orações há neste período?

b) Qual é o complemento directo do verbo da primeira oração?

c) Classifica a segunda oração.

d) Indica qual é a função sintáctica de cada um dos elementos da segunda oração.

II

O texto mostra como o trabalho do homem conseguiu transformar uma terra pedregosa em terreno produtivo. Tu próprio sabes que, na vida, nada se consegue sem esforço.

Conta, pois, um caso passado contigo ou do teu conhecimento, em que se mostre a verdade desta afirmação.

Não te esqueças de dar um título adequado à tua redacção.

SOLUÇÃO

I

1 — a) O lavrador considerava a terra improdutiva.

b) «Aquilo não dá um bago de nada».

c) Pronome adjunto demonstrativo, género feminino, número singular.

2 — a) O trabalho, realizado com Fé e Tenacidade, terá sempre uma recompensa.

b) Florzinha — florinha. Florzita — florita.

3 — O desejo de vencer daqueles homens representado na pronta resposta do Moitinho.

4 — a) «Empréstos a terra».

b) «Empréstos a Charneca».

c) Pronome pessoal, feminino, singular.

5 — a) A terra foi emprestada por muito tempo.

b) «Enquanto vocês e os netos quiserem».

6 — a) «Eles lá se aguentaram naquele deserto»;... «quiseram

terra e fizeram-na no suor de cada um».

b) O lavrador já se esquecera que lhes emprestara a terra num dia de cheia.

c) 1 — Dificultoso — difícil; 2 — Dificultar; 3 — Dificultosamente — dificilmente.

7 — O Moitinho quer terra e fá-la.

8 — a) Ele dizia: — Achei um punhado de ouro na Charneca e venho dá-lo ao dono.

b) «Trago-lhe este pão...».

9 — a) O Moitinho sentia-se orgulhoso porque aquele pão representava o suor e o esforço dele e dos seus companheiros.

b) 1 — Conseguiram que a Charneca produzisse trigo.

2 — Ganharam honradamente o seu sustento.

10 — 1.ª parte — «Aqueles homens... todo de rompantes». A Charneca — terra apetecida.

2.ª parte — «O proprietário... se vocês quiserem». A dádiva do lavrador.

8.ª parte — «Eles lá se aguentaram... no suor de cada um». A recompensa do trabalho.

4.ª parte — «O velho lavrador... aqui lho trago». E na Charneca nasceu uma flor.

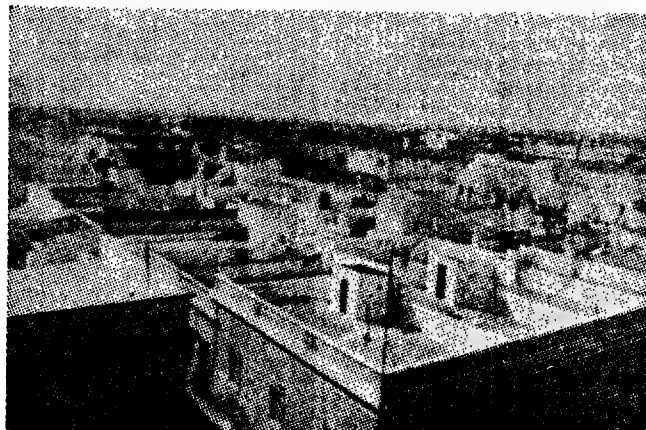
11 — a) Duas orações.

b) Que lhes arrendasse a Charneca.

c) Subordinada integrante.

d) Predicado — arrendasse.

Fig. 1



VILA DE OLHAO

1. — Que benefícios trouxe esse povo à nossa Península?
2. — Quais as condições do clima na região apresentada na seguinte figura?

Fig. 2



CEIFA NO ALENTEJO

Lisboa, no tempo de D. Afonso Henriques, era já uma grande povoação, por isso, não admira que o «Conquistador» tivesse feito todos os esforços para a tomar aos mouros.

EXTERNATO DE ALVALADE

PRIMARIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO

Telef. 771965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 — Campo Pequeno

Sujeito — ele (subentendido). Complemento directo — a Charneca. Complemento indirecto — lhes.

II

A redacção é de carácter pessoal.

Prova escrita de História e Geografia de Portugal

1971 1.ª chamada

Lê com atenção o texto, observa bem as figuras e responde por frases completas.

I

A aldeia, vila ou cidade em que vives ou melhor conheces é uma das parcelas de Portugal.

Descreve resumidamente os seus aspectos mais importantes, atendendo aos seguintes pontos:

- a localização;
- os aspectos geográficos;
- os meios de comunicação;
- o modo ou modos de vida dos habitantes;
- os aspectos histórico (se os houver) e
- tudo o mais que te pareça de interesse.

II

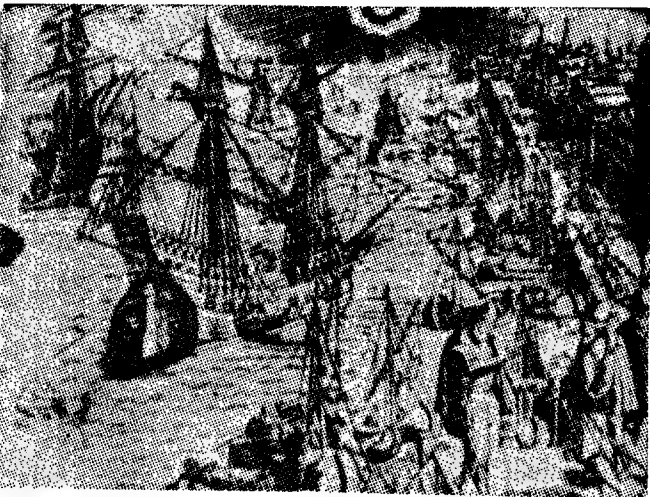
Mas não basta conhecer apenas a localidade onde se vive: estudaste também outras parcelas do território, outras gentes e as suas actividades no passado e no presente.

Procura então responder às perguntas que a seguir vão ser feitas.

O povo que influenciou o género de construções que vês na figura n.º 1 contribuiu muito para o progresso e desenvolvimento da Península.

8. — Como foi possível, no Afonso Henriques não possuía cerco à cidade, cortar as comunicações pelo Tejo, se D. ser.

Fig. 3



LISBOA NO SÉCULO XVI

Lisboa no século XVI desenvolveu-se extraordinariamente.

4. — Quais as razões que explicam esse desenvolvimento?

Se pudesses visitar três das nossas províncias de Alentejo, Mar ou, no caso de viveres no Ultramar, três das províncias da Metrópole, indica:

5. — As que escolherias, citando um facto histórico ou uma das características geográficas mais importantes de cada uma delas.

6. — Que riquezas naturais lá irias encontrar.

7. — Que cidade ou cidades desejarias visitar em cada uma delas.

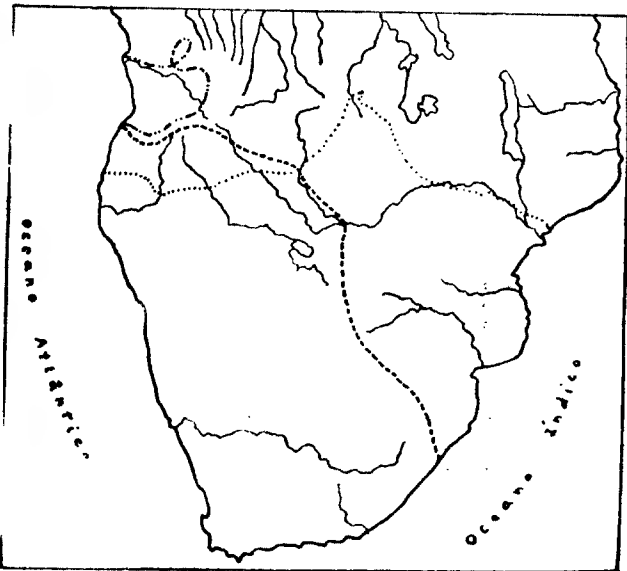
Nos séculos XV e XVI, a cultura da cana do açúcar desenvolveu-se muito na Madeira, Açores e S. Tomé.

8. — Porque teve, nesse tempo, tanta importância a cultura da cana do açúcar?

Como sabes, o desenvolvimento do Brasil está relacionado com a ida da família real para essas terras.

9. — Que razões explicam a deslocação da Corte para o Brasil?

No seguinte mapa estão assinaladas as viagens de exploração do continente africano no século XIX.



SERPA PINTO..... CAPELO e IVENS. 1.ª 2.ª

10. — Que razões levaram os Portugueses a explorar o interior desse Continente?

11. — Que dificuldades encontraram pelo caminho? O Parque da Gorongosa, em

Moçambique, é um dos mais ricos, no género.

12. — Porque se trata de medida de protecção da Natureza a proibição de caçar neste parque?

SOLUÇÃO

I

As perguntas que completam o 1.º grupo estão bem estruturadas e conduzem à observação do meio em que o aluno vive, o que é de interesse.

No entanto, no âmbito destas soluções, não deve optar-se por uma resposta concisa, até para não provocar motivo de apreensão aos que descrevem ambientes diferentes.

II

1) Os árabes.

Desenvolveu a agricultura, as artes, a matemática e a medicina.

2) Clima seco e quente no Verão. Frio e húmido no Inverno.

Transição do clima marítimo para o continental.

3) Dispondo das esquadras dos Cruzados que o auxiliaram na conquista da cidade.

4) Como consequência da

descoberta do caminho marítimo para a Índia e exploração do comércio de especiarias pelos portugueses.

Lisboa tornou-se o 1.º centro comercial da Europa.

5) Como a 1.ª

6) Idem.

7) Idem.

8) Originário da América o açúcar era desconhecido pelos povos da Europa.

Foram os navegadores portugueses e espanhóis que o trouxeram.

Substituindo, com vantagem, o mel usado até então, atribuindo-se-lhe altas qualidades medicinais e sendo de fácil propagação entre o povo, o açúcar adquiriu grande importância.

9) A invasão de Portugal pelas tropas napoleónicas sob o comando de Junot.

Retirando-se para o Brasil, a família real portuguesa.

(Continua na página seguinte)

OS EXAMES DO 7.º ANO DOS LICEUS

Publicamos, a seguir, os pontos e soluções dos exames do 3.º Ciclo Liceal, que se realizaram ontem.

Prova escrita de Organização Política e Administrativa da Nação (7.º ano — 1.ª chamada)

I

Responda, com clareza, às seguintes questões:

1) Que entende por Estado ético? Compare a posição do indivíduo no Estado ético e no Estado socialista.

2) Diz-se que o homem é um animal político.

Justifique a afirmação.

3) Defina Nação. Refira-se à sua origem e desenvolvimento na ordem histórica.

4) Como é encarado o direito de propriedade pela encíclica «Rerum Novarum»?

5) A principal fonte do direito é a lei. Distinga Lei Constitucional e Lei Ordinária. O que é um decreto simples?

6) Demonstre que na administração ultramarina se verifica solidariedade e descentralização.

II

ANALISE O SEGUINTE TEMA:

Do trabalho

a) Valor do trabalho na sociedade moderna.

b) Do trabalho por conta do Estado segundo o Estatuto do Trabalho Nacional.

SOLUÇÃO

1) Entende-se por Estado ético o Estado que se baseia nas doutrinas intervencionistas. Não se limita apenas ao controlo das actividades económicas, mas visa também objectivos de ordem moral. Desta forma os fins de ordem espiritual a que se propõe, distinguem-no dos Estados socialistas, de orientação materialista. O Estado corporativo é uma modalidade de Estado ético.

No Estado ético, como sucede no exemplo do Estado corporativo, o interesse particular deve subordinar-se sempre ao interesse geral da colectividade, procurando-se desta forma evitar a concorrência desleal, no entanto são respeitadas certas liberdades e garantias individuais como se testemunha pela existência do artigo 8.º da actual Constituição Portuguesa que trata especificamente dessa matéria.

No Estado socialista, conforme a modalidade de socialismo praticado, ou o Estado absorve totalmente a iniciativa e propriedade privadas, (socialismo extremista), ou apenas pretende estabelecer uma igualdade não absoluta mas apenas fazer desaparecer injustas desigualdades ainda existentes. Por isso, esta última modalidade apenas colectiviza e nacionaliza os grandes meios de produção.

2) Na justificação desta afir-

mação, deverá o aluno referir a condição do homem como «ser eminentemente social», da necessidade de estabelecer regras que possibilitem a vida em sociedade (a vida na «polis» (a cidade) e portanto a necessidade de ser «político», pelo interesse que a vida do agregado, as suas regras e normas lhe devem merecer.

3) «Nação é um agregado social autónomo e permanente em que existe um sentimento de unidade — a consciência nacional.»

Como «consciência» colectiva que a Nação implica, ela é o produto de uma evolução histórica, que vai contribuindo para a sua formação. Dos factores que para ela mais contribuem são: as tradições, os costumes, as necessidades e aspirações comuns, que grupos cada vez mais extensos — grupos de famílias, tribos, cidades, vão experimentando, na evolução histórica. Se a Grécia Antiga nos mostra como modelo de agregado social com autonomia — a cidade — estado, a Idade Média apresenta-nos a formação das modernas nacionalidades. Outros factores podem contribuir para o fortalecimento da consciência nacional: a língua e a religião, por exemplo.

4) A propriedade privada e o direito da sua posse é encarado na Encíclica «Rerum Novarum» como de direito natural. Reputando as soluções propostas pelo socialismo, Leão XIII considera-a de posse tão legítima, como o direito ao trabalho. O fundamento desta afirmação estará no facto de que o operário reduzindo as suas despesas pode realizar economias, que para assegurar a sua conservação pode empregar na compra de propriedade. Desta forma a propriedade resulta directamente do trabalho realizado.

Quanto à utilização das riquezas o problema está no uso social que delas se deve fazer — «... o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim como comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades.»

5) Entende-se por Lei Constitucional aquela que só pode ser alterada pela Assembleia Nacional, quando para isso tenha poderes constituintes, dados pelo Presidente da República, o que não acontece com a lei ordinária.

6) «As províncias ultramarinas, como parte integrante do Estado Português, são solidárias entre si e com a Metrópole.»

Essa solidariedade verifica-se pelos poderes dos órgãos centrais na administração ultramarina: — Assembleia Nacional, o Governo e o Ministro do Ultramar, procurando assegurar a integridade e defesa de toda a Nação e concretizar os fins da política nacional. Por outro lado é patente a descentralização pela grande autonomia concedida aos órgãos de administração local: governadores, conselho legislativo, conselho económico e social, conselho de Governo.

II

a) Deve depender dos conhecimentos e perspectivas do aluno a resposta a esta questão.

b) O trabalho por conta do Estado é considerado serviço da colectividade e não de qualquer partido ou organização de interesses particulares, por isso não abrangido pela estrutura corporativa que este diploma regula.

Prova escrita de Filosofia

1971

1.ª chamada

I

Leia, com muita atenção, o seguinte texto de um filósofo contemporâneo:

«Em 1957, o primeiro satélite artificial da Terra, o *spoutnik* dos Russos, foi enviado para o espaço.

O entusiasmo cresceu ao máximo, sobretudo quando, pouco depois, um satélite habitado trouxe para a Terra o seu cosmonauta, são e salvo. Todos o viram em carne e osso e todos o ouviram falar de coisas que nenhum homem tinha visto antes. Podia julgar-se que o Homem ia tomar posse do Cosmos e deixaria de estar ligado à Terra, a qual não seria senão a sua pátria de origem. Há dezenas de milénios, o Homem arriscou-se sobre a água com o primeiro barco; acabou por cobrir o planeta com uma rede de navegação.

Hoje, arrisca-se no espaço com uma espécie de primeiro barco, e um dia, o espaço será para ele como é hoje a Terra. Falar assim é enganador. Embora, provavelmente, o Homem deva ir ainda muito mais longe do que até aqui, os seus limites fisiológicos são intransponíveis.

Não foi no Cosmos mas apenas no nosso sistema solar que o homem penetrou. Ele não chegará nunca a pôr pé no universo (...)

Isto não é uma condenação mas um limite.»

Responda às seguintes perguntas e justifique todas as suas afirmações:

1—As viagens espaciais demonstram a «coragem de querer conhecer».

a) Que entende por conhecer?

b) Como caracteriza o conhecimento científico?

2—Diz o autor do texto que todos ouviram falar o cosmonauta «de coisas que nenhum homem tinha visto antes».

a) Como pôde o cosmonauta conhecer essas coisas?

Utilizou a memória? Ser-viu-se de imagens? Julgou com a sua própria personalidade?

b) Acha que teria havido síntese perceptiva?

3—Afirma também o autor do texto que o universo

é impenetrável para o homem porque os seus limites fisiológicos «são intransponíveis».

a) Mostre, adequadamente, a relação que existe entre fenómenos psíquicos e fenómenos fisiológicos.

b) Considerando que cada sentido tem os seus próprios limites, enumere as leis psicofísicas da sensação e discuta o seu valor.

II

Repare na expressão do texto: «Podia julgar-se que o Homem ia tomar posse do Cosmos e deixaria de estar ligado à Terra».

a) Parece-lhe que o Homem pode abandonar alguma vez as suas próprias estruturas?

Exponha, a propósito, os argumentos do ceticismo quanto ao valor e limites do conhecimento.

b) Kant também nega ao conhecimento racional valor absoluto. Porquê?

III

Haverá vida nos outros planetas?

a) Quais são os caracteres distintivos dos corpos vivos?

b) A vida segundo o mecanicismo.

SOLUÇÃO

1)

a) Conhecer é o acto de apreensão e interpretação do objecto pelo sujeito. A relação estabelecida entre o sujeito e objecto traduz-se na possibilidade de formulação de juízos, por parte daquele.

b) O conhecimento científico caracteriza-se pela objectividade, positividade, racionalidade, revisibilidade e autonomia em relação à fé e à filosofia, que lhe é dada pelo objecto e o método.

2)

a) O aluno podia responder a esta questão de um modo muito pessoal o que impossibilita uma correcção objectiva. Poderia referir o valor de antecipação da hipótese científica como «arma» de conhecimento e reconhecimento, com que o cosmonauta já vai apetrechado. Poderia referir também o raciocínio por analogia e as experiências passadas, (treinos de percepção nos simuladores de voo) e portanto o trabalho da memória e das imagens no «conhecer essas coisas que nenhum homem tinha visto...»

b) Acha que teria havido síntese perceptiva?

3—Afirma também o autor do texto que o universo

b) A síntese perceptiva, implica certa experiências passadas. Em face de perspectivas absolutamente inéditas alguns dados devem ter-se-lhe apresentado, muitas vezes, de forma sincretica, com dificuldade de objectivação perceptiva.

3)

a) Esta questão permitia ao aluno estabelecer vários tipos de relações: ou entre os fenómenos fisiológicos e os processos do conhecimento sensorial — leis psico-fisiológicas ou entre os fenómenos fisiológicos e a afectividade — temperamento, emoção... etc. ou ainda entre os fenómenos fisiológicos e a atenção...

b) Lei do limiar inicial: — para que uma sensação se produza é indispensável que o estímulo atinja um valor mínimo, (de intensidade, duração, altura e frequência) e não ultrapasse um máximo.

Lei do limiar diferencial — dois estímulos (sucessivos ou simultâneos) só serão percebidos como diferentes, quando a diferença atinja um mínimo de valor, ou limiar diferencial.

Lei de Weber — A quantidade que é preciso juntar à variável estímulo para que as diferenças sejam percebidas, é uma fracção constante do estímulo.

Sobre o valor destas leis, havia que referir que a capacidade de discriminação sensorial é muito variável de indivíduo para indivíduo. Chamar a atenção para a importância que tem nestas relações a experiência passada, e ainda os aspectos essencialmente qualitativos da sensação, difíceis de traduzir em termos quantitativos. Este último aspecto, refere-se especialmente às críticas a fazer à fórmula de Fechner que não enunciámos, por não se poder considerar propriamente uma lei.

II

a) O estado de espírito do homem em face do conhecimento, segundo o ceticismo é o de dúvida. Não nega o ceticismo que possamos afirmar a verdade, o que contesta é que tenhamos a certeza que a afirmamos.

CICLO PREPARATÓRIO

(Continuação da pág. anterior)

tuguesa poderia, a todo o tempo, fazer prevalecer os seus direitos à coroa de Portugal.

10) A exploração de ouro e de diamantes que se dizia existirem no interior.

11) A animosidade das tribos selvagens que habitavam as florestas do interior; a própria floresta e o desconhecimento da região.

Os argumentos dos cépticos, focam especialmente as duas vias do conhecimento: os sentidos e a razão. A verificação de fenómenos como as ilusões e alucinações levam à dúvida sobre legitimidade da primeira via: a necessidade de utilizar o raciocínio para aferir da veracidade do conhecimento racional, conduz à uma petição de princípio que leva a conclusão semelhante sobre a segunda.

b) Embora Kant considere a universalidade e necessidade do conhecimento racional, nega-lhe o carácter objectivo e absoluto. As formas e categorias kantianas dão à verdade apenas um valor formal e humano. O conhecimento do objecto é sempre relativo (fenómeno) ficando-nos para sempre inacessível a realidade nominal.

III

a) Caracteres distintos dos corpos vivos:

— a individualidade — manifestada pela independência e organização;

— a espontaneidade

— a assimilação

— a finalidade.

b) Segundo o mecanicismo (conjunto de teorias que pretendem explicar a vida pelas propriedades físico-químicas da matéria), a vida é um conjunto desses processos, a nível mais elevado de complexidade e integração.

exames
para
amanhã

ENSINO LICEAL

3.º ciclo — 1.ª chamada

(23 de Junho, 4.ª feira)

Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — 9 horas

Português e Desenho — 11 h.

Ciclo Preparatório

1.ª chamada

Francês — 15 e 30 horas

Desenho — 17 e 30 h.

O exame de Desenho do Ciclo Preparatório é apenas para alunos externos com menos de 18 anos.

Liceu-Institutos

CICLO PREPARATÓRIO

Cursos práticos de dactilografia c/ diploma

ESCOLA SÃO VICENTE:

Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904

EXTERNATO MARQUES DE POMBAL:

Rua Edith Cavel, 8 (ao Chile) — Telef. 820221

EXTERNATO ALVARES CABRAL:

Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica) — Telef. 706874

CURSOS DE FÉRIAS

Julho, Agosto e Setembro

EXTERNATOS

• LEAL CONSELHEIRO — MASCULINO

R. do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 326957

• NOVO RUMO — FEMININO

P. Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — T. 36 14 26

ENSINO LICEAL E PREPARATÓRIO

CURSOS DE FÉRIAS

(EXAMES SETEMBRO)

CURSOS DE VERÃO

CRISFAL

LICEAL — 2.ª ÉPOCA

AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 - 76 86 29

EXTERNATO NUN'ÁLVARES

PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 2.ª e 3.ª CICLOS

DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções

LINGUAS - Semi-internato — transporte

Praça João do Rio, 2 (ao Areeiro) — Tel. 722461 — LISBOA

LICEU

NOCTURNO

Ensino Audio-Visual

EXTERNATO

PAULO DIAS

R. TEN. FERREIRA

DURAO, 37-3.

65 43 04



Durante a assinatura do contrato de Seguro de Grupo que garante aos colaboradores da Rank Xerox, através da Companhia de Seguros Império, um Plano de Previdência Privado

PLANO COMPLEMENTAR DE PREVIDÊNCIA

Uma das Companhias Multinacionais há menos tempo trabalhando entre nós, celebrou ontem um contrato de Seguro de Grupo pelo qual garante aos seus colaboradores, através da Companhia de Seguros Império, um Plano de Previdência Privado. Trata-se da Rank Xerox, Ltd. que só em 1965 iniciou as suas

actividades em Portugal, mas para quem a segurança dos seus empregados tem constituído uma preocupação permanente.

O presente contrato inclui coberturas de largo alcance social, como sejam Pensões de Reforma e de Invalidez, Capital em Caso de Morte, além de outros benefícios que

vêm juntar-se aos que já eram anteriormente proporcionados.

O contrato foi assinado na sede da Rank Xerox pelo sr. F. P. Glibbery, director-geral desta Companhia em Portugal e pelo sr. dr. José Gonçalves Viegas Dias, administrador da Império.

Estiveram presentes ao acto funcionários superiores das duas empresas, nomeadamente o sr. dr. J. L. Rebelo Pinto, director do Departamento Manpower & Development, da primeira Companhia e dr. Amândio Camelo, director-técnico do sector Seguros de Grupo da empresa seguradora.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TORNEIO POPULAR DE NATAÇÃO

A Federação Portuguesa de Natação vai concretizar uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa: o «Grande Torneio Popular de Natação».

O torneio realiza-se no mês de Julho e destina-se a nadadores de ambos os sexos, de 8 a 13 anos completos ou a fazer em 1971, que nunca tenham estado filiados na F.

P. N., nem tomadas parte em provas organizadas dentro da hierarquia federada. Quer como individuais, quer em representação de clubes filiados.

Nós valorizamos o ESCUDO!...

Mais material - Por MENOS DINHEIRO!...

FRIGORIFICOS 140 litros com congelador total	2000\$00
" 180 " " " " "	2650\$00
" 200 " " " " "	2990\$00
FOGÕES com 2 queimadores e forno	800\$00
" 3 " " " " "	1100\$00
ESQUENTADORES 5 litros	1000\$00
PANELAS DE PRESSÃO	MARMITEX
4 litros	380\$00
6 " "	430\$00
8 " "	530\$00
TELEVISÃO 59 cm — 2 canais	3500\$00
SOFÁS-CAMA TIPO BELGA	2000\$00
MOBILIAS DE QUARTO E SALA DE JANTAR	3000\$00
MAQUINAS DE LAVAR — 100% AUTOMÁTICAS	4500\$00

GARANTIA DA FÁBRICA

UM TELEFONEMA OU UM SIMPLES POSTAL
E O VENDEDOR IRA A SUA CASA

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO, 3 a 9 (ao C. Santana) — Tel. 562411 — LISBOA

1x2 totobola

O próximo concurso

JÁ PERTO DO FIM DA ÉPOCA AINDA É TEMPO PARA GANHAR NO TOTOBOLA

Para que termine a 1.ª época do Totobola estão apenas três concursos: este do próximo domingo e mais os dois seguintes domingos de Julho. Os totalistas têm, portanto, mais três oportunidades — e alguns mais vão encontrar as «chaves» e os correspondentes prémios. Já sem falar daqueles que, não acertando totalmente, falham por tão pouco que também são premiados.

São os seguintes os 13 jogos (todos da Taça Ribeiro dos Reis) escolhidos para o próximo concurso:

1.ª SÉRIE

1. F. malicão - Riopelo — Na primeira «volta» empataram por 0-0. Agora o F. malicão está no 4.º lugar com 7 pontos e o Riopelo no 2.º, com 10.

2. Vizela-Braga — O Vizela é o 6.º — e último — com 3 pontos, enquanto o Sp. Braga é o 3.º, com 8. Na primeira «volta», em Braga, os locais ganharam por 4-1.

3. Varzim - Guimarães — No jogo da 1.ª volta, e no seu campo, o V. Guimarães ganhou com dificuldade (1-0), mas agora é o «leader» com 10 pontos, enquanto o Varzim está no penúltimo lugar, com 4 apenas.

2.ª SÉRIE

4. Leixões-Penafiel — Empatou por 1-1, no primeiro encontro entre ambos, em Penafiel. Na classificação actual o Leixões está em vantagem: 9 pontos (2.º lugar) contra 5 dos penafielenses (5.º).

5. Espinho-Tirsense — Favoritismo natural do Espinho (já vencedor em Santo Tirso, na 1.ª volta, por 3-0) pois joga agora no seu campo e tem 8 pontos (3.º lugar) ao passo que o Tirsense é o último da série, com 2 pontos.

3.ª SÉRIE

6. U. Colmbra-Académica — Na 1.ª volta empataram por 1-1. Agora a Académica está no 1.º lugar, com 12 pontos, mas o União vem logo a seguir, com 9.

7. Gouveia-Sanjoanense — O D. Gouveia alcançou no passado domingo a sua primeira vitória — e que vitória: 5-1 sobre o B. Mar! Mesmo assim está no último posto (apenas com esses 2 pontos), enquanto a Sanjoanense ocupa a 4.ª posição, com 6 pontos.

8. U. Lamas-B. Mar — Depois da pesada derrota que sofreu em Gouveia, o B. Mar está no 3.º lugar, com 8 pontos, mais 3 que o U. Lamas, situado na 5.ª posição. Na pri-

meira volta, em Aveiro, empataram: 0-0.

5.ª SÉRIE

9. Atlético-Benfica (R) — Quando se encontraram na Luz, os benfiquistas ganharam por 4-1. Aliás, ainda não perderam: 6 vitórias e 1 empate, e o 1.º lugar com 13 pontos. O Atlético está no 2.º lugar (10 p.).

10. Torriense-Peniche — Vitória do Peniche por 2-0 quando recebeu a visita do mesmo adversário. Aliás essa vitória é que marca a actual diferença de pontos entre as duas equipas: o Peniche com 6, o Torriense com 4.

6.ª SÉRIE

11. Luso-Barcelense — Na 1.ª volta 2-0 para o Barcelense, que está no comando da série com 11 pontos, enquanto o Luso é o 3.º, com 5.

12. Montijo-CUF — O Montijo está no 5.º e último lugar com 1 ponto apenas, e a CUF ocupa a 2.ª posição, com 7. Na primeira volta: CUF, 1 - Montijo, 0.

7.ª SÉRIE

13. Portimonense-Seixal — Os seixalenses (que no seu campo venceram os algarvios por 2-1) estão no 3.º lugar

com 5 pontos. O Portimonense ocupa a 5.ª (e última posição) com 3 pontos.

Depois de alguns concursos caracterizados pela abundância de premiados, o concurso do Totobola de antontem ficou mais fino e tanto os «trezes» como os «dozes» garantem já aos seus felizes autores que as suas férias deste ano serão melhores...

Uma «sociedade» da Marinha Grande pede-nos o desenvolvimento, em múltiplas, do sistema de 5 TRIPLAS e 6 DUPLAS «condicionado ao 12».

Acertando nos dois «fixos» e nas seis duplas há uma garantia total de 12 resultados certos — a percentagem para o 13 é de 11,11.

Desdobra-se este sistema em 9 boletins de 192 apostas e o seu custo é de 3456\$00.

TRIPLA	1	x	2	1	x	2	1	x	2
TRIPLA	1	x	2	1	x	2	1	x	2
TRIPLA	1	x	2	1	x	2	1	x	2
TRIPLA	1	1	1	1	1	1	1	1	1
TRIPLA	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x

As duplas apresentam-se para 1-X mas podem ser alteradas — conforme o palpite do apostador — para 1-2 ou X-2.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 42 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961-62		Não houve		
1962-63		11x	x21	121x
1963-64		1x1	112	xx2 11x1
1964-65		21x	21x	212 x111
1965-66		111	2x2	xx2 1111
1966-67		112	11x	xx1 112x
1967-68		x22	x11	12x x112
1968-69		xxx	221	12x 2xx2
1969-70		x11	222	11x 2112

a) Na época 62-63 — a primeira em que o Totobola se prolongou por 42 concursos — apareceu um único máximo acertante que recebeu 911 631\$80;

b) Na época 64-65 não houve totalistas e na última época apenas dois totalistas recebendo cada um 956 375\$20;

c) É sem dúvida um concurso que — estatisticamente — promete «aquecer» este final de época.

O PENÚLTIMO

CONCURSO

O penúltimo concurso da temporada, no próximo dia 4 de Julho, compreenderá os seguintes treze jogos da «Taça Ribeiro dos Reis»:

1. Varzim-Famalicão
2. Guimarães-Braga
3. Espinho-Salgueiros
4. Boavista-Leixões
5. Tirsense-Penafiel
6. U. Lamas-U. Coimbra
7. T. Novas-Tramagal
8. Marinhense-U. Leiria
9. Torriense-Atlético
10. Peniche-Sintrense
11. Montijo-Luso
12. Barcelense-Belenense
13. Olhanense-Seixal

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Armando Aldegalega, o melhor «fundista» português, foi convidado para disputar em Porto Rico uma corrida de 33 km. O corredor sportinguista alinhará ao lado de alguns dos melhores especialistas mundiais

No G. P. Fagor Andrade dominou mas quanto a ganhar...

O Grande Prémio Fagor, disputado em Angola, terminou em «festival Joaquim Andrade». Na verdade, o ex(?) -Sangalense foi primeiro em todos os campos de luta: geral individual, pontos e montanha; e, naturalmente, já que a sua (?) equipa — a Fagor — foi a primeira na classificação colectiva, a ela lhe deve o principal quinhão...

Mas (e aí a razão dos interrogados) há, pende, o caso levantado pelo Sangalhos que, considerando seu, o ciclista, pediu, através das vias competentes, a suspensão, não só de Andrade, mas também a de Joaquim Santiago (terceiro classificado?) na prova, nas mesmas condições. O «caso» é sabido... E agora evoluiu: a Associação de Ciclismo de Luanda, solidarizando-se com os corredores e a Organização Portuguesa de Ciclismo, o que a libertaria de dar cumprimento ao determinado pelo organismo máximo — daí resultando, logo, a homologação (regional) da prova e dos resultados. Mas as coisas cresceram... e o Conselho Provincial de Educação Física de Angola, notificado pela F. P. C. e de acordo com o organismo máximo do ciclismo, impugnou também a homologação da corrida, condicionando-a à exclusão dos dois ciclistas.

Enfim, um caso que promete. Será que Joaquim Andrade passará de grande vencedor a grande vencido? Há dois anos, por motivos diferentes, mas que também deram muito brado e controvérsia, foi o contrário. Então, o cumprimento do regulamento levou Andrade à lista dos vencedores da Volta a Portugal...

Se agora suceder o mesmo, o bocado estará guardado para o espanhol Galdamez, da Coelima...



O dr. Silva Rocha proferiu uma magnífica palestra no Curso de Treinadores que está a decorrer em Lisboa. Na imagem, vivamente interessados nas palavras do conhecido médico, figuram grandes nomes do nosso futebol: Quaresma, José do Carmo, Carlos Silva, Celestino, Peres e Simões

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Torneio de basquetebol promovido pelo Sport Algés e Dafundo: Cruz-Quebradense, 25-Algés, 23 (iniciados) e Algés, 29-Benfica, 27 (senhores).

FUTEBOL JÚNIOR

Resultado do sorteio das

meias-finais do campeonato nacional de juniores (futebol): Sporting-Benfica e Boavista-F. C. Porto, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

TÊNIS

Carlos Figueira venceu o torneio de ténis organizado

pelo Clube Internacional de Ténis.

TÊNIS DE MESA

Em Leiria, o Benfica conquistou o título nacional de ténis de mesa. O F. C. do Porto foi segundo classificado.

VELA

Na regata «Vasco da Gama», que está a disputar-se ao largo de Matosinhos, os três primeiros classificados são Didier Poissant (França), Félix Gancedo (Espanha) e Altameyer (Brasil).

HÓQUEI EM PATINS

Na Zona Sul do Campeonato Metropolitano da I Divisão de Hóquei em Patins o Sporting bateu o Paredo por 8-0.

FINAL DO CAMPEONATO MILITAR DE FUTEBOL

Amanhã, às 17 horas, no campo da Tapadinha, realiza-se o jogo final do campeonato militar de futebol. São finalistas os grupos representativos da R. A. F. e do Regimento de Cavalaria 7.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio Internacional; Vitória de Setúbal-Belenenses, às 21 e 15; e Almada-Seleção de Essen, às 22 e 30, no Pavilhão da Escola, em Almada.

ASSEMBLEIA — Do Alhandra Sporting Clube para eleição dos novos dirigentes, na sede da Sociedade Euterpe Alhandrense, às 22.

BADMINTON — II Torneio de propaganda de Não-Federados Seniores, na Escola Nuno Gonçalves, às 21.

BASQUETEBOL — Torneio Aniversário do Ateneu Comercial de Lisboa, no Pavilhão da Ajuda: Nacional-Técnico, às 20 e 30; C. U. F.-C. Quebradense, às 21 e 45; e C. I. F.-Ateneu, às 23.

Sessão solene da Associação de Lisboa para distribuição dos prémios relativos às épocas de 1967 até ao momento, às 21 e 30, no Ateneu Comercial de Lisboa.

Torneio Aniversário do Algés e Dafundo, no seu campo: Algés B-C, D. U. L. B, às 21, em iniciados; e Algés-

Barrense, às 22, em juniores.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (Zona Sul): Estremoz-Azeitonense, Amadora-Belenenses, F. Benfica-Vilafrangense e Algés-Cimento Tejo, às 22 e 15, nos rinques dos primeiros.

Campeonato Metropolitano da I Divisão: Benfica-Paço de Arcos, às 21 e 15 (reserva) e às 22 e 15 (honra), no Estádio da Luz.

TÊNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores de Lisboa: Musical 3 de Agosto-Progresso Clube, Paço do Lumiar-Lisbonense e Académica da Amadora-Económicos, às 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Torneio Encerramento de Juvenis: Lisboa Ginásio A-Moscavide, às 19 e 30, na Escola Josefa de Óbidos.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de Equipas (2.ª categoria): Juventude-Benfica, A. P. Surdos-Sporting e Alekhine-Amadora, às 21, nos tabuleiros dos primeiros.

BOXE

AMANHÃ (21.45)
NO PAVILHÃO
DOS DESPORTOS

GRANDE
SESSÃO
DE BOXE
PROFISSIONAL!

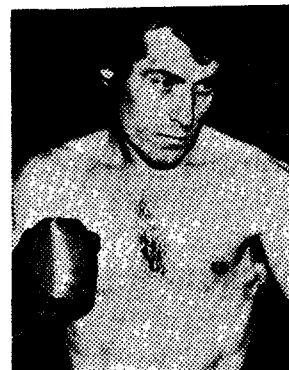


RODRIGUES

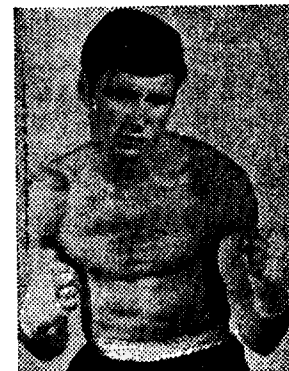


ALMEIDA

QUEM
IRÁ
VEN-
CER?



ANJOS



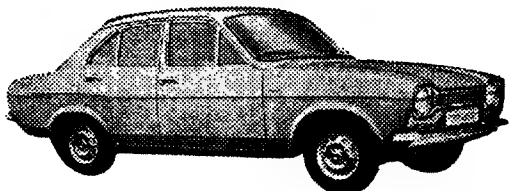
TAVARES

ALMEIDA C RODRIGUES
ANJOS N TAVARES
KAKÁ T CHANÇA
REALINHO R A REBELO

Uma série de combates empolgantes e sensacionais! A abrir MOCUNA contra DELGADINHO, amadores, «meios-pesados».

ORGANIZAÇÕES «LISBOA BOXE»

(Bilhetes à venda nos Restauradores e no Pavilhão P/M-17 anos)



Capri Ford Escort

2 CARROS DIFERENTES
2 ÊXITOS SEMELHANTES

CONSULTE O SEU CONCESSIONÁRIO FORD

LINCURI

AV. REPÚBLICA LISBOA

e concejhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira

A actual revisão constitucional considerada a primeira «liberalizante»

(Continuação da pág. central)

Que se provejam crises menos graves do que as correspondentes ao estado de sítio, com a possibilidade de o Governo tomar as necessárias medidas de restrição da liberdade e garantias, ninguém contesta. Mas que dependa da discricionariedade do Governo a declaração da existência da situação e a determinação do grau de compressão dessas liberdades e garantias, sem autorização ou, pelo menos, ratificação do mais cedo possível por parte da Assembleia Nacional ou o que parece inquietante (8). Ao cabo e ao resto, os direitos solenemente enunciados no art. 8.º ficam sujeitos, em cada momento, a ser esvaziados de conteúdo,

e o regime do estado de emergência torna-se paradoxalmente menos benévolo do que o de estado de sítio (art. 109.º, § 5.º), não obstante o perigo para a tranquilidade pública ser menor.

Em matérias de garantias, notou-se ainda que o projecto Sá Carneiro, de acordo com tudo realçar a missão dos tribunais, dos tribunais comuns de jurisdição ordinária: devem ser só eles a aplicar penas ou medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade pessoal (art. 8.º n.º 9); a instrução em processo penal, preparatória e contraditória, deve ser judiciária e escrita (n.º 10), fora de flagrante delicto só a autoridade judicial deve poder ordenar a prisão ou qualquer medida que res-

trinja a liberdade pessoal (art. 8.º, § 4.º).

Liberdades e desenvolvimento

Além das duas liberdades — de informação e de emigração — desconhecidas, ele preocupa-se com a regulamentação do exercício das liberdades em geral e define os princípios por que se devem pautar a imprensa e — algo que, a ser aprovado, quase seria único no mundo — a rádio e a televisão. O exercício das liberdades não pode ser submetido a poder discricionário do Governo ou da Administração, nem lhe podem ser criadas limitações que redundem na sua supressão prática (art. 8.º, § 2.º) (1). A imprensa não

pode estar sujeita a censura, previa ou não: as medidas preventivas ou repressivas da crime e de imprensa competem a tribunais comuns de jurisdição ordinária; é livre a fundação de empresas jornalísticas por portugueses residentes em Portugal (art. 23.º). São objectivos da rádio e da televisão a comunicação entre todos os portugueses, a objectividade da informação e a prioridade dos programas educativos (art. 23.º A).

Por último, verificou-se que da liberdade religiosa curam a proposta do Governo e o projecto Sá Carneiro. As finalidades são idênticas: maior garantia e maior igualdade das diversas confissões (art. 45.º

e 46.º). Sem embargo, também aqui é mais liberal o projecto: só a prática, e não a vida religiosa em toda a sua dimensão (como pode resultar da proposta do Governo), pode ser regulada pelo Estado (art. 8.º § 2); e só são proibidos actos de culto incompatíveis com a vida e a integridade da pessoa e com os bons costumes (art. 45.º).

O debate incidiu essencialmente sobre a prioridade a atribuir ao desenvolvimento económico ou às liberdades e direitos fundamentais, concluindo-se que, se é possível o crescimento económico sem liberdades, já o desenvolvimento em sentido global, as pres-

Uma passagem de modelos para beneficência

COIMBRA, 22 — Foi definitivamente marcada para sábado, à tarde, a passagem de modelos, organizada pelas senhoras da Casa da Amizade do Rotary Clube de Coimbra e que, devido ao mau tempo fora adiada.

Festa mundana, é aguardada com muito interesse, pois além da passagem de modelos haverá a exibição de conhecidos artistas e, em especial, o facto de a receita se destinar à Casa da Infância «Doutor Elísio de Moura», benemérita instituição que a cidade acarinha.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

razões que não descorriam merecerá a promoção de que está sendo alvo. A verdade porém a verdade que se mete pelos olhos dentro de que o seu valor como intérprete e a «novidade» das canções não justificam a promoção. Uma aposta: ninguém cantará jamais as canções que Paco Bandeira cantou ontem. Isto num país onde se cantam coisas tão malzinhas...

Longo, longo tempo levou a sessão dedicada ao Labiche agora traduzido para a língua do Parque Mayer. (Pobre do Labiche, nem sabe onde se foi meter!) Participaram do «número» Nicolau Breyner («um homem que todos conhecem pela sua versatilidade»), segundo a apresentação de Rui Romano/Ivone Silva

(«Gostava de fazer comédia uma vez por ano») e César de Oliveira, um dos tradutores da peça. Incluída no «número», a antestreia de uma comédia. Pois é verdade, Labiche, mal tu sabes...

As maiores novidades desta emissão residiram nas estreias de Nicolau Breyner e de Rui Romano. Este, palavroso e incapaz de dominar a verborreia (pecha demonstrada já noutras rubricas de televisão), vem decerto aumentar as qualidades soníferas do «Canal 13».

Quanto a Nicolau Breyner, a sua presença foi... deprimente. Enterrado, ensopado na cadeira, aí tão triste de ser visto como quando forçou a nota da pida e da «naturalidade», Nicolau Breyner exemplificou na perfeição o como não se deve dizer, o como não se deve estar na televisão.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc. Rua Mouzinho Maro 46

Engenheiro Electrotécnico

IMPORTANTE EMPRESA METALOMECÂNICA, SITUADA JUNTO DE LISBOA, PRETENDE PARA ADMISSÃO IMEDIATA ENGENHEIRO QUALIFICADO PARA GABINETE DE ESTUDOS DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE EQUIPAMENTOS E MÁQUINAS.

PRETENDE-SE CANDIDATO COM VÁRIOS ANOS DE EXPERIÊNCIA SIMILAR OU COM PRÁTICA DE MANUTENÇÃO ELECTROMECÂNICA DE EQUIPAMENTOS.

EM PRINCÍPIO DESEJÁVEL EXPERIÊNCIA SUPERIOR A 5 ANOS E IDADE ATÉ 40 ANOS.

INDISPENSÁVEL INDICAR IDADE, ANO E CLASSIFICAÇÃO CURSO, ACTIVIDADE DESENVOLVIDA E CONDIÇÕES DESEJADAS.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 844.

Estenodactilo—Correspondente

Que escreva com rapidez teclado «AZERT» e redija corretamente português, francês e bons conhecimentos de inglês; para escritório de movimento área Praça de Londres. Estabilidade, 14 meses de ordenado, 30 dias de férias anuais. Favor só responder quem tenha devidas habilitações e prática.

Resposta a este jornal ao n.º 843.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etes	Compra	Venda	Ultramarinas	Etes	Compra	Venda
Consolidado 3 1/4%	459\$	459\$	474\$	Ag. 3.ª e Príncipe	—	121\$	140\$
Consolidado 3 1/2%	474\$	—	590\$	Borac	70\$5	70\$	71\$
Consolidado 4%	590\$	—	1.896\$	Caixa	—	195\$	200\$
Consolidado 5%	1.896\$	—	—	Com. de Angola	1.950\$	1.945\$	1.980\$
Ext. 1.ª Série	595\$	595\$	600\$	Ext. de Angola	—	600\$	—
Ext. 2.ª Série	610\$	—	680\$	Ext. de Angola	—	184\$	—
Ext. 3.ª Série	—	700\$	—	Ext. de Angola	—	395\$	—
Ext. 4.ª Série	—	—	—	Ext. de Angola	—	405\$	410\$
Ext. 5.ª Série	—	—	—	Ext. de Angola	64\$5	64\$	65\$
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua Lisboa 5%	—	—	—	Agua	6.820\$	6.800\$	6.850\$
A.P. 1.ª Série 5%	—	—	895\$	Caixa	4.400\$	—	4.500\$
A.P. 2.ª Série 5%	—	—	820\$	Caixa	—	1.480\$	1.500\$
C.P. 1.ª Série 5%	—	790\$	—	Caixa	1.400\$	1.390\$	1.420\$
C.P. 2.ª Série 5%	—	930\$	—	Caixa	—	3.700\$	3.800\$
C.U. 1.ª Série 6%	—	930\$	—	Caixa	1.140\$	1.130\$	1.150\$
C.U. 2.ª Série 6%	—	870\$	—	Caixa	950\$	950\$	960\$
Gás Elect. 1.ª Série 4%	—	860\$	855\$	Caixa	3.830\$	3.820\$	3.820\$
Gás Elect. 2.ª Série 4%	—	855\$	870\$	Caixa	581\$	580\$	582\$
Gás Elect. 3.ª Série 4%	—	870\$	870\$	Caixa	3.850\$	3.830\$	3.870\$
Gás Elect. 4.ª Série 4%	—	850\$	850\$	Caixa	2.330\$	2.330\$	2.340\$
Gás Elect. 5.ª Série 4%	—	950\$	—	Caixa	3.280\$	3.250\$	3.300\$
Gás Elect. 6.ª Série 4%	—	950\$	—	Caixa	1.490\$	1.480\$	1.500\$
Gás Elect. 7.ª Série 4%	—	975\$	—	Caixa	630\$	630\$	635\$
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Elect. e Gás			
H. e A. Alentejo 5%	750\$	750\$	760\$	Agua Lisboa 1.ª	—	390\$	—
H. e A. Alentejo 5%	965\$	965\$	—	Agua Lisboa 2.ª	—	420\$	430\$
H. e A. Alentejo 5%	760\$	760\$	770\$	Agua Lisboa 3.ª	—	390\$	—
H. e A. Alentejo 5%	965\$	965\$	970\$	Agua Lisboa 4.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	940\$	—	Agua Lisboa 5.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 6.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 7.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 8.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 9.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 10.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 11.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 12.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 13.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 14.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 15.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 16.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 17.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 18.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 19.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 20.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 21.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 22.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 23.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 24.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 25.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 26.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 27.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 28.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 29.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 30.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 31.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 32.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 33.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 34.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 35.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 36.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 37.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 38.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 39.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 40.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 41.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 42.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 43.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 44.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 45.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 46.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 47.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 48.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 49.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 50.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 51.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 52.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 53.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 54.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 55.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 56.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 57.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 58.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 59.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 60.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 61.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 62.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 63.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 64.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 65.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 66.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 67.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 68.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 69.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 70.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 71.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 72.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 73.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 74.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 75.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 76.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 77.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 78.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 79.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 80.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 81.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 82.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 83.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 84.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 85.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 86.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 87.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 88.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 89.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 90.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 91.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 92.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 93.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 94.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 95.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 96.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 97.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 98.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 99.ª	—	—	—
H. e A. Alentejo 5%	—	—	—	Agua Lisboa 100.ª	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

ÍNDICE BORGES & IRMÃO			
COTACAO DAS ACCOES (Base Dez 65 100)			
	15-6-71	21-6-71	22-6-71
GERAL	150,6	150,3	149,8
ULTRAPOL	146,6	146,8	146,9
ULTRAFIN	179,6	175,9	170,7

A C C O R S			
Bases:			
Agricultura	—	2.230\$	2.230\$
Alentejo	1.127\$	1.127\$	1.130\$
Angola	4.220\$	4.215\$	4.240\$
Burmal	—	—	—
Cria Predial	—	—	—
E. Santa	6.580\$	6.585\$	6.590\$
E. Santa R.	—	—	—
Consehos S. O.	—	26.900\$	27.500\$
Cimento	—	2.715\$	2.740\$
B. Açores P.	—	—	—
L. S. Açores R.	—	—	—
P. At. Antico P.	6.470\$	6.460\$	6.480\$
Portugal R.	—	3.550\$	3.600\$
Portuga P.	—	4.030\$	4.100\$
Totta Alameda	6.910\$	6.910\$	6.920\$
Ultramarino R.	4.170\$	4.160\$	4.180\$
Ultramarino A.	4.500\$	4.490\$	4.520\$
Seguros			
Alentejo	—	736\$	140\$
Douro	—	2.450\$	—
Mundial	—	990\$	1.020\$
Saiges	—	—	—
Transatlântico	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	—	—
Aç. Cassequel	—	665\$	675\$
Aç. Incomant	—	—	—
Aç. Neves	—	—	350\$

CARTAZ DOS CINEMAS



*** ALVALADE**
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
John Wayne num filme
de John Huston
**O BARBARO
E A GUEIXA**
Cinemascope — Cor de Luxe

*** ESTÚDIO**
(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
Christopher Jones
e Pia Degermar
em
**AQUELES DIAS
CONTIGO...**
(Briel Season)
Colorido

*** ROMA**
(Adultos) Tel. 78778
4.ª SEMANA
As 15.30 e 21.45
O BELO ANTONIO
com Marcello Mastroianni,
Claudia Cardinale e Pier-
re Brasseur

*** MUNDIAL**
(Adultos) Tel. 538743
3.ª SEMANA
DE SENSACÃO!
As 18.30 e 21.45
George Peppard, Carol Ba-
ker, Alan Ladd e Marth Hoper
OS INSACIAVEIS
Um filme de Edward Dmytryk
Cinemascope — Technicolor
Metro: Estação Picoas

*** MONUMENTAL**
(M. 12 anos) Tel. 555131
ESTREIA
As 21.30 horas
Emocionante! Explosivo!
Destruído!
ZEPPELIN
Michael York, Elke Sommer
Panavision — Technicolor
As 15.15 — Última
O TESOURO DE EL CONDOR

*** SATÉLITE**
(Adultos) Tel. 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
17.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy
Schneider
Situado no edifício
do Monumental

*** IMPÉRIO**
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30 h.
Um filme de amor de Jack
Clayton, com argumento de
Harold Pinter, como não se vê
muitas vezes...
**DISCUSSÃO
NO QUARTO**
com Peter Finch, Anne, Bran-
croft e James Mason

*** ESTÚDIO**
(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme de Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina, Eddie
Constantine e Akim Ta-
miroff

*** APOLO 70**
CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1.º anos) Tel. 763319
4.ª SEMANA
As 14.30, 16.45 e 21.45
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford
e Katharine Ross
Scope Technicolor
HOJE, às 19 h. (Adultos)
LABIRINTO DE PAIXÕES
de Robert Mulligan
com Rock Hudson e Burt Ives

*** EDEN**
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Christopher Lee, Boris Karloff
e Barbara Steele
**A MALDIÇÃO
DO ALTAR VERMELHO**
Colorido

*** CONDES**
(Adultos) Tel. 322523-326710
3.ª SEMANA
4.ª SEMANA
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Charles Bronson em
**A ADOLESCENTE
E O QUARENTÃO**
Technicolor

*** LUMIAR**
(Adultos) (As 21 horas)
SABATA
ENGANEI-ME NO NÚMERO

*** TIVOLI**
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 15, 18.15 e 21.30 h.
3.ª SEMANA
**LUA DE MEL
COM URTIGAS**
com Gig Young, Bonnie Bede-
lia e Michael Brandon.

*** IMPERIAL**
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
**PERSEGUIDAS
NA ESCURIDÃO
A MINHA FILHA
É UM PROBLEMA**

*** LIDO**
(M. 17 anos) As 21.30 h.
Charles Bronson em
**A ADOLESCENTE
E O QUARENTÃO**
Um filme para ver e... meditar!
Interesse e oportunidade!

*** TERRASSE**
(M. 17 anos) Tel. 320017
As 15 e às 21 h
**CONTESTAÇÃO GERAL
ANTES DO INVERNO
CHEGAR**

*** ODEON**
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA TRIUNFAL
UM FILME DE QUE TODOS
FALAM PELA SUA NOBREZA
DE PENSAMENTO
**ROSAS BRANCAS PARA
MINHA IRMÃ NEGRA**
com Libertad Lamarque,
Robert e Irma Lozano
— Eastmancolor —

*** ESTUDIO 444**
(M. 12 anos) Tel. 779095
6.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de
François Truffaut
**O MENINO
SELVAGEM**

*** ESTUDIO 444**
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
O AMERICANO

*** CASINO ESTORIL**
(M. 12 anos) As 17 e 21.30 h.
**O ASSUNTO
ERA ROSAS**
com Patricia Neal, Jack Albert-
son e Martin Sheen.

*** VOX**
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA TRIUNFAL
UM MARIDO INFIEL
com Jean Yanne
e Françoise Fabian
(Junto a Av. de Roma)

*** EUROPA**
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
**LOUIS DE FUNES em
O GENDARME
EM FÉRIAS**
Colorido

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS
MARIA MATOS — As 21 e 45:
«Jogos de Sociedade» (17 anos).
GIL VICENTE — As 22: «Ivone»
(17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 «A
Cozinha» (17 anos).
VILHARRET — As 21 e às 23 h.:
«A Capital» (17 anos).
M. VITÓRIA — As 20.45 e 23 h.:
«Calate, boca!...» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — As 19: «Sugar Colt»
(12 anos).
CINEARTE — As 21: «O camiceiro»
(17 anos).
PARIS — As 21: «Missão caveira
humana» (17 anos).
IDEAL — As 21: «O criado» (17
anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Ao lon-
do da fronteira» (17 anos).
JARDIM — As 21: «O detective»
(12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Assas-
sinos» (17 anos).
BNCARINHAÇÃO — As 21: «O dia-
bo atrás da porta» (17 anos).

● Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE —
As 21 e 30: «Sob o signo da lua
peita» (17 anos).
OBRAS — OBRAS-CINE — As 21:
«O Rio da Violência» e «Estes
tunistas americanos» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21:
«O Forão» e «Rapsódia» (12
anos).
ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «O assunto era ro-
sas» (12 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — As 21 e
30: «Nunca foram vencidos» (12
anos).
ESTORIL — ESPANADA — As 21
e 30: «O roubo da Pietá» (12
anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Perdido no deserto» (12
anos).

● Outra Banda

ALMADA — INORVEL — As 21
e 15: «Chego, Vejo e disparo»
(12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM
— As 21 e 15: «Sete noivas pa-
ra sete irmãos» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E

*** BERNARDO**
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ÊXITO!
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Candice Bergen
e Peter Straus
num filme de Ralph Nelson
Em Panavision e Technicolor
(a Av. Marquês de Tomar)

*** LIDO**
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
STROGOFF
DOIS CONTRA O TEXAS

*** SÃO JORGE**
(Adultos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
Agora no Cinema!
Mink Jagger é
NED KELLY
Um filme notável
de Tony Richardson

*** ROYAL**
(M. 17 anos) Tel. 865037
As 15 e 21 h.
Novamente o grande sucesso
**AS NOITES QUENTES
DE LADY HAMILTON**
Michele Mercier e John Mills
CASTA SUSANA

RECREIO — As 21 e 30: «Sar-
tana, resa por tua morte» (12
anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
e 30: «O Monstro da Cidade de
Londres» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «A Marca
do Vingador» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ CINEMA —
As 21 e 15: «Cicco, perdão...
eu não» e «O Tesouro dos Aste-
cos» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY
— As 21 e 30: «Os Homens da
Boranga» (12 anos).

● PORTO

TEATROS
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45:
«A Batalha Naval» (17 anos).
CINEMAS
SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O exér-
cito da sombra» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «A visita»
(17 anos).
RIVOL — As 2 e 30: «Califór-
nia» (12 anos).
TRINDADE — As 2 e 30: «O
Distrito» (12 anos).
BATALHA — As 2 e 30: «A Pis-
cina» (17 anos).

AGUIA D'OURO — As 2 e 30:
«O Espadachim de Copo Ne-
gro» (12 anos).
OLIMPIA — As 2 e 30: «Rio
Bravo» (12 anos).
ESTUDIO — As 2 e 30: «John e
Mary» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21:
«Oito feras á solta» e «Um
espírito de uniforme» (12 anos).
VALE — OROMO — As 2 e 30:
«Amores Proibidos» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — As 2 e 30:
«Um Homem para o Eternida-
de» (17 anos).

Amanhã, é noite, não há espec-
táculos por motivo dos festejos
de São João.

● COIMBRA

TEATROS
GIL VICENTE — As 21 e 30: Re-
cital pelo Coral das Estudantes
de Letras (12 anos).

CINEMAS
AVENIDA — As 21 e 30: «O
cow-boy da meia-noite» (17
anos).
TIVOLI — As 2 e 30: «A morte
do Dragão» (17 anos).
SOLSA BASTOS — As 21 e 30:
«Um lugar para amar» (17
anos).

Teatro TEL. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
8 ÚLTIMOS DIAS
AR REFRIGERADO

**Jogos de
Sociedade**
de J. J. ALONSO MILLAN
(M. 12 anos)

A SEGUIR EM
**SENSACIONAL
REAPARIÇÃO**

A RELÍQUIA
DE QUEIROZ

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Moura, Tra-
vessa da Memória 55 (tel.
630944).
ALCANTARA — Bairro,
R. Pinar do Coto, 25 (tel.
661321). * Biotfar, Rua
D. João de Castro, 27-B
(tel. 638824).
ALVALADE — Zil, Av.
da Igreja, 9-D (tel. 711780).
* São João de Deus, Rua
Pedro Ivo, 4-A (tel. 725140).
* Roma, Avenida de Roma,
85-B (tel. 772466).
ANJOS — Confiança, Av.
Almirante Reis, 46 (tel.
42453).
AREIRO — Garantia, R.
Padre Manuel da Nóbrega,
5-A (tel. 727300). * Im-
perial, Av. Guerra Junqueiro
30-B (tel. 726860).
AVENIDA DA LIBERDADE
— Fernandes, Rua de S.
José, 87 (tel. 326476).
AVENIDAS NOVAS —
Alcântara, Avenida da Re-
pública, 74-A (tel. 77379).
* Vale, Avenida Marquês
de Tomar, 45 (tel. 773043).
* Dalva, Avenida Duque
de Avila, 25 (tel. 45225).
BAIRRO DA ENCARNACÃO
— Ascensão, Rua 27,
4 (tel. 311216).
BAIRRO DA LIBERDADE
— Salutar, Rua R, 15-A
(tel. 683694).

BAIXA — Azevedo, Rossio,
3 (tel. 327478).
BENFICA — Lavinho, R.
Eng. Paulo de Barros (ex-
-Rua C. da Rua do Casca-
lho, 28-A (tel. 708242). *
União, Estrada de Benfica,
59 (tel. 700092). * Ale-
greia, Estrada de Benfica,
80-A (tel. 780511).
CAMINHOS DE FERRO —
Frazão, Rua da Cruz de
Santa Apolónia, 90 (tel.
847019).
CAMPOLIDE — Pinto,
Rua de Campolide, 11 (tel.
682610).
CAMPO DE OURIQUE —
Nobel, Rua de Infantaria
16, 98-B (tel. 688907).
CASTELO — Ziller, Rua
S. Tomé, 54 (tel. 862835).
CHELAS — Banha, Es-
trada de Chelas, 73 (tel.
382241).
ENTRECAMPOS — Alcân-
tera, Av. da República, 11
(tel. 682610).
ESTEFANIA — Mundial,
Largo de D. Estefânia, 9
(tel. 45578).
ESTRELA — Andrade Ri-
beiro, Av. Infante Santo,
66-B (tel. 666971).
LAPA — César, Rua das
Trinas, 102 (tel. 662631).
LUMIAR — Central, Rua
do Lumiar, 17 (tel. 190480).

* Douro, Alameda das Li-
nhas de Torres 93-A (tel.
79131).
OLIVAIS — Olivals, Rua
Alves Gouveia, 19 (tel.
311237).
PENHA DE FRANÇA —
Central da Penha, Rua do
Penha de França, 58 (tel.
849245). * Vitália, Rua
Moraes Soares, 66-A (tel.
848011).
PICHELEIRA — Luzmar,
Rua João Nascimento Cos-
ta, 16-A (tel. 728395-
720703).
POÇO DO BISPO — Frel-
tas, Rua Zóimo Pedrosa,
11-13 (tel. 381136).
REGO — Baptista, Rua
Francisco Tomás Costa, 3-C
(tel. 771873).
SANTO AMARO — Car-
reia de Azevedo, Rua Luís
de Camões, 42-B (tel.
638626).
S. BENTO — Moz Tel-
xeira, Rua do Poço dos
Negros, 15 (tel. 679961).
S. MAMEDE — Albano
Rua da Escola Politécnica
59 (tel. 326750).

**S. SEBASTIÃO DA PE-
DREIRA** — S. Sebastião,
Largo de S. Sebastião da
Pedreira, 1-9 (tel. 486421).
* Sousa Martins, Rua Sou-
sa Martins, 25 (tel. 553468).
● Linha de Cascais
ALGÉS — Almeida Nifo
— Av. Combatentes G.
Guerra, 64 (tel. 212070).
CAXIAS — Nova — R.
Bernardim Ribeiro, 4-A
(tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Go-
dinho da Silva — Av. Pa-
tão Lopes, 4 (T. 2432039).
OBRAS — Alcântara
Guerrilha — Bairro Resi-
dencial Dr. Augusto de
Castro — Lote 10 (tel.
2430591).
PAREDE — Crincho —
Av. da República, 67 (Tel.
2471204).
ESTORIL — Parque —
Arcados do Parque, 3 (tel.
260191).
S. PEDRO DO ESTORIL —
S. Pedro (tel. 263052).
CASCAIS — Marginal —
Av. Marginal (tel. 280078).
* A. Costa — R. Freitas
24-C (tel. 290241).

● Linha de Sintra
AMADORA — Cavaca —
Rua Elias Garcia, 209 (tel.
930019). * Flama — Rua
Elias Garcia, 18-B (tel.
932485). * Confiança —
Av. D. Nuno Álvares Pe-
reira, 15-A (tel. 938149).
DAMAIA — Demelo —
P. Alexandre Gusmão 9
(Tel. 970523).
QUELUZ — Zeller, Rua
da República, 83 (Telefone
950045). * Correia, L. do
Mercado, 3 (Tel. 950905).
CACÉM — Central —
R. Elias Garcia, 55 (Tele-
fone 2940034).
MEM MARTINS — Qui-
mla — Est. Mem Martins,
285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA —
Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Marrozes —
L. Afonso de Albuquerque
(Tel. 980058).
COLARES — Colares —
Abreia — (Tel. 299088).
● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes —
L. Corone — (Tel. 34371).

ALHOS VEDROS — Gus-
mão — Rua Cândido dos
Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA — Alverde — R.
Fernão Lopes, 1 (telefone
270271).
BAIXA DA BANHEIRA —
Alange — Est. Nacio-
nal (Tel. 224302).
BARREIRO — Santa
Marta — R. do Lavradio
17-A (tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE —
Atlântico — Quinta do
Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha —
P. da República, 16
(Tel. 289029).
MONTIJO — Montepio
— R. Almirante Reis, 93
(Tel. 230035).
SESIMBRA — Leão — Av.
Solazar (tel. 229471).
SETUBAL — Oliveira —
L. da Misericórdia (Telefo-
ne 22488).
SEIXAL — Soromenho
R. Pava Coelho 38 (Tel.
228560).
● PÓR-C
Anacleto de Barros, Rua
do Loureiro 04 (Tel.

35075). * Camela, Rua
do Heroísmo 90 (Telefo-
ne 32584). * Canavieira,
Rua da Restauração, 53
(Tel. 60754). * Confiança,
Rua de Santa Catarina,
960 (Tel. 22884). * Costa
Cabrál, Rua de Costa Ca-
brál, 832 (Tel. 40780). *
Figueiredo, Lda., Rua de
Cedoreira, 25 (T. 21620).
* Fonte da Moura, Rua
de Tânger, 463 (Telefo-
ne 68444). * Monte dos
Burgos, Rua do Monte dos
Burgos, 802 (Tel. 62279).
Monte Cativo, Rua Monte
Cativo 444 (T. 41687). *
Nova Avenida, Av. Fernão
de Magalhães, 692 (Tele-
fone 52250). * Padrão, L.
do Padrão, 342 (T. 52149).
* Parente, Rua das Flo-
res, 4 (Tel. 21611). *
Pombal, Campo dos Már-
tyres da Pátria, 52 (Tele-
fone 3295). * Sá de Ab-
deira, Rua de Sá da Bon-
deira, 236 (Tel. 22164). *
Nacional, Rua Senhora da
Luz 56-Fox T. 680833).
● COIMBRA
M. Nazaré, Avenida João
das Regras (tel. 23033). *
Figueiredo, Rua da Sofia
(tel. 22837). * Correia, Rua
Visconde da Luz (tel.
22834).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade.
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 136
Lisboa — Portugal

DL

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo nas regiões do interior e com algumas nuvens nas regiões do litoral; havia neblina em alguns locais do litoral Oeste para norte do Cabo Carvoeiro; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 36,5; mínima: Sintra, 2°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15°; Penhas Douradas, 21°; Coimbra, 16°; Portalegre, 20°; Lisboa, 18°; Faro, 20° e Funchal, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 21°; na água do mar, 16,4°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, com excepção das regiões do litoral onde estará temporariamente nublado durante a manhã; vento fraco a moderado do quadrante Norte; nevoeiro ou neblina locais.

Amãhã
Nascer às 6 e 12
Ocaso às 21 e 5

Amãhã Dia 30 Dia 8 Dia 15

MARES:

PREIA-MAR: Hoje — 3 e 47 (3,8 m); 16 e 09 (4,1 m).
Dia 23 — 4 e 38 (3,9); 16 e 57 (4,1); Dia 24 — 5 e 24 (3,8 m); 17 e 39 (4,1 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 9 e 06 (1,0 m); 21 e 37 (0,9 m).
Dia 23 — 9 e 53 (1,0 m); 22 e 26 (0,9 m). Dia 24 — 10 e 30 (1,0 m); 23 e 06 (0,9 m).

UM ASSALTO NO BARREIRO

BARREIRO, 22 — Gatunos desconhecidos aproveitaram-se do facto de não estar casualmente ninguém em casa do sr. Manuel de Almeida Carvalho, industrial de laticínios nesta vila, para dali furtarem 1200\$00 em dinheiro e todo o ouro da família: fios, medalhas e anéis de valor também estimado.

O assalto foi praticado em arrombamento num pequeno piso do n.º 11 da Rua Vasco da Gama. A G. N. R. investiga.

O VERÃO CHEGOU PONTUAL!

Estamos no Verão, que já se anunciava com promissoras esperanças no domingo cáldo e soalheiro, após uma tormentosa e prolongada invernia, de tempo incerto, chuvosa e frio. Desta vez, o advento da estação estival verifica-se com pontualidade, pois entrámos no Verão à uma hora e vinte minutos de hoje — segundo se anunciava nos anais de astronomia e almanaques divulgadores.

Hoje temos um dia de sol esplendoroso e com calor, preludiando os regalos da praia e do campo. E oxalá o ciclo estival se cumpra inalterável, para nos fazer esquecer toda a desilusão do Inverno prolongado e entediante!

Segundo o boletim do Serviço Meteorológico Nacional, as chuvas em excesso e os valores da temperatura do ar abaixo do normal, que ocorreram no princípio da segunda década deste mês, prejudicaram as culturas; no entanto, a ausência de precipitação e a subida de temperatura ocorridas nos últimos dias foram favoráveis ao seu desenvolvimento. Fizeram-se lavras, sementeiras, plantações, sacas, mondas, ceifas de cereais, tratamentos fitossanitários em vinhas, batatais e pomares, e outros trabalhos.

VAI CONTINUAR O BOM TEMPO

O Serviço Meteorológico Nacional prevê que o anticiclone dos Açores deverá continuar a influenciar o estado do tempo em Portugal continental até 5 de Julho. A antevisão é a seguinte:

Céu pouco nublado ou limpo, com possibilidades de períodos matinais de muito nublado na região costeira ocidental para norte do cabo da Roca; vento fraco a moderado do quadrante norte; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.



Um aspecto das novas instalações nas suas primeiras horas de funcionamento

Novas instalações do Banco Nacional Ultramarino

Destinada a servir as zonas de Algués, Belém, Pedrouços, Restelo, Linda-a-Velha e Caxias, foram inauguradas, ontem, novas instalações do Banco Nacional Ultramarino naquela primeira localidade vizinha de Lisboa, O B. N. U. prossegue, assim, o programa de renovação das suas dependências, cujo conjunto — um total de 155 — forma a maior

rede bancária portuguesa.

Como é do conhecimento do público, o B. N. U. já se encontrava em Algués, mas em situação provisória, vindo agora a ocupar o gaveto das ruas Damião de Góis e Major Afonso Pala, junto ao largo da Estação.

A dependência ficará (como até agora) sob gerência de Nuno da Silva.

FÉRIAS NA PRAIA

A «EUROPEIA» apresenta

Vacaciones

Férias de 8 ou 15 dias em qualquer das famosas praias:

PALMA DE MAIORCA — MENORCA — IBIZA — CANÁRIAS — TORMOLINOS — COSTA BRAVA — RIMINI

desde 1420\$00

incluindo avião ida e volta (de Madrid) e hotel em pensão completa

RESERVE JÁ AS SUAS FÉRIAS NA

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235—LISBOA-2—Tel. 53 61 21

É AMANHÃ O DESFILE DOS PREGÕES

As Festas dos Santos Populares nos bairros típicos da cidade prosseguem até à noite de 30, com vários números, entre os quais o constituído pelo concurso das montras.

Para amanhã, às 19 horas — e não às 17 como inicialmente foi noticiado — está programado o desfile evocativo dos pregões. A gente de Lisboa pode assistir, desde o Largo Barão de Quintela, com passagem pelas Duas Igrejas, Chiado, ruas do Carmo e 1.º Dezembro, Rossio, Rua do Ouro e Praça do Município, onde os vendedores, figurando os ambulantes de há décadas, vão exibir os pregões perante o presidente da Câmara Municipal, que assiste ao curioso espectáculo.

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano reuniu-se hoje, à tarde, em S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA



HOJE ÀS 21,45 HORAS

A favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro
A que se digna assistir
o Sr. Presidente da República

CONCURSO DE GANADERIAS

7 toiros gentilmente oferecidos pelos Herd.
do conde de Cabral, Manuel e Mário Vinhas,
José Pedrosa, eng.º António Teixeira, Ernesto de Castro,
João Ramalho e eng.º Alberto Xavier

CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES • VARELA CID
MESTRE BAPTISTA • JOSÉ NÚNCIO • SOMMER DE ANDRADE
GUSTAVO ZENKL • FREDERICO CUNHA

FORCAIDOS

AMADORES DE MONTE MOR E DO RIBATEJO
Chefiados, respectivamente, por
António José Zuzarte e Parente de Almeida

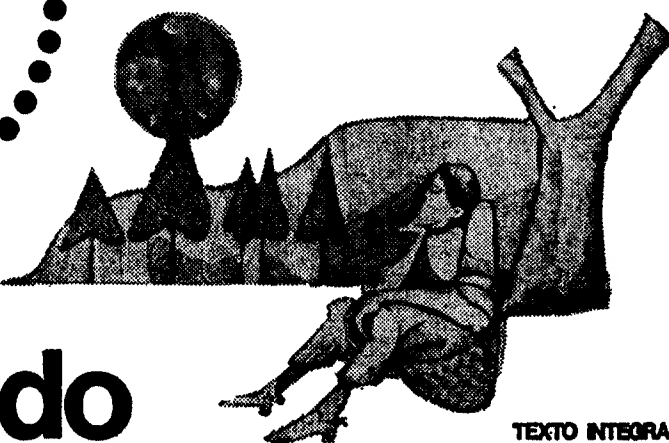


15\$

Com este volume
oferecemos
uma capa
de plástico

JOHN STEINBECK

a um deus desconhecido



TEXTO INTEGRAL

esta quinzena

71 livros de bolso europeia america

Exclusivo



Pompidou e Heath. Para quando a unificação?

O FUTURO DO MERCADO COMUM

POLÍTICA ECONÓMICA E SUPRANACIONALIDADE

Como fazer caminhar ao mesmo ritmo económico os países que constituem a Comunidade Europeia para evitar as divergências de evolução que se puderam observar, no decurso dos últimos anos, e atingir o objectivo da união económica e monetária? Esta a pergunta implicitamente formulada pela Comissão de Bruxelas a um «grupo de estudo das perspectivas económicas a meio termo», presidido por M. P. de Wolff, da Universidade de Amsterdão. A resposta está contida num relatório intitulado «Perspectivas para 1975 — Evolução global e problemas de política económica na Comunidade», documento de umas trezentas páginas, que o referido grupo de estudo acaba de enviar à Comissão. As incidências não só económicas como políticas daquela resposta são tanto mais importantes para o futuro da Comunidade quanto esta está prestes a alargar-se. Era, aliás, indispensável que antes de acolher novos membros a Comunidade tentasse definir o seu futuro, da maneira mais rigorosa possível, e superar a «contradição profunda», segundo os próprios termos do relatório, à qual está submetida.

Com efeito, explicam os especialistas, «a crescente interpenetração das economias nacionais e a sua cada vez mais marcada interdependência exigem uma cada vez maior convergência e uma melhor compatibilidade das políticas económicas. De facto, porém, os centros de decisão responsáveis pela gestão económica situam-se, quanto ao mais importante, no plano nacional; toda e qualquer carência na harmonização fundamental das medidas de política económica se repercute no desenvolvimento interno dos países membros».

Esta carência é tanto mais prejudicial quanto leva os Estados a recorrer a medidas de excepção, de carácter proteccionista (controlo dos cambios, modificação das taxas de cambio) que provocam «tensões e desvios capazes de atrasar os objectivos comunitários». Estas tensões e desvios, acrescentam os especialistas, que redigiram o seu relatório antes da crise monetária de Maio, «à força de se renovarem podem adquirir um carácter destrutivo».

CRÍSES INEVITÁVEIS

A harmonização das políticas económicas tornar-se-á, por outro lado, indispensável quando se realizar a união monetária em que as paridades entre divisas não poderão,

em princípio, ser modificadas. Quando não, os países de moeda fraca serão rapidamente dominados pelos de moeda forte.

Sob este ponto de vista, o exercício mais interessante a que se dedicaram os especialistas foi tentar apreciar o grau de compatibilidade entre os diferentes projectos nacionais a meio termo, ponto este em que não conseguiram pôr-se de acordo. Para uns, «não é possível constatar com segurança a existência de incompatibilidades entre os projectos nacionais» (que não negam), «que as evoluções efectivas poderiam situar-se no limite da compatibilidade». Para os outros, o risco de incompatibilidade é muito mais sério. É evidente que, com base em previsões já em si tão frágeis, tais apreciações só se podem fazer um tanto ao acaso, como quem molha o dedo para ver donde sopra o vento, e são mais ilações subjectivas do que resultado de rigor científico. O relatório, aliás, não pretende negá-lo. Pelo que se exprime nele a opinião de que «se a elaboração de um conjunto de projecções por País plenamente compatíveis sobre o plano formal é importante, muito mais o é que a política económica seja conduzida de tal forma que possa ser assegurada a compatibilidade das evoluções económicas efectivas».

No fulcro do problema encontram-se os preços. Se a sua evolução continuar a ser tão dissemelhante de país para país, como nos anos já decorridos, serão inevitáveis novas crises monetárias. O grupo de estudo partiu do objectivo fixado pelo terceiro programa de política económica a meio termo, que consiste em limitar a 2,5-3% anuais a média de aumento do nível geral de preços, no seio da Comunidade, percentagem que corresponde a um aumento de 2,3-2,8% para os preços de consumo (ou custo de vida).

Com base nesta orientação média, os especialistas calcularam para cada um dos Seis uma orientação particular para levarem em conta os projectos nacionais (ver o quadro). Podem, assim, distinguir-se três grupos de países:

1) **PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É IGUAL À ORIENTAÇÃO MÉDIA.** Trata-se da França, da Itália, dos Países Baixos e do Luxemburgo.

• Para a França, a projecção nacional corresponde ao limite superior da referida orientação. Este País encontra-se, pois, no limite da compatibilidade. Para não sair dele, é necessário que as políticas de estrutura (nomeadamente



A violência em França toma proporções surpreendentes e «desconhe um mal-estar profundo e difícil de analisar». Numa série de dois artigos, Gilbert Compté sintetiza os estudos a que procedeu acerca da questão. (Pag. Central)



A fim de resolver o problema dos fundos que permitam fazer face às despesas da campanha eleitoral, os membros do Partido Democrático norte-americano julgam ter encontrado uma fórmula satisfatória: o «miquel por voto». Será? (Págs. 8 e 9)



A guerra do Vietnam prossegue na sua marcha impiedosa de sofrimentos, de lutos e de dores. Entretanto o Vietnam do Norte, na sua inalterável persistência e eficácia, reafirma as condições de paz, através de declarações do chefe da sua delegação às conversações de Paris. (Ler na pág. 11)

POLÍTICA ECONÓMICA E SUPRANACIONALIDADE

em matéria de emprego) e de concorrência consigam transformar, progressivamente, as principais relações e os principais comportamentos tradicionais.

● Em Itália, a projecção nacional encontra-se, como o Luxemburgo, a meio do gráfico, e «parece perfeitamente possível no plano estrutural».

● A projecção dos Países Baixos ultrapassa o limite

superior do gráfico comunitário, sem que, no entanto, aquele tenha sido modificado. Com efeito, foi nos Países Baixos que mais subiram os preços de 1960 a 1970. «É difícil conceber que tal evolução possa continuar indefinidamente», fazem notar os especialistas. Por outras palavras, sob pena de incoerência, os preços holandeses deverão entrar dentro dos limites ou, pelo menos, não divergirem mais do que o previsto pela projecção nacional.

2) PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É SUPERIOR À ORIENTAÇÃO MÉDIA. É o caso da Bélgica, para a qual os especialistas tiveram de aumentar os valores do gráfico, porque a projecção nacional belga era muito superior à média comunitária. Mas, mesmo assim, a projecção nacional ultrapassa o limite superior da compatibilidade, e os belgas, tal como os holandeses, terão de fazer um esforço particular para entrarem na fila.

3) PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É INFERIOR À ORIENTAÇÃO MÉDIA — Trata-se da Alemanha Federal, cuja projecção nacional é tão baixa que os especialistas tiveram de rectificar, diminuindo-os, os valores do gráfico. Mesmo após esta adaptação, a projecção alemã continua a situar-se quase junto ao limite inferior do gráfico. Objectivo «ambicioso», fazem notar os especialistas, «mesmo levando em conta as condições prevalentes na Alemanha». «Entretanto», acrescentam eles à maneira de aviso, «um regresso à estabilidade dos preços, que seria obtida por uma excessiva flexão da actividade... ameaçaria, gravemente, a compatibilidade; seria diferente se a opção de estabilidade... fosse abandonada...». O leitor fica com a impressão de que os especialistas, com vista à «compatibilidade», desejariam que os alemães se mostrassem um pouco menos razoáveis!

O EFEITO DO AVISO

Não nos podemos libertar de uma certa impressão de gratuidade, perante este exercício. Existe uma tal diferença entre as taxas de inflação reais sofridas no decurso dos anos anteriores e as taxas projectadas que se acaba por duvidar da plausibilidade desta «comunidade de estabilidade», «programada» pela comissão. «Parece», sublinham os especialistas, «que» (nas projecções nacionais) «certas taxas de aumento dos preços foram fixadas a um nível mais baixo do que aquele com que se pode contar», para evitar aquilo a que os especialistas chamam um «efeito de aviso» (os agentes económicos, antecipando a alta dos preços, em tanto mais segurança quanto aquela é oficialmente anunciada, aceleram, com isso, a inflação). Lembremo-nos de que, por efeito de um tal efeito, os especialistas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O. C. D. E.) renunciaram, em fins do ano passado, a publicar as suas previsões de preços. Não será de perguntar se os números da Comunidade não foram, eles também, estabelecidos tendo em conta o tal «efeito de aviso»?

As orientações comunitárias são tanto mais frágeis quanto uma das hipóteses que serviram para as definir é a de que os preços no exterior do Mercado Comum não aumentarão mais de 3% por ano. Se a inflação mundial for-se mais forte, «será preciso prever», afirmam os especialistas, «que para a Comunidade no seu conjunto, os problemas ligados à aparição de um desequilíbrio de tipo excedentário se pusessem, a longo prazo, de maneira semelhante aos que se observaram no passado, nomeadamente na Alemanha. Numa tal perspectiva, a meio ou longo termo, a opção de estabilidade da Comunidade não poderia, provavelmente, ser realizada a não ser pelo recurso a uma maior flexibilidade comum da taxa de cambio ou por modificações comuns de paridades em relação ao resto do Mundo».

EXISTIRIA UM INTERESSE GERAL COMUNITÁRIO?

«Isto pressupõe, todavia», acrescentam, «não só que a personalidade da Comunidade no domínio monetário seja consideravelmente desenvolvida mas também que a política económica de cada País membro esteja em medida de defender a opção comunitária de estabilidade com possibilidades de êxito muito semelhantes. Ora, se transpusermos as experiências do passado para o período de 1970-1975 os movimentos conjunctureis diferentes e uma «vulnerabilidade» diversa face às tendências para a alta do nível geral dos



preços poderiam provocar, no interior da Comunidade, evoluções de preços demasiado divergentes para serem reversíveis: estes aumentaram, a longo prazo, o risco de ver estabelecer desequilíbrios exteriores assim como novas modificações de paridades no seio da Comunidade.»

Estando o problema assim posto e bem, a compatibilidade das políticas económicas dos países do Mercado Comum não poderia deixar de levantar a questão política das instituições comunitárias. «O grupo de estudo não tem que formular recomendações em tal matéria», pode ler-se no fim do relatório. Foi, no entanto, de opinião, por grande maioria — mas não por unanimidade, sublinha-se — que o exame dessa compatibilidade seria incompleto se se não interrogasse sobre o funcionamento do sistema.

Seria tudo muito mais simples se se pudesse definir um interesse geral para a Comunidade, ou, ainda, uma escala de preferências comunitárias. Ora já é difícil, sublinham com justiça os especialistas, para cada nação estabelecer uma tal escala. Esta nem sequer é coerente ao longo do tempo, devido a remodelações governamentais, às eleições, às crises políticas ou sociais. E os especialistas citam o exemplo de Maio de 1968, para a França, e o Outono quente de 1969, para a Itália. «Os efeitos destas crises sobre a evolução económica», fazem eles notar, «não são previsíveis e ainda menos, acessíveis à coordenação.»

Também «a relação (dos sistemas nacionais) com o sistema de preferência embrionário da Comunidade só se pode estabelecer «ad hoc», pois que a responsabilidade pelos erros técnicos e políticos continua a situar-se a nível nacional».

NASCENÇA DE UM NOVO «LEVIATHAN»

Coerentes consigo próprios, os especialistas afirmam logo a seguir: «A tomada em consideração da dimensão comunitária no processo político das tomadas de decisão é, portanto, um pré-requisito para o indispensável desenvolvimento do sistema de preferências comunitárias e para sua adaptação à evolução da situação.»

Por isso, não nos surpreendemos ao ver nascer e sob as palavras dos especialistas um novo «Leviathan», que se mostra já mais do que embrionário. «Os problemas das regulamentações globais são, por força das coisas, postos a nível mais alto, seja qual for a repartição jurídica das competências. Outros domínios da política económica, como, por exemplo, a orientação da política estrutural, podem ou devem ser tratados, pelo menos sob a forma de uma orientação-básica, ao nível das decisões superiores.»

E aqui temos o domínio comunitário a largar-se, mesmo que seja definido, a seguir, como «o mínimo necessário para se pôr em comum as políticas económicas». Como escrevia A. Kervyn de Lettenhove, há já treze anos, em «Aspectos do Mercado Comum» (citado pelo relatório): «Isto não garantiria o valor das decisões, mas se se devem evitar erros é necessário que seja sobre a base duma decisão colectiva, doutro modo o sistema tornar-se-á politicamente inviável. Não se pode aceitar ser solidário com o vizinho se não se tiver direito a dizer qualquer coisa sobre os seus problemas.»

Em resumo, a compatibilidade das políticas económicas pressupõe um certo grau de supranacionalidade. Todavia, sem dúvida para que se não grite «colha o lobo, o lobo», os especialistas evitam, cuidadosamente, empregar aquele termo, que, com efeito, se tornou tabu, de há uns anos para cá.

Mas, nas vésperas do alargamento do Mercado Comum, podemos nos perguntar — e lamentar que os especialistas nem sequer se tenham posto a questão — se os riscos de incoerência e incompatibilidade das políticas económicas dos dez países não serão ainda mais perigosos e se, para os reduzir, não será indispensável dotar as autoridades comunitárias de poderes supranacionais ainda mais fortes. A lógica do relatório impõe aos leitores respostas afirmativas àquelas duas questões.

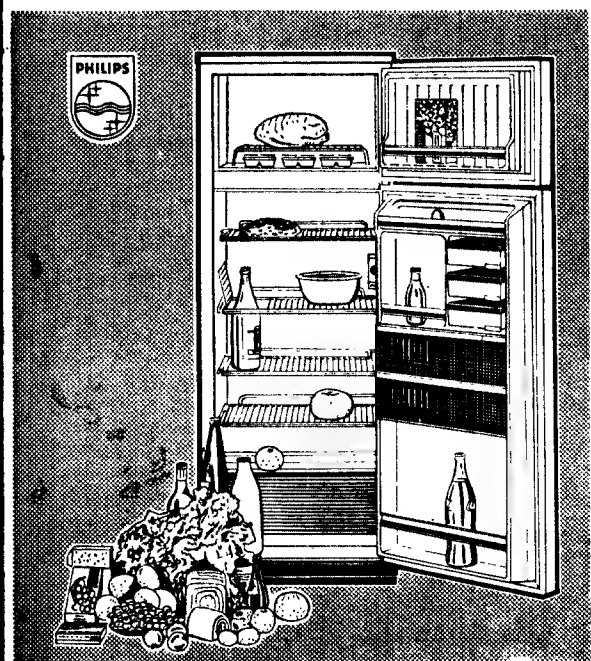
Mas aceitarão os Estados perder uma parte tão importante da sua soberania e não conhecerá, por isso, a Comunidade ampliada crises muito mais graves do que as que o Mercado Comum tem sofrido, desde a sua fundação? É um dos méritos deste relatório obrigar os «europeus» a porem-se tais pontos de interrogação.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO CONSUMO

Percentagem de alta anual

	1960-70	1970-1975	
Tendência anterior	Projeções nacionais	Orientação comunitária	
Em %	Em %	Em %	
Alemanha Federal...	2,8	1,9	1,8-2,3
Francia	4,1	2,8	2,3-2,8
Itália	4,0	2,5	2,3-2,8
Países Baixos	4,2	3,2	2,3-2,8
Luxemburgo	2,6	2,5	2,3-2,8
Bélgica	2,9	3,9	2,6-3,1

no espaço desejado o frio apetecido



faça num só dia as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS



VIAGENS LONGO CURSO 1971

ITINERARIOS CUIDADOSAMENTE ESTUDADOS COM O FIM DE PROPORCIONAR AOS PARTICIPANTES UMA RECORDAÇÃO INESQUECÍVEL E AGRADÁVEL
CULTURAS E PAÍSES EXÓTICOS
POVOS E RAÇAS ANTÍPODAS CIVILIZAÇÕES DIFERENTES
São os aspectos mais salientes de uma viagem de longo curso

ESTADOS UNIDOS e CANADA	16 dias	17.950\$00
O CONTINENTE AMERICANO	25 dias	47.310\$00
A TERRA SANTA	7 dias	9.850\$00
O LESTE EUROPEU	16 dias	17.440\$00
O CEILÃO e o NEPAL	17 dias	29.250\$00
O FASCINANTE ORIENTE	24 dias	38.500\$00
A AUSTRÁLIA e os MARES DO SUL	32 dias	66.100\$00
A ÁFRICA DO SUL e a RODÉSIA	27 dias	36.950\$00
ROMÂNTICA BALI	21 dias	31.550\$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em

BELOS, Turismo

SETUBAL — Avenida 5 de Outubro
— Telef. 23291
LISBOA — Rua da República
— Telef. 24254

COLÔMBIA: IMOBILISMO

Por PHILIPPE LABREVEUX

E DESCONTENTAMENTO POPULAR

BOGOTÁ



O sr. Misael Pastrana Borrero, eleito presidente da República colombiana, em 19 de Abril de 1970, e em funções desde 7 de Agosto do mesmo ano, tem a convicção de ter realizado uma obra útil. «O país conhece agora o essencial das reformas anunciadas no programa de Frente Nacional» (a coligação governamental) — declarou-nos ele. «Submetemos os nossos projectos ao Congresso e estudamos os mecanismos que permitirão pô-los em prática».

A despeito destes propósitos, o ritmo de trabalho do Governo Pastrana contrasta com o do seu antecessor. No decurso dos primeiros cem dias do seu mandato presidencial, o sr. Carlos Lleras Restrepo tinha imprimido o seu ouvido sobre o curso dos acontecimentos. Decorreu um ano após a eleição do sr. Pastrana e nove meses depois de ele ter assumido a suprema magistratura: é preciso admitir que se verificaram poucas realizações.

Todavia, as dificuldades estão aplanadas. O Governo Lleras Restrepo tinha saneado as finanças do país, reforçado por meio de uma reforma constitucional os poderes do executivo e, ao reorganizar a administração, dotado o Estado de um instrumento mais eficaz para um desenvolvimento acelerado. A taxa de crescimento do produto bruto interno ultrapassou 7% em 1970. (Para dizer a verdade, o Governo de «transformação nacional» do sr. Lleras Restrepo não cumpriu todas as suas promessas: o crescimento da economia, em 1970, permitiu evitar um aumento do desemprego, e o número dos sem emprego cresceu durante o seu mandato).

REFORMA URBANA E AGRÁRIA

Ao consolidar a obra do seu predecessor, o Governo

da «Frente social» do sr. Pastrana propôs-se satisfazer as necessidades imediatas do povo: «Aquando da última sessão ao Congresso os projectos mais urgentes: um projecto de reforma urbana destinado a evitar a especulação sobre os terrenos para construção, que queremos utilizar para habitações populares; uma reforma da educação, destinada a acelerar a mobilidade social; uma reforma do Seguro Social, a fim de tornar extensivos os seus benefícios a novas profissões; uma reforma jurídica que porá os

derão ser redistribuídas aos camponeses, preparar os instrumentos jurídicos susceptíveis de facilitar as expropriações e, por último, reduzir o custo destas para o Estado. O Governo projecta igualmente cobrar um imposto sobre a renda «potencial» da terra.»

Estes projectos, assim como um plano trienal de investimentos públicos, são objecto de estudo pelo Congresso. Mas enquanto aguarda a próxima reunião dos parlamentares, em Julho, a população manifesta a sua impaciência: desordens de

verno. «Estamos dispostos a levar a efeito alterações sociais — disse-nos o sr. Pastrana, mas não permitiremos que a desordem e a subversão invadam os nossos princípios e as nossas instituições.»

O presidente da República é um acérrimo defensor destas instituições. «O nosso sistema baseia-se na democracia parlamentar — afirmou-nos ele. O poder executivo não poderia ignorar os mecanismos do Congresso.»

O sr. Pastrana quer os fins — ainda que os seus projectos de reforma pareçam extremamente modestos em relação aos dos interessados, particularmente dos camponeses —, mas opõe-se aos meios. Contudo, desde que o estado de sítio foi decretado em Fevereiro, dispõe de poderes mais latos: mas não deseja servir-se deles para legislar nos sectores económico e social.

Num país que tem vivido quase sem interrupção num estado de excepção, o legalismo do presidente contribui para desacreditar ainda mais o «sistema», isto é, a «Frente nacional», consti-

tuida em 1954 pelos Partidos Liberal e Conservador, a fim de pôr termo à «violência», tradicional neste país, e à «ditadura» do general Rojas Pinilla.

Esta coligação da Frente Nacional deve terminar no fim do mandato presidencial do sr. Pastrana, o qual apresenta a seu respeito o seguinte balanço: «Num país acostumado, desde há cento e cinquenta anos, à rivalidade das suas duas grandes colectividades históricas, não foi fácil pôr termo a uma guerra civil larvada. Esta paz que obtivemos, não cessámos de a consolidar. Doze anos após a assinatura do pacto entre os dois partidos, é possível governar com eles.»

O movimento a favor do antigo ditador Rojas Pinilla, na eleição presidencial de Abril de 1970, não inquieta excessivamente o presidente Pastrana. «A participação eleitoral cresceu consideravelmente», explicou-nos ele. Se a A. N. A. P. O. (Aliança Nacionalista Popular do General Rojas Pinilla) progrediu, o mesmo aconteceu com as forças da Frente Nacional. Divididos aquando

da eleição, estas forças revelam, hoje em dia, tendência para restabelecer a sua unidade.»

Resta acrescentar que, para a maioria da população, liberais e conservadores tanto faz dar-lhe na cabeça como na cabeça lhe dar. O antigo presidente, sr. Lleras Restrepo, tem consciência do facto. É esta a razão por que deseja renovar, até 1974, o Partido Liberal e insuflar-lhe ideias socializantes. Mas o sr. Pastrana que, como ministro do Interior no Governo antecedente, tinha contribuído para combater os políticos tradicionais, corre o risco de se deixar desorganizar por eles. O sr. Lleras Restrepo fazia-se «respeitar»: teve um «pulso de ferro» tanto para os notáveis e favorecidos como para os descontentes (estudantes e operários organizados). Deste modo, beneficiou de vasto consenso entre os eleitores. A situação do sr. Pastrana é diferente: o immobilismo do seu Governo desagrada a todos, posto que recorre abertamente à força para evitar imprevisíveis excessos da paixão.



O presidente Pastrana Borrero, da Colômbia, durante uma recente visita a Espanha, na companhia de Palomo Linares. Querem os fins, opondo-se aos meios

advogados ao serviço dos pobres, para que estes possam efectivamente exercer os seus direitos».

Desde a sua chegada ao Poder, o presidente Pastrana nomeou uma comissão encarregada de elaborar um balanço da reforma agrária, questão que domina os debates dos políticos: «Desejamos eliminar os obstáculos jurídicos à execução da reforma agrária, que impediram até agora que ela seja posta em execução, como o país reclama — declarou-nos o sr. Pastrana. Trata-se de delimitar as terras actualmente cultivadas, que po-

Calí, em Fevereiro, greve geral organizada por duas das três centrais sindicais colombianas, em 8 de Março, invasão de «haciendas» por camponeses membros da organização dos utentes dos serviços agrícolas, tudo isto são avisos para um Governo cujo immobilismo é, sobretudo, útil aos favorecidos.

NÃO ADMITIMOS AS DESORDENS

A repressão dos descontentes não se fez esperar. Apenas poucou os camponeses e os seus dirigentes, todavia, independentes do Go-

sistema "copyrapid"

cópia à medida das exigências

É notável o progresso alcançado no campo da cópia. Pela sua versatilidade e qualidade, o sistema «COPYRAPID», bom exemplo desse progresso, mantém-se fora de confronto.

Para cada caso há soluções «Copyrapid» a custos irrisórios.

Desde a simples fotocópia de um documento até à cópia em chapa de alumínio ou cartão para offset, o sistema «Copyrapid» oferece-lhe as suas numerosas possibilidades:

CÓPIAS VULGARES

CÓPIAS DE DUPLA FACE

ETIQUETAS AUTO-COLANTES

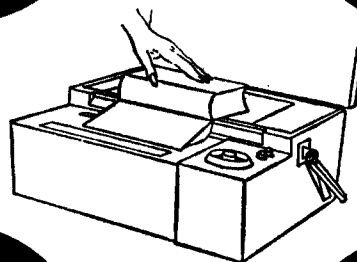
CÓPIAS AUTO-POSITIVAS (SEM NEGATIVO)

CÓPIAS MATE (PARA DESENHO)

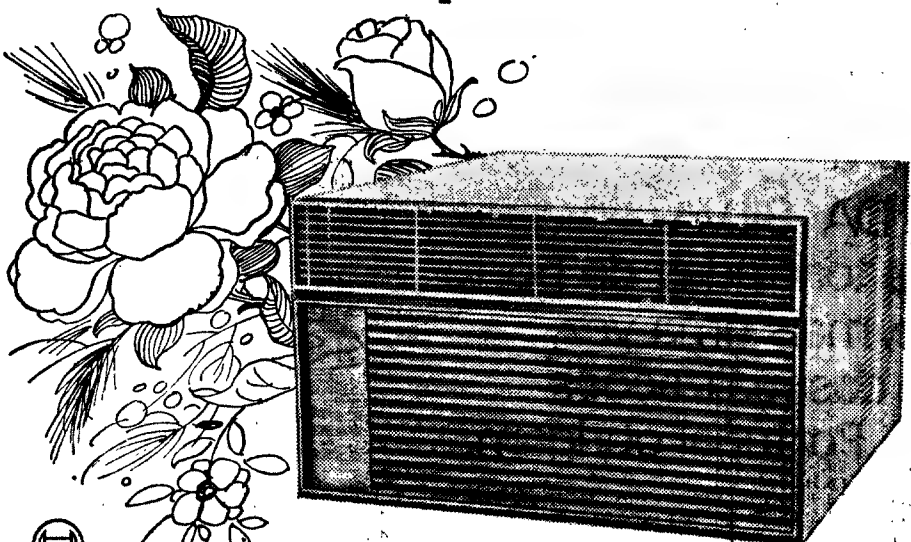
CÓPIAS EM PAPEL DE AVIÃO

CÓPIAS TRANSPARENTES (PARA OFFSET)

ELABORAÇÃO DE FICHEIROS



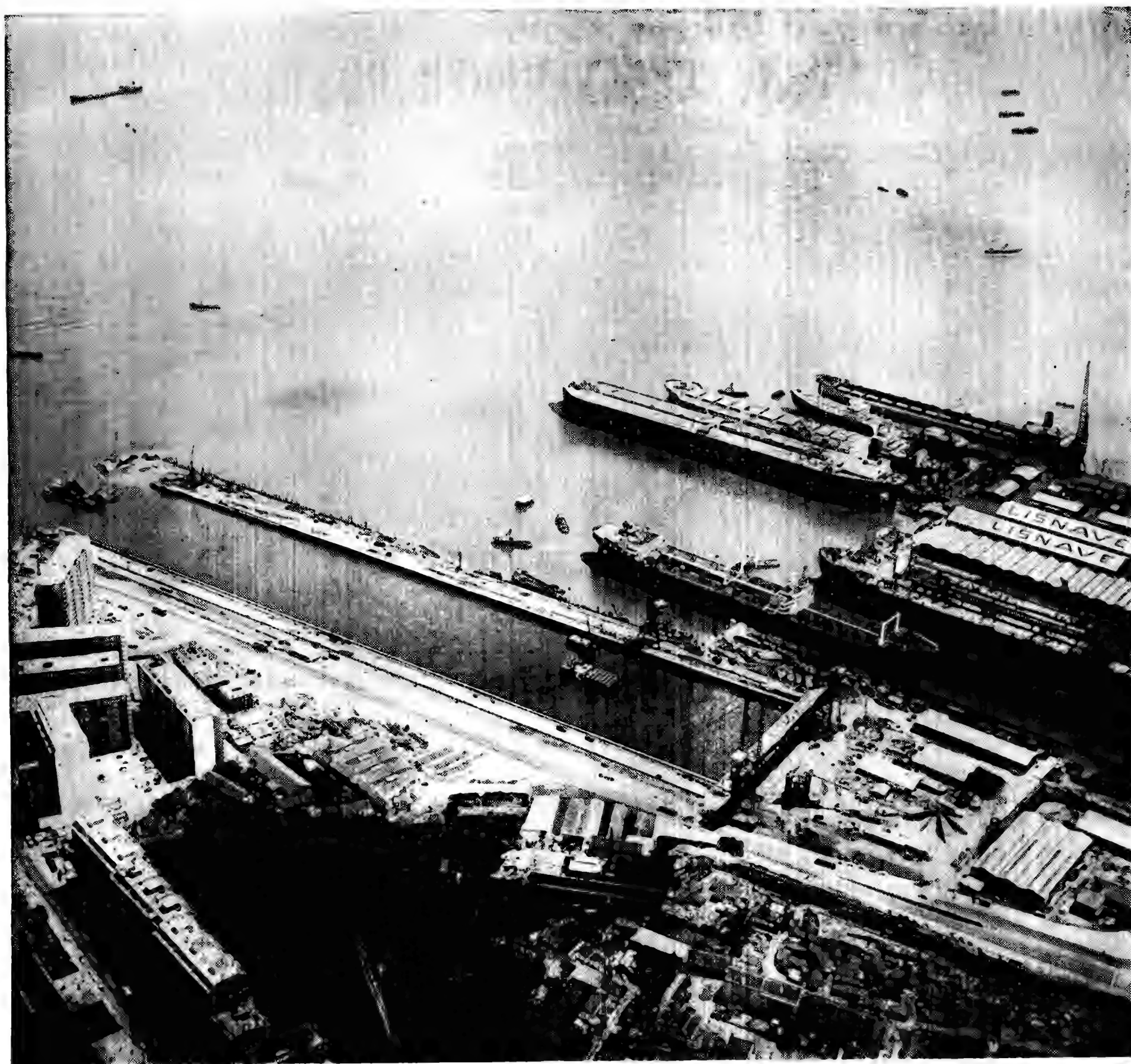
ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



Pedidos de folhetos técnicos e demonstrações aos distribuidores «Copyrapid» ou a

AGFA-GEVAERT

LINDA-A-VELHA Tel. 2 19 00/31 (5 linhas) PORTO Tel. 2 45 05/6



LISNAVE

Inaugurando a
DOCA ALFREDO DA SILVA
para navios de um milhão de toneladas de porte,
a Lisnave orgulha-se de, mais uma vez,
continuar na vanguarda das realizações
a que as tradições navais de Portugal obrigam.



FRANÇA: A REALIDADE PRISIONAL ESTÁ MUITO LONGE DOS PRINCÍPIOS ENUNCIADOS

Por PHILIPPE BOUCHER

O Grupo de Informação sobre as Prisões em França (GIP), criado em Fevereiro último, ao mesmo tempo que uma comissão oficial encarregada de estudar os critérios de atribuição do regime especial de encarceramento, tornou público, no passado dia 4 de Junho, o primeiro balanço das suas actividades, sob o título «Inquérito em vinte prisões»; este documento será seguido, dentro em breve, de um outro estudo sobre a penitenciária de Fleury-Mérogis, intitulado «Inquérito numa prisão modelo».

«Ao fazerem greve da fome, no Inverno passado», explica-se na introdução do primeiro fascículo, «os militantes políticos encarcerados deram uma nova forma àquilo que ainda não passava de um surdo mal-estar. Reuniram à volta da sua acção muitos detidos; provocaram, no exterior, um movimento contra as condições prisionais».

Os métodos que levaram à redacção daquela brochura são, deliberadamente, informais, mas têm um precedente, sublinha-se no fascículo, que traz à colação os inquéritos empreendidos, no séc. XIX, sobre as condições de vida do proletariado, inquéritos esses levados a cabo por elementos da classe operária. Os inquéritos actuais assentaram em dois princípios. O primeiro levou à constituição de quatro grupos de trabalho, correspondentes às quatro prisões da região parisiense: a Santé, Fresnes, a Petite Roquette e Fleury-Mérogis. O segundo provocou a reunião de indivíduos interessados em se debruçarem sobre uma questão particular, independentemente do estabelecimento prisional: as condições de trabalho ou, ainda, as relações com a magistratura ou os advogados.

Distribuíram-se uns mil questionários, especialmente à entrada das prisões, aos familiares que iam visitar os detidos. A princípio isso foi bastante mal acolhido pelas pessoas, que se recusavam a servir de objecto de estudo. Muito depressa, porém, graças, em especial, aos elementos mais jovens do GIP, as reacções se tornaram favoráveis, a ponto de os questionários serem difundidos mesmo quando as pessoas que os tinham levado eram interpeladas pela Polícia,

como foi o caso, no dia 1 de Maio, de Michel Foucault, professor do Colégio de França.

É verdade que a administração prisional parece não se sentir muito satisfeita, ao ver que há quem se interesse por seguir, demasiado de perto, o seu funcionamento, sem se limitar aos exemplos, tantas vezes citados, das cadeias mal aquecidas ou da má alimentação. É evidente, com efeito, que o encarceramento, sanção que se basta, largamente, a si própria é acompanhado, por parte das autoridades de todos os níveis, por vezes exteriores ao sistema prisional, de comportamentos difíceis de descrever, e ainda mais difíceis de combater. É neste sentido que o inquérito tem o seu valor, reconhecendo-se que conferir ao encarceramento, em princípio uma função educativa e, nunca, «a priori», punitiva, nada é se os pormenores do dia-a-dia esvaziarem do seu conteúdo o princípio da reeducação.

EM NOME DE QUE?

Assim, compreende-se mal que os salários distribuídos aos presos sejam tão baixos, a ponto de tornarem ridículas as tarefas que se pretende remunera-

um fabricante de espaldares de cadeiras se permite acusar, junto dos guardas, a escassa actividade de certos presos, que chegam a ser castigados. Esta necessidade de rendimento, presente até num mundo que se suporia preservado das preocupações da rentabilidade, características da sociedade contemporânea, arrasta consigo o seu inevitável corolário: os acidentes de trabalho. A propósito daquele estabelecimento de Caen, os inquiridores do GIP citam as declarações de um preso:

«Há uns anos, veio um tipo de Château-Thierry (centro médico-psicológico da administração prisional). Tinha ido para lá porque sofria da cabeça. Quando voltou, era um morto-vivo: drogado, até à raiz dos cabelos, com tranquilizantes. Via-se bem que não dominava os gestos. Parecia um autómato a andar. No dia seguinte à chegada, pusei-o à frente de uma máquina muito difícil. Avisei-o contramestre (ao serviço do patrão, um estranho ao estabelecimento) de que aquilo não era possível.

Claro, não me ligou nenhuma. Foi nessa mesma manhã. O homem ficou com a mão direita esfacelada. Sei muito bem o que estou a dizer, porque fui eu quem varreu os pedaços».

É nestes termos que um preso formula a conclusão que se pode extrair deste primeiro inquérito: «As reformas prisionais não se podem empreender só em si, dependem, inteiramente, das reformas da polícia e da justiça. Agir doutro modo é serrar a árvore em pranchas, antes de a deitar abaixo. O sistema peniten-

ciário faz parte de um outro, mais amplo, que se chama justiça». E acrescenta: «Que um infractor recorra à violência, ao roubo até mesmo ao assassinio, isso só o compromete a ele. Um magistrado que emprega métodos semelhantes, a falsidade, o encobrimento de violências policiais, a recusa de objectividade, compromete um sistema inteiro, toda uma civilização. Se a justiça emprega os mesmos métodos do homem que julga, em nome de que é que o faz?

uma família unida no presente... ...parte unida para o futuro



(...e o nosso Zé já tem direito a um fresco...)

Uma família confiante viaja com destino ao CANADÁ, em busca duma vida nova, num país em desenvolvimento, num país com futuro.

A TAP põe-se à sua disposição, oferecendo-lhe três vezes por semana voos directos para MONTREAL.

Desde a partida, durante o voo e à chegada, a TAP assegura-lhe um serviço especial: através do qual lhe será dado todo o apoio. As nossas assistentes de bordo — falando a língua-pátria — estarão presentes ao longo do percurso prestando toda a sua atenção e solicitude.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

Para uma nova vida aceite a colaboração da TAP!
Boa viagem... e feliz regresso!

CANADÁ

através do mundo

CANADÁ

RELÓGIOS FIRMA DISTRIBUIDORA

Pretende-se, idónea, para despertadores e relógios de parede, de marca conceituada e preços competitivos.
Resposta a este jornal no n.º 842.

SOCIEDADE «RESTORIL»
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do
Cais do Sodré das 15 às 22
horas.
VENDA DE SÉRIES
DE 20 BILHETES
Válidos para 10 semanas



Descrições que criam um verdadeiro «racismo anti-jovens»

«Não se passa nada», queixa-se o bom cidadão, preocupado com a vida pública do país, pronto para o compromisso qualquer que seja o seu sentido, segundo a fórmula da moda, do satisfeito ou descontente com os seus governantes. «A revolução marca passo», descobre melancolicamente o antigo combatente das barricadas de Maio de 1968, desde há muito desmobilizado e que não consegue tomar verdadeiramente a sério, do alto dos seus vinte e três ou vinte e quatro anos, a agitação dos mais novos, os alunos liceais. «Assuntos correntes, mas nada de verdadeiramente novo e nem indício de perturbações no horizonte», repetem à portia,

para se lamentarem ou congratularem com o facto, o deputado da maioria e o da oposição, o sindicalista operário e o chefe de empresa, o jornalista político e o perito diplomático. «O senhor ministro do Interior poderá anunciar em 1 de Junho que o mês de Maio acabou...», advertiu, satisfeito e tranquilizador, o próprio presidente da República no decurso de um recente conselho de ministros. Que poderemos acrescentar? Nalgumas palavras, tudo está dito.

Quase que se não encontra, de longe em longe, um exaltado ao qual, parece, uma árvore esconde a floresta e que se agasta, alarma ou reconforta a golpes de

ESTABILIDADE

Por PIERRE VIA

predições apocalípticas sobre a Europa, a moeda, a inflação, a reivindicação, a violência... Esta singular personagem espanta, irrita e incomoda: para quê encolerizar-se assim! A Páscoa foi cinzenta, o Pentecostes chuvoso, esperemos que o Verão seja bom e as férias agradáveis; e, para já, que faz o Poder para melhorar a circulação?

Com um olho percorrem-se os títulos dos jornais, ouve-se com uma orelha distraída, sem os escutar, os boletins de informação: a reforma comunal, a reforma aos sessenta anos, a unidade de dois ou três das esquerdas, o sr. Sadate e a sr.ª Faure que... o Concorde e o Tupolev, algumas greves, novos incidentes em..., mais um rapto, a droga, e o caso Le Mire, e o caso Jaubert — ora! factos diversos... Não, decididamente, nada de novo.

NEM CRISES NEM AGITAÇÕES

Assim tranquilamente certos, crêem eles, da estabilidade à direita, à esquerda e noutras direcções, protegidos, pensam, das grandes agitações económicas, monetárias e sociais, nem completamente felizes e descontentados — mas quem pode está-lo totalmente, neste mundo estranho? — nem realmente infelizes e preocupados, os franceses, na sua maioria e quase só com raríssimas excepções, encerram-se num casulo de egoísmo sagrado e de indiferença resignada ou digestiva.

Contudo, ao mesmo tempo, os acontecimentos não param, as situações evoluem, os homens mudam, e com eles todo o ce-

nário da vida nacional. Mais subtil do que espectaculares, mais silenciosos do que barulhentos, difíceis de rodear e quase impossíveis de medir, estas mudanças, ou, melhor, estas escorregadelas, afectam não só o panorama político, a actividade económica e o mundo exterior como as relações sociais, os sistemas de vida, o estado de espírito e os costumes. São bastante numerosos e sérios para que seja lícito interrogarmo-nos sobre se a famosa estabilidade que experimenta ou parece experimentar actualmente o nosso país não é tão perturbadora como o foi a desordem dos anos precedentes, desde 1965 pelo menos ou mesmo desde que, em 1962, a França deixou de ser uma potência colonial e adoptou um regime presidencialista de tipo inédito. Que as pessoas julguem.

DUAS PÁGINAS VOLTADAS

A redistribuição das cartas e dos lucros do jogo nos passatempos africano e europeu está no auge. O fim dos interesses petrolíferos franceses na Argélia com todas as revisões que corre o risco de provocar ou que já provoca, o alargamento próximo e provável da Comunidade Europeia à Grã-Bretanha e a três outros parceiros, não poderiam passar por ligeiros retoques feitos na rede de compromissos, de alianças e de trocas que liga a nação.

A página foi, segundo tudo leva a crer, voltada, seja o que for que aconteça, sobre cento e quarenta anos de relações

VIOLÊNCIA EM FRANÇA—1

Por GILBERT COMPTE

«Não podemos admitir a violência, mas ela esconde um mal-estar profundo e difícil de analisar»—declarava, recentemente, ao receber o ministro francês da Educação Nacional, o sr. Armand, presidente de uma das duas grandes federações de alunos do ensino público. É da análise deste mal-estar em França que se ocupa Gilbert Compère, num estudo em que exprime com inteira liberdade os seus pontos de vista pessoais.

A França entrega-se, desde o Inverno, a teníveis eferescências. Através dos seus derivativos vulgares, a sociedade da abundância mantém ainda a massa do povo em consolidações tranquilizadoras. Com o regresso do sol, os automóveis dos pobres e dos ricos reconstituem nas auto-estradas a procissão nacional dos «week-ends». Estes pacíficos automobilistas transformam-se, todavia, em irredu-



Detentores do poder abdicam das suas obrigações comunitárias

tíveis facciosos quando consideram que os seus direitos não são reconhecidos. Desde três anos, profissões inteiras passaram, assim, diversas vezes, da apatia à histeria com uma rapidez surpreendente.

A despeito dos recentes esforços do primeiro-ministro, a V República permanece intelectualmente desarmada perante as manifestações de uma crise cuja lógica interna ela não compreende. Quando os motins acabam em Lille para renascerem em Toulouse, qualquer notável U. D. R., cuja notoriedade está em declínio, incrimina a acção clandestina de misteriosos agitadores profissionais, sem conseguir designar um único. Quando os «revolucionários» denunciam o carácter vetusto das salas de aula, mas se enoamizam em motivo contra os edifícios novos, vozes melancólicas se elevam da maioria e denunciam em termos vagos as «depredações», o «vandalismo», próprios, segundo eles, dos países industrializados. No Parlamento, o primeiro-ministro falou aos Estados Unidos. Mas nenhum dos seus colegas, frequentemente tão faladores, se aventura a dizer por que razão, desde o Outono, as desordens assumem um aspecto mais grave em França do que em Inglaterra ou na Dinamarca.

DO SUICÍDIO À AGRESSÃO

A dar crédito à esquerda e aos centristas, o desespero eslodiria em virtude de não poder exprimir-se em pacíficos debates parlamentares. Mas um regime dos partidos mais autêntico do que o da IV República não poupa a Itália a perturbações mais graves. Os extremistas responsáveis por numerosos incidentes proclamam eles próprios que «o poder se encontra nas ruas, não nas urnas».

Efectivamente, o crescente desnível provocado pela produção moderna entre o ritmo biológico e os imperativos da técnica ou da economia desagrega, sem dúvida, muito mais a harmonia social do que um mau sistema político. Os computadores e a racionalização intensiva poupam às empresas muito tempo e fazem-lhes ganhar muito dinheiro. Mas, em contrapartida, exigem do pessoal uma cadência de trabalho intelectual e físico que é um esquecimento, dificilmente compatível com as lentidões animais dos reflexos naturais. Da oficina ao escritório, todos realizam a fatigante prova, simultaneamente rotineira e variável, no holocausto de si próprios. Não sem se imolarem antecipa-

damente a proezas prometidas ao nada pelo progresso das estatísticas. As depredações estúpidas, os desenhos obscenos ou os contestantes em delírio que misturam sexo e revolução não patenteiam apenas o esgotamento das suas doutrinas. Manifestam, igualmente, o bramido instintivo da carne, ferida não pela «moral burguesa», que se tornou muito compreensiva acerca dos costumes desde que disseo extraia dinheiro, mas comprimida, extenuada pela própria civilização tecnológica.

Simultaneamente, a inflação diária de notícias, trágicas ou insípidas, provenientes de todo o mundo, instala nos espíritos um misto equívoco de impotência e de insensibilidade, por intermédio da televisão. A interpretação contemporânea dos valores agrava a confusão. Em determinada cadeia de rádio periférica, os sons enfiados de um alegre reclame comercial sucedem-se em dois segundos ao anúncio de uma catástrofe. Ora, o homem, ser tumultuoso e frágil, tem necessidade de unidade nos sentimentos para se sentir em equilíbrio. Muito cruelmente magoados por um século irrisório e funebre, alunos do liceu suicidam-se pelo fogo. Outros, mais agressivos ou menos desesperados, procuram numa violência elementar a ilusão divina de não sofrer sem cessar o absurdo.

A geração precedente tem dificuldade em compreender estas explosões acompanhadas de fanfarronadas, quando as compara com o seu próprio passado. Muitos adultos recordam uma época em que a vida impunha provas penosas mas diferentes da indefinível indecisão de alma atribuída aos jovens ou aos viajantes do metropolitano superlotado.

Mas não basta comparar os progressos de hoje em dia com as insuficiências de ontem para convencer toda uma juventude de que de-abrocha no melhor dos mundos. Com uma indiferença muito natural, ela não se preocupa com as misérias de amanhã, tal como os seus parentes mais velhos do desastre de Trafalgar. As satisfações materiais não são suficientes para ninguém. Através da «revolução», muitos adolescentes procuram o absoluto susceptível de dar um sentido à vida tornada vegetativa pela sociedade de consumo.

DOENÇA COMUM

Através de fracassos estranhamente paralelos quatro gerações esgotavam durante este tempo, até ao tédio, os grandes monotismos temporais nascidos no século dezanove sobre a morte de Deus, quer se trate da esperança socialista, da fraternidade nacional ou das instituições representativas. Sociólogos, filósofos esclarecedores e tecnocratas puderam então deitar as culpas, sem demasiada dificuldade, ao professorado-sacerdócio, à justiça-sacerdócio, à medicina-sacerdócio, e mesmo a estes instituidores suficientemente ingénuos para serem que salvariam o mundo com a sua tábu de multiplicação.

Toda a nação colhe hoje em dia os frutos destas campanhas. Por terem dessacralizado funções essenciais, no

QUE PERTURBA

NSSON-PONTÉ

difíceis mas preferenciais entre a França e o país do Maghreb que fica defronte, sobre a outra margem do Mediterrâneo. A página foi igualmente voltada, após seis anos de preparativos e treze anos de Mercado Comum, sobre a Europa dos Seis, a Europa franco-alemã dos democratas-cristãos e socialistas-democratas, depois dos velhos caciques nacionalistas. O sr. Pompidou esforça-se por preservar o que pode — a glória da língua, uma certa concepção das relações entre Estados, — mas, de qualquer modo, não se trata de ligeiras perturbações.

O caminho percorrido aqui e ali no espaço de alguns meses, talvez algumas semanas, conduz muito simplesmente de um mundo ao outro, no qual vai ser necessário encontrar um novo equilíbrio. Será preciso pôr também em destaque o facto de, em política interna, a última barreira que separava certos centristas e mesmo uma parte dos radicais e dos socialistas da maioria ter acabado de se desmoronar e de uma redistribuição bastante lata, difícil de imaginar ontem, parecer possível a partir de agora?

UMA TRANSFERÊNCIA ELEITORAL

Esta redistribuição inscrever-se-á pouco ou muito no tabuleiro do xadrez eleitoral dentro de dois anos, no caso das legislativas, e de cinco anos no da eleição presidencial. Ora, as grandes manobras, segundo tudo indica, já começaram. De-

verão ter em consideração a extraordinária transferência que está a verificar-se, sob os nossos olhos, há três anos, desde Junho de 1968, na geografia eleitoral.

Onde está o tempo em que André Siegfried, iniciador desta ciência, podia inculcar a gerações e estudantes regras declaradas imutáveis sobre a França moderada da batata e do trigo e a França revolucionária da castanha e da vinha, traçar a linha ideal que dividia de La Rochelle a Belfort (ou então de La Rochelle a Nevers e de Nevers a Chambéry) a esquerda da direita? É a consequência da evolução da Igreja, evolução que se reflecte na recente pastoral de Paulo VI sobre o compromisso político? É o efeito dos particularismos regionais ou, pelo contrário, o da mistura das populações?

A INDUSTRIALIZAÇÃO E A VIOLENCIA

O que não oferece dúvidas, em todo o caso, é que o Oeste breião e o Leste loreno, outrora bastiões da direita, depois feudos da Democracia Cristã antes de se entregarem quase por completo no gaullismo, parecem deslizar cada vez mais para a esquerda, para a oposição, enquanto que esta última perde no mesmo ritmo no Sudoeste, no Sudeste e numa parte do maciço central, posições socialistas e radicais consideradas havia pouco como imprevisíveis pela maioria. Cada consulta, e ainda muito recentemente as eleições municipais, confirmam e acentuam esta

dupla mudança que, também ela é insiginificante.

Se deixarmos a política para falarmos na economia, o clima social ou o sindicalismo, as novidades também não são em menor numero. Cada dia que passa fornece novas provas da entrada, tardia mas a partir de agora organizada, da França numa fase de industrialização, de adaptação tecnológica, de desenvolvimento económico acelerado. Concentrações, informática, pesquisas e indústrias de ponta, transformação da distribuição, crise da modernização da agricultura: todos os sectores são afectados, mesmo que os resultados nem sempre estejam à altura das ambições, mesmo que os números não coloquem a França precisamente no primeiro grupo das grandes nações evoluídas. Entre a pulsação interna provocada por esta febre e a concorrência externa que a entrada da Grã-Bretanha numa Comunidade renovada vai, sem dúvida, aumentar e pelo menos reorientar, é lícito prever que as revisões mais radicais neste domínio, e talvez definitivamente os sucessos mais assinaláveis, se encontram perante nós, e muito perto.

Ora, este acesso indiscutível ao numero dos países industrializados avançados verifica-se na própria hora em que uma violência social difusa se estende a novas camadas da população. Não se trata, é certo, de um fenómeno francês. A questão de saber se, precisamente, a desesperada defesa das formas arcaicas de produção e de comércio, até mesmo dos hábitos e formas e vida tradicionais, não se encontra na origem desta reacção assemelhada ao debate sobre o copo de água que um vê meio cheio, o outro meio vazio.

Perante tais perturbações económicas e sociais, o sindicalismo tradicional estará bem adaptado, com os seus particularismos ciosamente defendidos, as suas rivalidades, as suas promessas, as suas disputas de homens, as suas inclinações políticas, ocultas ou admitidas? É possível, é para desejar que ao abrigo

das siglas borbulhem, como se assegura, os fermentos de uma renovação. Uma vez mais, a única certeza reside no facto de as actuais formas de representação e expressão os trabalhadores corresponderem frequentemente mal a uma situação mais do que movediça; todos o sentem, se bem que nem todos o admitam, pelo menos publicamente.

Poder-se-ia, deste modo, continuar a re-censurar tudo o que mexe, o que nasce e o que morre, neste momento mesmo, sob os nossos olhos. A organização progressiva de um esquerdismo político, acerca do qual começamos a interrogar-nos sobre se ele não constituirá em breve uma força durável à esquerda do Partido Comunista, está em paralelo com a existência de uma nova imprensa política, de um humor cruel e de uma violência pouco habitual.

O recurso cada vez mais frequente à força, à sabotagem, ao rapto devem-se não só a contestantes mais ou menos neo-esquerdistas, estudantes e operários, e aos seus aliados ocasionais que podem encontrar-se, por vezes, em grande numero, mas as categorias tão pacíficas como os pequenos comerciantes ou os camponeses, de corpos que deveriam ser tão senhores de si próprios como a polícia e mesmo, decididamente, adultos assustados, encurralados — ou convencidos disso — por uma juventude acerca da qual, generalizando, se lhes oferecem descrições na maioria dos casos falaciosas, que criam um verdadeiro «racismo antijovens».

Tentemos antes saber se todas estas violências sucessivas ou simultâneas não correm o risco, a longo prazo, de se coagular em alguns temas mobilizadores bastante vagos para parecerem comuns, ou a favor de um choque da consciência pública, e fazer surgir uma situação pré-revolucionária que desembocaria na decomposição anárquica ou no autoritarismo mais brutal, ou num após o outro. Dir-se-á então que nada se passa?

MIA E A AUTODEFESA

momento em que as doutrinas políticas revelavam as suas fraquezas, os especuladores generalizaram a irresponsabilidade.

Temos professores evanescentes, médicos descuidados, juizes expeditivos, funcionários longínquos. Como é evidente, cada um reclama para si a consciência que recusa aos outros. Pais honestos admiram-se por verem a sua prole sair do liceu praticamente analfabeta. Os que alguma vez se encontraram sujeitos à jurisdição de um tribunal insurgem-se contra os processos, demasiadamente lentos ou demasiadamente rápidos.

O doentes podem avaliar nos hospitais o desdém que se experimenta a seu respeito.

Os gaullistas não se enganam, pois, inteiramente, quando atribuem o mal-estar actual a uma doença comum às «nações industriais», para usar as palavras de Chaban-Delmas. O diagnóstico toma na sua boca um desagradável sabor de alibi. Chaban-Delmas desculpa-os com demasiada oportunidade das suas responsabilidades particulares na insatisfação francesa. Um fenómeno geral incarna-se sempre através dos intérpretes locais, onde a autonomia relativa das instituições e dos homens torna cada um plenamente responsável pelos seus actos. Pouco concebível em Londres ou em Lucerna, a desventura da Gilles Guioit sancionou assim um funcionamento da polícia e da justiça próprio da França.

Abordamos aí, sem dúvida, a causa principal do drama francês. Na Itália, os conflitos de províncias unificadas demasiadamente tarde em nação, as incertezas parlamentares, suscitam perturbações de origem política. De Dunquerque a Béziers, em contrapartida, a agitação muda de carácter no caminho e não pertence exclusivamente aos esquerdistas. Em Pérone, em Janeiro, a administração do liceu local lançou, assim, uma greve apoiada pelos professores e alunos com a aprovação dos pais, para protestar contra o grave acidente de que foram vítimas duas jovens, empeladas por automóveis ao atravessarem a Nacional 17, que passa entre os edifícios escolares, onde não existe uma «zebra» para peões nem passagem subterrânea. Mais ou menos pela mesma altura, um série de acidentes análogos, entre os quais um mortal, provocou as primeiras perturbações universitárias de Poitiers. Foram necessárias violentas manifestações estudantis para convencer a administração a proteger as vidas.

Nestes casos, os cidadãos insurgem-se não contra a ordem social, mas sim contra o funcionamento, prejudicial para a sua segurança, de serviços públicos mal equipados ou deficientemente administrados. Demasiadas tragédias justificam este perigoso reflexo. Em Setembro, nos subúrbios de Paris, um comissariado levou 25 minutos para enviar auxílio a uma pessoa em perigo de morte.

Perante a Academia de Medicina, três meses mais tarde, o professor André Sicard, chefe de serviço na Pitié-Salpêtrière, denunciava, numa comunicação sobre os cuidados de urgência, lacunas ainda piores: «Um grande número de serviços da capital ou dos subúrbios têm a obrigação

de receber e tratar traumatismos cranianos sem possuírem os meios materiais para o fazerem».

Em Dezembro, a revista «Pédiatres» deplorava a impossibilidade de comunicar telefonicamente com o hospital das Crianças Doentes em Paris, entre as 9 e as 17 horas, em virtude da insuficiência de linhas.

Embora invoque a falta de créditos para explicar semelhantes carências, o Governo exige dos franceses, com uma severidade altiva, que cumpram rigorosamente os seus deveres para com ele. Dir-se-ia um pai de família cioso das suas prerrogativas mas que já não garante aos seus filhos uma educação correcta, a segurança e a saúde. Com o tempo, semelhante desenvoltura desata os laços naturais entre os indivíduos e o poder público, e cada um recorre à força para se subtrair pessoalmente aos efeitos do perigo. Neste limite, a agressividade ressalta da autodefesa.

Com a complexa confusão das suas inúmeras células, a burocracia moderna ofereceu durante muito tempo profundos refúgios à arbitrariedade e à indiferença. Como encontrar o autor de um erro, de uma injustiça, de uma negligência nas centenas de peças de todo um ministério? Hoje em dia, os adeptos de Gérard Nicoud partilham, com os estudantes e os operários dispostos a sequestrar os seus directores, a ideia de que basta castigar colectivamente o responsável através dos seus colegas para o atingir.

Com os homens no poder, a burguesia donde saem assume perante a história a responsabilidade principal por esta degradação. Por tédio, ambição sem escrúpulos, submissão, os seus membros não deixam de aceitar o inaceitável, admitir o inadmissível, e, justamente, a constante violação das disciplinas sociais evocadas pelo primeiro-ministro.

Por toda a parte, detentores do poder abdicam das suas obrigações comunitárias. Não subsiste, portanto, a mínima parcela da sua autoridade antes mesmo de os esquerdistas virem nominalmente, pô-la em causa. Os professores maltratados, os chefes de empresa sequestrados, os funcionários atacados sofrem então uma represália social preparada por uma perda de fé da sua classe no interesse geral.

Todavia, se bem que se indignem com estas brutalidades, são incapazes de ver as suas origens. A sua maneira, os notáveis de hoje em dia assemelham-se aos aristocratas de 1789. Invocam o espírito do tempo para se desobrigarem dos seus deveres tradicionais, mas não querem admitir que um privilégio sem reservas degenera depressa em abuso. É certo que uma atitude mais responsável exigiria agora uma grande coragem dos seus chefes. A força de alma solidária não se impõe sem dificuldade à indolência de todos. Mas tão-pouco o respeito se obtém sem abnegação.

A REPRESÁLIA SOCIAL

A despeito das aparências, a grande orgia de Maio de 1968 já não determina senão indirectamente as perturbações actuais. É certo que sistematizou a contestação entre

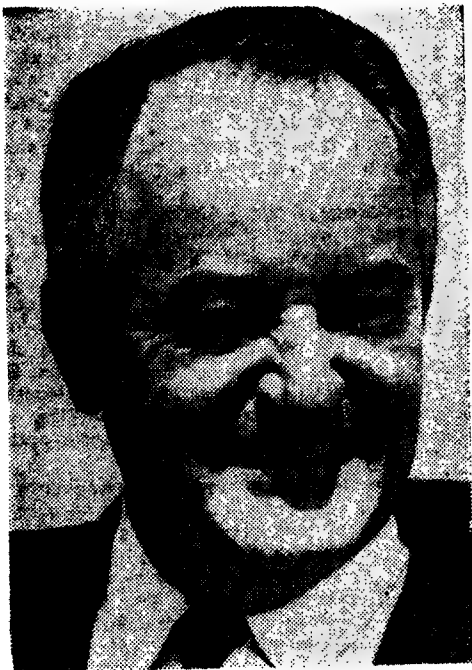
os adolescentes. Incapazes de descobrirem outra proveniência muitos ainda apelam para isso. Mas ela deixaria poucos vestígios nos espíritos se a V República cumprisse melhor os seus deveres.

Se Jean-Paul Sartre se convertesse por milagre às maravilhas da livre iniciativa e se juntasse ao seu antigo companheiro David Rousset nos bancos da U. D. R., as estradas, o telefone, os hospitais funcionariam finalmente de molde a satisfazer toda a gente? Se, na sua prisão, Alain Geismar se arrependesse, o que não parece provável, a polícia, a justiça e o ensino voltariam a encontrar imediatamente prestígio e valor social aos olhos dos cidadãos?

Em 20 de Abril, Jacques Chaban-Delmas teve razão ao recordar no seu discurso que nenhuma sociedade «pode viver sem regra do jogo». Mas é preciso que a disciplina seja em primeiro lugar respeitada por aqueles que a fazem. No sistema inverso, a violência não é a causa do mal, mas sim o seu resultado, o seu símbolo e a sua flor.



Os cidadãos insurgem-se não contra a ordem mas contra o funcionamento dos serviços públicos.



Herbert Humphrey — Considerável apoio financeiro

Até agora, a corrida à presidência tem sido um mar de rosas para os democráticos. Qualquer político, cujo estado de saúde lhe permitisse pisar os olhos quando lhe perguntassem se considerava necessário candidatar-se, era logo classificado de «can-

didato possível à Presidência». Se esse político dispusesse das centenas de dólares necessárias para abrir escritório em Washington durante um ou dois meses, e para contratar um economista desempregado como «director de investigação», era imediatamente

qualificado de «candidato activo».

Mas eis que sou a hora da verdade. As primeiras eleições primárias realizam-se aqui a menos de nove meses e é manifesto que a maioria desses «possíveis candidatos» não tem o dinheiro suficiente para edificar a verdadeira organização política que uma candidatura exige.

Os problemas financeiros do senador Edmund Muskie são os mais conhecidos, mas o seu caso não é único. Na verdade, a acreditamos no que dizem os financeiros do Partido Democrático, nenhum dos candidatos cujos nomes foram já citados para as primárias — Muskie, McGovern, Henry Jackson, Harold Hughes, William Proxmire ou Wilbur Mills — tem dinheiro suficiente para financiar a larga viagem que vai das eleições primárias do New Hampshire, em Março próximo, até às da Califórnia, em Junho de 1972.

Edward Kennedy tem dinheiro que chegue, mas afirma que não vai gastar a parte que lhe cabe da fortuna da família com as eleições presidenciais de 1972. Herbert Humphrey sustenta que dispõe de considerável apoio financeiro, mas declara que economizará os seus recursos, limitando-se a lançar uma ofensiva nas primárias da Califórnia ou, talvez, apenas por ocasião da Convenção Nacional do partido.

E mesmo esses democráticos relativamente à vontade em questões financeiras (Edward Kennedy, Herbert Humphrey e Bircle Bayle) partilham a opinião do presidente nacional do Partido Democrático, Lawrence O'Brien, o qual rejeita que o Partido esgote os seus recursos financeiros, durante essa batalha preliminar, ficando sem recursos para se lançar na verdadeira batalha — contra o presidente Nixon.

Por isso se viram forçados a entrar em acordo no sentido de limitarem os seus gastos, durante a campanha para as eleições primárias. É claro que há tendência para pensar que é inconcebível um «gentlemen's agreement» entre candidatos rivais à Presidência e que a única regra

é a de se gastar sobretudo o dinheiro que não se tem...

DOADORES PARCIMONIOSOS

As primárias do New Hampshire, as primeiras da campanha, adquiriram uma importância desproporcionada com o valor numérico do corpo eleitoral desse Estado. As despesas dos dois candidatos tendem a avolumar-se vertiginosamente no New Hampshire, mas um limite desses gastos, reduzidos a um «níquel por voto» (5 centavos=quinze tostões) fazia com que cada candidato gastasse 30.000 dólares (cerca de 870 contos) na Rádio e na TV.

Esta mesma regra redu-

«NÍQUEL POR VOTO» — A POSSÍVEL

Por DAVID BRODER

O MUNDO

por CHIANCA DE GARCIA

nacional) encontrei, há trinta anos, com surpresa, um total desinteresse de comunidade entre o grupo de nações a que se dá o nome, justo ou injusto, de América Latina...

E ainda trazia na lembrança aquela piada tantas vezes repetida na Europa, de que, deste lado do Atlântico, se vivia num regime pitoresco de repúblicas de ópera-buffa. Nem repúblicas. Dizia-se mesmo *republiquetas*.

Ora quem tem olhos é para ver. Então, pouco a pouco, fui descobrindo que esse regime de *republiquetas* era, para falar claro e franco, uma malícia criada, em princípio, lugar pela Inglaterra, a fim de divulgar, como comédias, o que ela promovia como tragédias shakespearianas. Mas, logo, após, a Inglaterra, pela força das circunstâncias, foi cedendo o seu lugar aos Estados Unidos. As repúblicas passaram a segundo plano. Então o que começou a ser evidenciado foi a existência de subterfúgos onde tudo se podia comprar barato, desde a banana e o azeite, até às consciências. E assim durante anos, os lanques provocaram subliminamente revoluções, golpes, políticos, traições, ódios, caudilhos, etc., etc., que serviam para justificar universalmente a tutela a que eles chamavam, com menor ou maior hipocrisia, de boa vontade norteamericana.

TRES

Contingências de uma época que me traziam ligado ao Teatro de revista levaram-me a conhecer o Peru, o Chile, a Venezuela e, acima de tudo, a Argentina.

Buenos Aires, então o centro da América Latina, acreditava-se e creio que ainda hoje se acredita (leia-se Manuel Puig) uma cidade estruturalmente e culturalmente europeia. Qualquer coisa entre Paris e Londres. Isto sem se dar conta de que o fazia por equívoco. A tal ponto que hoje a Argentina «nova» já mal defende as coisas estruturais, que eram menos estruturas do que armadilhas, colocando o país num clima de paixões, interesses e desencontros de difícil solução.

Tem, no entanto, uma coisa a salvá-la. O abrir-de-olhos que, talvez devido aos acasos da comunicação em massa (onde todos estão por dentro de tudo) revelou que a salvação do continente residia em todos se unirem numa só força que libertasse a América Latina da secular prepotência norteamericana. E aí, de repente, tudo, começaram a reagir.

QUATRO

O que, infelizmente, criou uma nova problemática, pois cada país, cada região, no mesmo sentido, mas por caminhos opostos. A propósito Brasil sempre tão ligado aos Estados Unidos, já se descolou, e embora, embora, o poder não se descolou.



Pelo mundo do Rio de Janeiro, falo do do teatro — e que se dividem em duas direções: a da paisagem, e a do Brasil como ser humano. Certo, o Brasil é Luis de Camões, grande poeta, e isto é lamentado, em carta, por Quixotes e Sancho de Dom Miguel de Cervantes. Argentinos, uruguaios, paraguaios, peruanos, colombianos, bolivianos, são alguns dos vizinhos mais directos. Nações que se coligam, e que se coligam, e que se coligam.

DOIS

No cenário brasileiro, qual gigante do mundo, e qual gigante do mundo, e qual gigante do mundo.

REGRA DEMOCRÁTICA DOS E. U. A.

WASHINGTON



Senador Muskie — Dinheiro suficiente para a longa viagem...

ziria os gastos a cifras razoáveis nos Estados onde todos os candidatos figuram automaticamente nas listas: 147000 dólares (cerca de 4263 contos) no Wisconsin ou 73 650 dóla-

res (cerca de 2135 contos) no Oregon.

Esta regra seria muito útil na Califórnia, onde candidatos gastaram mais de dois milhões de dólares (cerca de 58 000 contos) por pessoa em 1964 e 1968 e se arriscam a gastar ainda mais em 1972, se não se impuser um limite.

Mas é possível que a campanha de 1968 tenha sido a última no género: há o triplo de candidatos para 1972, e o custo dos diversos capítulos de uma campanha aumentou pelo menos, de 20%. A diminuição dos lucros, a crise de Wall Street fizeram que muitos doadores democráticos se mostrem parcimoniosos, com a agravante de alguns não terem sido

ainda reembolsados dos empréstimos que concederam em 1968. Companhias aéreas, companhias telefónicas, e agências de publicidade têm ainda facturas de 1968 por liquidar e não é provável que concedam crédito aos candidatos de 1972.

Por todas estas razões, é muito possível que os democráticos tenham que fixar um limite para as suas despesas com as eleições primárias.

MEDIDA DE POUPANÇA

Se as sondagens actuais o encorajarem nesse sentido, o presidente do partido O'Brien, reunirá, neste Verão, os candidatos do Partido Democrático, para ten-

tar chegar a um acordo sobre a regra do «níquel por voto».

Isso não significará que um candidato possa fazer uma campanha por tuta e meia.

Se um candidato se apresentasse às duas dúzias de primárias que se efectuarão no próximo ano, teria de pagar 5,5 milhões

de dólares (cerca de 159 500 contos) para a Rádio e a TV, com base nessa regra.

O interesse real desta regra seria o de impor um limite aos gastos de Rádio-TV no Estado onde essas despesas ameaçam ir além do *plafond*. Na Califórnia, nomeadamente, esse limite seria de 711 850

dólares (cerca de 20 643 contos). Se houver apenas três candidatos, esta medida permitiria que os democráticos poupassem só na Califórnia uns 6 a 8 milhões de dólares (cerca de 174 mil contos e 232 mil contos, respectivamente) — soma que poderia ser consagrada à campanha contra Nixon.



ATRIBULADO DA AMÉRICA LATINA

te-se como mero exemplo, o caso recente do Brasil impondo sobre o atlântico os seus direitos a um mar de duzentas milhas.

CINCO

Toda a América Latina parece, neste momento, querer exprimir-se socialmente. Onde, por vezes, se desce do equilíbrio ao terror e à violência, porque cada um, para seu lado, defende os caminhos mais opostos. Uns a querer no sentido de um socialismo democrático. Outros à maneira de um capitalismo moderado. Outros preferem um autoritarismo militar. Outros tentam ir mais longe como Allende, no Chile.

Porém, acima de tudo, creio que uns e outros estão dispostos a entender-se entre si. Pois é. Mas de tanta vicissitude alguma coisa já se ganhou. A América Latina possui, hoje, alguns dos mais importantes poetas e escritores contemporâneos.

MAS DEIXEMOS ISSO PARA LA!

As vezes ponho-me a pensar no que, afinal, gostaria de ter sido na vida, se não me tivesse gasto, no decorrer de vários decénios em experiências, tentativas, ver como é por dentro, e coisas assim.

— Que gostaria de ter sido, afinal?

Pois juro que não sei. Isto de dedicar toda uma existência a uma carreira, a uma determinada profissão, sempre me pareceu uma atitude demasiado estática. Amei a vida no direito que ela nos dá de saltar de lua em lua. Gosto dos que lavam carros em postos de gasolina, dos que servem como garçons em espeluncas, ou vendem pipocas nos estádios, para logo a seguir, como andarilhos, correrem o mundo de mochila às costas, dormindo ao acaso, para acabarem virando gênios ou morrendo de fome. Mesmo assim vale mais do que ser toda-a-vida funcionário público.

O que não entendo é a profissão vitalícia. Uma delas, por exemplo, é a do crítico literário. Como se pode passar trinta, quarenta, cinquenta anos dando palpites mais ou menos científicos sobre livros que vão sendo publicados? O talento é agreste e nasce e vence sozinho.

No entanto há quem tenha a devoção do crítico literário. Mas nesse género nunca vi nenhum autor mais rendido e humilde (se uso dizê-lo) do que José Marmelo e Silva de quem recebi, com palavras bem-humoradas, o seu volume «Anquilose». Não é esta a sua primeira obra. Tem outras que, infelizmente, desconheço. Mas o que há de surpreendente em «Anquilose» é que, tratando-se de um volume de 166 páginas, ele cedeu nada menos do que trinta e três (33) a transcrição de críticas aos seus trabalhos. Trinta e três páginas tão valorizadas graficamente como o texto do autor.

Ai comecei ficando naquela do burro de Buridan: — *começo por ler a novela ou as críticas copiosas?* Creio que esses críticos são dos melhores que há em Portugal. Para meu azar, pouco lidos por mim, ou nunca. Que fazer, porém? Começar por eles, ou pelo autor? E nesta dúvida fiquei durante duas semanas.

— Será que Marmelo e Silva não acreditam nele mesmo, e quer que o leitor olhe, primeiro para as grã-cruzes que lhe ornem o peito?

Por fim, segui o caminho justo. Li apenas a novela. Li «Anquilose» de começo ao fim. E mesmo sem auxílio dos mestres, gostei. Querem até saber? Lamento que aquelas trinta e três páginas que (já sabem) acabei não lendo — o autor não as tivesse utilizado publicando algo mais de sua própria lavra. Prende-nos com o que há de mordaz e de maligno na carreira do seu herói, ou anti-herói. Deve-me, pois, a mim, seu leitor, trinta e três páginas de trabalho seu. Só isso é que conta. Lerei, de novo, trinta e três páginas de «Anquilose», só para compensar do espaço perdido...

E, PARA FECHAR, TEIXEIRA DE PASCOAIS

Aqui está finalmente por gentileza do seu pessoal directivo o esperado primeiro número da revista «Colóquio-Letras». Parabéns. Não será, talvez, digo já porque, a revista exactamente necessária em Portugal. O mundo conturbado do nosso tempo não se pode alhear da discussão. Ora, para começar, «Colóquio» promete não ser polémico. Deseja apenas ser uma revista serenamente reflexiva, problemática e ensaística. Deseja ao mesmo tempo considerar-se uma revista viva em busca dos mais novos, aqueles onde germina o futuro. Ora não há juventude sem polémica. Camilo é polémico. Eça também o é. Razão por que são inesquecíveis. No meu tempo de Lisboa a juventude devorava António Sérgio e Raul Proença. O que é visível é que nas páginas de «Colóquio-Letras» falta o corajoso tom polémico em que se debatem, sem medo, as tendências em que se divide o mundo.

Aqui está a revista, e volto a folheá-la. De muito interesse, sem dúvida, o estudo de Jacinto do Prado Coelho, sobre o conto de Camilo: «História de uma porta». Mais isto, e mais aquilo. Sem esquecer, é claro, o pequeno e sangrento conto de Mário Torga.

Mas, na verdade, o que enche a revista, o que a ilumina, além das páginas dedicadas à Poesia, com a colaboração de Carlos Drummond de Andrade, António Gedeão, Eugénio de Andrade, e Natércia Freire, o grande encanto que se ergue de «Colóquio-Letras» n.º 1 é aquele texto intitulado «Alma Ibérica», escrito por Teixeira de Pascoais, e que, ao que parece, se julgava perdido, e que devia ter sido publicado em 1967, como prólogo às «Cartas de Pascoais a Unamuno».

Um texto da maior beleza, numa peregrinação onde perpassam santos e santas, anjos e demónios, Camões e Cervantes, o sagrado e o profano, o amor humano e o amor divino. Dito assim, não é nada. O importante é ler. Não só isso. Está ali o que vale o sentido da Poesia. Nestas breves páginas (desculpem, que deviam abrir a revista) é

que se vê claramente a importância de escrever para a eternidade.

COPACABANA, Junho de 71.

Para correspondência:
Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908
CopaCabana, G. B. — Brasil

AS «AVES DO SOL» EM VIAS DE EXTINÇÃO

LIMA



Por DAVID BELNAP

Segundo a mitologia inca, é um gigantesco condor que pega, todos os dias, no Sol, pelo bico, puxando-o para o alto dos céus. Nasce, assim, o dia. O astro-rei tomba no ocaso quando aquela mesma ave agarra nele, de novo, e o vai deitar, para aí permanecer toda a noite, num palácio, que fica no fundo de um lago.

«Se a lenda fosse verdadeira, só teríamos mais uma dezena de anos de nascimentos e ocassos do Sol» — declara Filipe Benevides Barreda, presidente da Sociedade Zoológica Peruana.

Com efeito, o condor está em vias de extinção.

«Desconhece-se o número exacto dos sobreviventes, mas sabemos que a espécie está prestes a desaparecer. Dantes, era possível ver enormes bandos; hoje, já é muito bom ver um só condor que seja. A ave desapareceu da Venezuela e há apenas umas tantas na Colômbia, no Equador e no Chile. Torna-se necessário tomar medidas rigorosas para as salvar».

O condor dos Andes, que é um abutre de soberbo porte, é a maior ave do Mundo, chegando a atingir 3 metros de envergadura e uns vinte quilos de peso.

Os incas veneravam os condores, que eram, para eles, mensageiros dos deuses. Acreditavam que tais aves encerravam a alma de um guerreiro morto em combate. Matar um condor era um crime sujeito a pena capital.

Os índios de hoje continuam a ter os condores como imortais. Mas tais aves já não são imortais como o eram antes da conquista espanhola. Em certas províncias, os índios dedicam-se a um «desporto», em que cabe ao condor papel importante, se não mesmo glorioso. Amarram-no ao dorso de um touro, que procura, com desespero, livrar-se da ave que lhe dilacera os lombos, com o bico e as garras.

Se conseguir sobrevi-

ver a esta «corrida do condor», o alado protagonista é posto em liberdade, e o feiticeiro da tribo, conforme o rumo tomado pela ave, assim prediz, para os seus vizinhos, dias felizes ou nefastos.

Mas os condores têm, também, que temer os comerciantes que os vendem para os jardins zoológicos, ou os mandam empalhar. As soberbas aves são, além disso, perseguidas pelos guardas das ilhas de guano, que as acusam de devastar os ninhos de alcatrazes.

Para evitar a extinção dos condores, o Governo peruano proibiu, recentemente, a sua caça e captura. E o Governo dos Estados Unidos, a pedido do de Lima, não permite a importação, do Peru, de condores, mortos ou vivos. Mas os demais Governos sul-americanos não se acobardaram àquela medida e continuam a enviar, legalmente, para a América do Norte, condores exportados, ilegalmente, do Peru.



Seria impossível exprimir-nos melhor do que os nossos dois eminentes colegas Marvin Kalb e Elie Abel nas últimas páginas da sua última obra, «As raízes do compromisso» (1): «Estamos convencidos de que os Estados Unidos não voltarão as costas à Ásia mesmo que consigam, num futuro próximo, safar-se do Vietname». Dirigindo-se a um grupo de jornalistas, em 16 de Abril último, o Presidente Nixon, ao contrário dos nossos autores, recusou-se a admitir uma solução mais ou menos «coreana» que conservaria perpetuamente no país uma «força

residual» de vários milhares de homens. Segundo ele, a verdadeira paz, mesmo nas condições americanas, implica a evacuação total. É certo que ele não julgou oportuno recordar que a ilha de Guam, base dos bombardeiros B-52, bem como os cinco aeródromos militares modernos que construíram na Tailândia, guardavam o Sueste da Ásia entre as suas garras pacíficas.

O elemento decisivo do problema não depende, sem dúvida, nem das concessões de Hanói, nem das vacilações retóricas do Washington; depende muito mais

da ideia que os americanos fazem deles próprios e do lugar que a História lhes reserva: não imaginam um grande povo sem missão. Talvez o cidadão médio não tenha a este respeito senão concepções bastante vagas. O mesmo acontece com o Governo federal, a julgar pelo que — não apenas de uma Administração para a outra, mas, por vezes, de um mês para o outro — declara «vital» para os interesses americanos, quer em público, quer em meios mais restritos. Tal como afirma o sr. Stanley Hoffmann num admirável e curto ensaio-programa (2), Washington não elaborará senão fórmulas vagas e indecisas, a menos que os Estados Unidos proponham uma solução para o Vietname que faça explicitamente parte de uma política de conjunto na Ásia. E, aliás, aquilo que tentaram fazer, em condições de improvisação que é melhor esquecer, com a sua «doutrina de Guam»: a Ásia para os asiáticos; que estes se matem uns aos outros. Os Estados Unidos não voltarão a imiscuir-se tão de perto. Deslocação mais do que retirada, e que não responde ao argumento fundamental do sr. Stanley Hoffmann, na ausência de uma visão que abranja mais do

VIETNAM SEM PONTOS CARDIAIS

Por ALAN CLEMENT

que a própria Indochina. Washington nunca terá senão duas alternativas, pelas quais experimenta a mesma aversão, e que mais não são do que derrotas disfarçadas: ou continuar a guerra indefinidamente, ou, sob uma forma ou outra, abandonar Saigão ao domínio de Hanói.

RECONCILIAÇÃO E REVISIONISMO

Com efeito, um plano de retirada do Sueste da Ásia tornado viável e defensável perante a opinião americana supõe tanto a reflexão sobre o futuro desejado pelo sr. Hoffmann, como um regresso ao passado sobrecarregado de «políticas asiáticas» esquecidas e enterradas no inconsciente colectivo. Talvez não seja inútil debruçarmo-nos, por breves instantes, sobre certas reconciliações que elas inspiram hoje em dia, antes de nos opormos a um revisionismo coerente. A «perda» da China de Chiang Kai-Shek, com as suas repercussões internas, macarthistas e outras, não teria, talvez, afectado tanto a imaginação americana se as circunstâncias do pós-guerra tivessem dado tempo para operar esta recapitulação. O isolamento da China Popular, por Washington, durante vinte anos, terá, talvez, contribuído involuntariamente para acalmar os espíritos, afrouxando, com o andar dos tempos, a trama extremamente complexa da sua representação do Oriente.

Não se trata apenas do último lustro, nem dos antecedentes da política da porta aberta no sentido mais lato, mas antes de remontar a questões consubstanciais à descoberta da própria América. Onde podia esta inscrever-se no mapa do mundo conhecido nessa época? Que função providencial patenteava o seu aparecimento? Quais que, se que tenham sido os «segredos» de Colombo (3), é, pelo menos, provável, que ele procurasse a linha recta que permitiria alcançar as fabulosas riquezas descritas por Marco Polo. O que esquecemos mais depressa do que a cavalcada abortada de Chateaubriand em busca de um atalho semelhante, são os comentários meio mitológicos, meio proféticos, de um dos primeiros propagadores da descoberta de 1493, Peter Martyr d'Anghera, o qual, numa das suas *Décadas*, interpreta a abundância e a acessibilidade do ouro das Caraíbas (todavia sem proporção com as reservas de que Cortés se apossará um pouco mais tarde) como o indicio de que Colombo tocou no próprio centro do Universo (4).

A ESCOLA DO JOGO TRIPLO

A maneira como esta lenda se transmitiu aos Estados Unidos, que então nasciam, dominados, todavia, pela ideologia agrária dos fisicocratas, fecundando, depois um embrião de geopolítica onde os pontos cardiais traçam as grandes orientações de que Washing-

ton seria como que a intersecção natural, necessitaria mais do que uma explicação rápida. Referir-nos-emos, apenas, ao optimismo exagerado que comunicará, no decurso do século XIX, ao desenvolvimento da República-Imperio. «Esta nação é um globo», proclamou o ministro dos Negócios Estrangeiros, William Henry Seward, o comprador do Alasca. Citaremos, igualmente, a título de curiosidade pouco conhecida, que o expansionismo americano e a sua escola «continentalista» verão nos Estados Unidos, a oeste do Mississippi, menos uma imensidade a explorar do que uma terra de trânsito, capaz de atrair, logo de interceptar eventualmente, todo o comércio Este-Oeste, e isso muito antes que o tema da «Fronteira», mais inverso do que complementar, conheça a fortuna que sabemos, e que sobrevive nos nossos dias na película dos «westerns». Seria, também, preciso estudar em corolário a subapreciação crónica das rotas marítimas

tempos; produziu civilizações mas derramou o seu sangue em paixões que sempre pareceram confusas ou atrozes aos cidadãos do Novo Mundo. Por uma singular reviravolta das coisas, desde que ela «compreendeu», finalmente, prefere a vida à morte e depois praticamente quase todas as suas armas, irritando os dirigentes americanos, os quais, por seu turno, têm de suportar um orçamento esmagado pelos superarmamentos.

Resta-nos, talvez, contemplar o que poderia ser o descer da cortina sobre a idade dos conflitos clássicos: os Estados Unidos forçados pela nova China a ingressar na escola europeia do jogo duplo e triplo, a contentarem-se com compromissos, a meditar as suas «doutrinas» de intervenção antes de proclamarem como justificacão imaculada alibis defeituosos. O Oriente teria rendido, neste papel, uma Europa menos demissionária do que desacreditada pelas suas obstinações e pelas dos Estados Unidos,



normais que, ao evitarem os transbordos implicados pelo «continentalismo», condenavam ao nada estes devaneios de monopólio mercantilista (5). A despeito do exemplo britânico, os Estados Unidos, até à Segunda Guerra Mundial, e mesmo até aos nossos dias, nunca souberam construir e manter uma frota mercante em relação com o resto da sua economia.

O que nos interessa desta sobreposição de imagens directoras é o facto de a política asiática reclamada pelo sr. Stanley Hoffmann fazer regressar às próprias origens da América e tender nada menos do que a uma redistribuição de posições seculares. A tentação medianeira dos Estados Unidos entre o mundo muito antigo e o mundo muito recente, que conhece variadas versões, só se compreende em relação com a sua noção de uma Europa pervertida e aviltada por um milénio de opressão feudal. Um Wilson virá, em vão, tentar pôr um pouco de ordem e virtude nos sórdidos assuntos de vencedores que não valiam já, aos seus olhos, mais do que os vencidos. A Sociedade das Nações devia ajustar-lhes as contas, para servir a força e as astúcias ainda mais perigosas do «equilíbrio das potências». Não se pode negar que Wilson fosse um génio. A Europa não se poupou no curso dos

num mundo que já não teria nem «centro» nem «arbitro supremo» e onde a Terra, tornada de novo a dos cosmógrafos mais do que dos geopolíticos, encontraria, em primeiro lugar na Indochina, a paz e a prosperidade que teóricos e rendimentos profissionais se obstinam em disputar-lhe.

(1) «Roots of Involvement. The U. S. in Asia 1784-1971». W. W. Norton, editores, Nova York.

(2) In «Foreign Policy», n.º 2, Primavera 1971.

(3) Assunto inesgotável. Contente-nos em assinalar a réplica de Marcel Bataillon á obra de Edmundo O'Gorman «The Invention of America», Indiana University Press, no número 31 do «Bulletin Hispanique». A palavra «provisória» da introdução tem sido duvida de Wilcomb E. Washburn, «Meaning of Discovery, 1492 and 1992», in «The American Historical Review», vol. LXVIII, Outubro 1962.

(4) Ver, entre outros, o artigo de Henry S. Bousam, «Economic Images of the Western World: A Reappraisal», in «The South Atlantic Quarterly», vol. LXVIII, 1968.

(5) A literatura sobre o «continentalismo» como prefiguração de todas as concepções do expansionismo americano é tão abundante que nos limitaremos a recomendar ao leitor a excelente bibliografia indicada por Charles Vevier no seu artigo de «The American Historical Review», ano de 1960. Para o período 1870-1910, encontrar-se-ão fontes de consulta complementares, mais orientadas para a crítica, na contribuição de Marilyn Blatt Young para a compilação intitulada «Towards a New Past», Pantheon Books, New York, 1963.

A VELA DA SUPER-ACELERAÇÃO



Só recomendável para aqueles que gostam e sabem conduzir.

A venda nas casas da especialidade e nos agentes exclusivos.

SOC. LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.

***** Av. da Liberdade, 108, 1.º e 2.º Andares *****



RETIRADA TOTAL DOS AMERICANOS E SUBSTITUIÇÃO DO REGIME THIEU-KY

Por CHALMES ROBERTS

CONDIÇÕES POSTAS PELO VIETNAME DO NORTE

PARIS



O chefe da delegação norte-vietnamita às conversações de Paris declarou, no passado dia 8 no decurso de uma entrevista exclusiva, que a questão dos prisioneiros de guerra poderia ser regularizada, no caso da retirada total das forças americanas, com o regime Thieu-Ky no poder, mas indicou que Hanói não aceitará libertar os prisioneiros de guerra americanos se os Estados Unidos tiverem a intenção de prosseguir no armamento e apoio que estão a conceder às forças sul-vietnamitas.

Durante a entrevista, de uma hora e meia, na sua residência de Choisy le Roi, o chefe da delegação norte-vietnamita respondeu, com efeito às seguintes perguntas:

Pergunta: O senhor afirmou que os Estados Unidos deveriam fixar uma data «razoável» para a retirada completa e incondicional de «todas» as forças americanas. Poderá esclarecer o que entende por «todas»?

Resposta: Quando utilizo a palavra «todas» quero referir-me à totalidade das forças americanas no Vietnã, o que compreende todas as armas — terrestres, aéreas, navais, que se encontram em terra, no espaço aéreo e nas águas territoriais do Vietnã, não se incluindo os militares americanos e os conselheiros militares... Não temos objecções a fazer contra a presença de aviões americanos com base em países estrangeiros, desde que não sejam utilizados contra o Vietnã.

(Esta alusão aos aviões americanos com bases no estrangeiro respondia a uma pergunta formulada pelo correspondente do «Washington Post» sobre a presença do exército do ar americano na Tailândia).



P. — A expressão «todas as forças americanas» refere-se a toda e qualquer força terrestre e à infantaria?

R. — O chefe da delegação norte-vietnamita declarou que «todas as forças americanas» incluem as forças terrestres, aéreas e navais, que se encontram em terra, no espaço aéreo e nas águas territoriais do Vietnã, não se incluindo os militares americanos e os conselheiros militares...



XUAN THUNG (à direita) — A totalidade das forças americanas no Vietnã

R. — Esses militares estão compreendidos na «totalidade» das forças americanas.

P. — A expressão inclui, também, as forças da Coreia do Sul, da Tailândia, da Austrália e da Nova Zelândia, que se encontram, actualmente, no Vietnã do Sul?

R. — Sim.

A CHAVE DO ACORDO

P. — Quando o senhor diz que se fosse fixada uma data «razoável» para a retirada de todas as forças americanas, a questão dos prisioneiros de guerra americanos, nos poderia ser regularizada «rápidamente» e «facilmente», fala, apenas, dos prisioneiros detidos no Vietnã do Norte, ou, também, dos que estão no Vietnã do Sul, no Laos e no Camboja?

R. — O chefe da delegação norte-vietnamita declarou que «todas as forças americanas» incluem as forças terrestres, aéreas e navais, que se encontram em terra, no espaço aéreo e nas águas territoriais do Vietnã, não se incluindo os militares americanos e os conselheiros militares...

se encontram prisioneiros nos Vietnã do Norte e do Sul. Quanto ao Laos, lembrou que o príncipe Souphha Nouvong, «leader» do Pathet Lao, declarou que os prisioneiros serão postos em liberdade logo que cessem os bombardeamentos. No que respeita aos prisioneiros detidos no Camboja, declarou Xuan Thung, a sua libertação depende do príncipe Sihanouk exilado em Pequim.

P. — Se o presidente Nixon fixasse uma data que vos conviesse, os prisioneiros seriam imediatamente postos em liberdade, ou apenas quando terminasse a retirada das forças americanas? Ou, ainda, simultaneamente e proporcionalmente?

R. — Xuan Thung respondeu, erguendo os braços: «Não posso responder, por agora, porque reside aí a chave do acordo. Enquanto Nixon não fixar uma data, não podemos entrar em negociações sobre a matéria. A questão dos prisioneiros é uma consequência da guerra.

ra, pelo que deviam ser primeiro resolvidas todas as outras questões. Mas, nós demos provas de flexibilidade.

P. — O que é que o senhor entende por uma data «razoável», tendo em conta os problemas logísticos: seis meses, nove meses ou um ano depois?

R. — O Governo Provisório Revolucionário propôs uma data razoável: o dia 17

de Setembro de 1971. Mas Nixon rejeitou-a. Seja de agora a propor uma. Compelo-lhe a fixá-la.

(Thuy lembrou que o espaço aéreo e os mares são controlados pelos americanos e que o general reformado dos «marines», David Shoup declarou que bastariam dez dias para preparar a retirada e mais 15 para a concretizar).

P. — O senhor fez, por duas vezes, alusão a «duas questões cruciais» para a regularização do problema vietnamita: as questões militares e políticas e sublinhou que eram «inseparáveis». A questão política é a demissão do Governo Thieu-Ky, para se formar um Governo de coligação. Esta questão política é, também, uma condição para a libertação dos prisioneiros americanos?

R. — O problema da libertação dos prisioneiros está apenas ligado à questão militar. Isto demonstra a nossa flexibilidade, pois o caso deveria ser ligado à questão política.

P. — Mas o que quer dizer, então, a palavra «inseparáveis»?

R. — Se falarmos do conjunto da questão vietnamita, da solução da guerra, do fim da agressão americana, as questões militares e políticas deveriam estar ligadas. Mas se for fixada uma data razoável, a questão dos prisioneiros poderá ser resolvida.

O CHAMADO NEOCOLONIALISMO

P. — Porque é que o senhor diz «poderá» e não «será» resolvida?

R. — Pode «ser».

P. — Dado que o senhor afirmou que a retirada das tropas americanas e a libertação dos prisioneiros americanos poderá ter lugar

com o regime Thieu-Ky ainda no poder, que tem a declarar sobre um auxílio militar e económico que os Estados Unidos possam, depois, conceder aquele mesmo regime?

R. — E neste ponto que se ligam as questões políticas e militares... Será necessário, também, resolver os problemas da administração de Saigão... Suponhamos que os Estados Unidos se retiram mas que mantêm a administração actual em Saigão e lhe concedem auxílio militar. Voltaríamos ao período que precedeu a chegada do corpo expedicionário americano. É o que nós chamamos neocolonialismo e os americanos continuariam a imiscuir-se nos assuntos do Vietnã.

A concluir, Xuan Thuy declarou que «o que queremos é a retirada total dos



americanos, e a substituição do regime Thieu-Ky por um Governo escolhido pelo povo sul-vietnamita. A seguir, os sul-vietnamitas aceitarão o auxílio dos Estados Unidos, numa base de reciprocidade.

O Norte, declarou ainda o nosso entrevistado, estaria pronto a restabelecer relações com todos os países, incluindo os Estados Unidos, e a aceitar o seu auxílio, nas mesmas bases.



DU PONT

COLE PARA SEMPRE!

AGENTES GERAIS

Bethencourt, Bro., Ltd.
Rua de São Várzea, 11-B e D - Lisboa
Tel.: 70 14 48 - 70 15 84 - 70 15 85

Solis, Limitede
R. da Bandeira, 214-216
Tel.: 2 35 14 - 2 47 05 - Porto

NOVA YORK: O ESPECTÁCULO É NA RUA

NOVA YORK



Por B. POIROT-DELPECHE

Nova York está a caminho de acrescentar mais um aos seus indiscutíveis «records». Trata-se, agora, do das lendas São então verdade os crimes, o nu, a droga, a poluição? Apesar das dezenas de voos transatlânticos, por dia, e das imagens «em directo», o visitante que regressa aos pátrios lares vê-se assediado de perguntas, como se fosse um explorador do século XVIII, perguntas essas que resumam uma espécie de ávido terror.

Uma tal cidade não se desvenda em duas semanas. Mas os seus espectáculos podem conduzir, por fragmentos, ao mais secreto do mal que a afecta, pois é de mal que se trata. E, antes de tudo o mais, o espectáculo da rua.

«Este táxi tem os vidros blindados». A partir do aeroporto, e antes que surgisse a parada fabulosa dos arranha-céus, este letreiro encarregava-se de dar o tom: a liberdade é, em primeiro lugar, cada um por si e para si.

Uma pessoa é também avisada de que o motorista não pode ser agredido pelo passageiro... nem o passageiro pelo motorista. Por vezes, este último, ainda que negro ou guedelhudo, complicará ainda mais as coisas pedindo-nos que subamos os vidros de trás ao passarmos perto de Harlem ou Greenwich Village.

Como não acreditar, depois dito, em todas as terríficas histórias que correm a cidade! Porque a insegurança ocupa aqui, nas conversas, o lugar privilegiado de preambulo e de recurso para se dizer qualquer coisa, do mesmo modo que em Inglaterra se fala da chuva que está para cair e, em França, das previsões meteorológicas ou das culturas.

Cita-se, todos os dias, pelo menos uma tentativa de violação no Central-Park, isto em pleno dia, ou uma carteira roubada, em East-Village, com o seu recheio de 10 dólares. «O preço de uma dose», acrescenta-se, com ar entendido. Porque são, por força, os drogados a dar os golpes, quando não são os negros...

QUESTÃO DE SORTE

Claro, os números falam por si: a criminalidade nova-iorquina duplicou em cinco anos e é dez vezes superior à nossa. Não é por graça que os joalheiros da Quinta Avenida substituem as jóias das montas por fotografias e que se multiplicam os porteiros à entrada dos edifícios, velhos possantes enfiados em fardas surradas, tal como acontece nos circo e diante dos clubes nocturnos. Sem temor ao ridículo, as pessoas que nos hospedam escoram as portas com pesadas barras de ferro. É verdade que na rua ou no metro as pessoas estudam o passo ao menor sinal, que nos fogem com os olhos, ao mesmo tempo alertados e ausentes — olhares de pássaro esquivo e assustado.

Mas é verdade, também, que a excitação amplia tudo. Porque se não vê polícia nas ruas — a não ser as patrulhas automóveis cujas sirenas espalham o pânico — e, mais ainda, porque o sistema exclui a solidariedade — o atacado tem sempre culpa, tal como os pobres — o homem da rua distarça o seu medo com as mais sombrias histórias. A gente das esquerdas esconde mal a sua satisfação por verificar, através da insegurança, a falência do capitalismo e os defensores deste quase se sentem orgulhosos com o perigo ambiente, mostrando o riso divertido dos jogadores e dos pioneiros.

Se uma pessoa conseguiu regressar à noite, a casa, sem ser roubado, se nenhum indivíduo patibular lhe pediu a sua dose de ilusão, se o acaso a fez esperar por um táxi em Harlem e, mesmo assim, ali está, sem orgulho mas sem cicatrizes, para contar tudo isso, as outras explicar-lhe-ão que não esteve nas zonas verdadeiramente perigosas, que as piores horas ainda não tinham chegado, que, em tal ou tal ponto, a Mafia está atenta, que, em tal ou tal lugar, o espião francês é como uma brachadeira da Cruz Vermelha, ou, muito simplesmente, que a pessoa o que teve foi sorte. E eu tive-a.

É como sobre a pornografia, sobre a qual nos fazem perguntas com o mesmo ar febril com que querem que falemos das fac-

das: cada qual viu o que queria ou não queria ver.

É impossível, evidentemente, ignorar as lojas «para adultos», que proliferam à volta da 42.^a Avenida e os cinemas especializa-

dos. É impossível ignorar a escalada dos espectáculos «off-off Broadway», tais como um certo «Dirtiest show in town», onde várias pessoas dos dois sexos simulam toda a espécie de relações sexuais colectivas, um outro chamado «Pork» — com a assinatura de Warhol — onde uma mulher ilude, escabrosamente, a sua solidão, ou uma «Vida privada de Jesus Cristo», em que a blasfémia se mistura — numa antiga igreja — com exhibições hoje banais. A questão posta por estes «quadros vivos» não é tanto o de saber como é que os seus participantes se atrevem a ir tão longe mas, em vez disso, como é que conseguem parar a tempo... É verdade, enfim, que os apaixonados do Central-Park nem sempre têm tal treino nem a sublime paciência louvada por vinte séculos de moral e de cultura ocidentais.

SEM PENSAR NO MAL

Mas que dizer dos casais dos nossos parques? E o que é que tem de menos lascivo os nossos bairros da devassidão? A única diferença, em relação a nós — e será isso de lamentar? — é que no paraíso do livre exame e da livre concorrência não há funcionários nem políticos que se julguem no direito de regulamentar os costumes alheios. Como para as demais coisas, são a oferta e a procura a decidir. Se as coisas mais belas da vida são postas em leilão em lojas um tanto mais numerosas e sebetas, entre os «hot-dogs» e a pacotilha «made in Japan», é, talvez, por Nova Iorque ser um porto, e se ser aqui mais franco, mais só, ou, simplesmente, por se levar avanço sobre Paris.

E, depois, existe a outra América. A dois passos dos «sex-shops» temos o Exército de Salvação, que canta as alegrias do bom proceder, e os autocarros que aconselham a «semear mais amor na nossa vida». Para um pequeno anúncio que nos propõe, às claras, o amor com um grande grupo do gente, há dezenas a convidar a ginástica menos perversa, à iniciação mística, ao Zen, à macrobiótica. Na plétora de profetas, de grupos marginais, de demonstrações em pélo e da droga, há mais distração comunitária, apelo ao bem-estar e autêntica ingenuidade do que quanto pensa o turista cívico de subentendidos. Sempre o melhor e o pior andaram a par na barafunda, no caos, na cloaca de Nova York.

AS LOUCURAS DO LUCRO

Os espantos caminham a par. Em nenhum outro ponto atingiu a arquitectura esta perfeição na audácia — ainda que a reunião de vidro fosco e de metal negro de aos novos arranha-céus qualquer coisa de fúnebre. Mas em nenhum outro local, também, a lei do lucro, sem passado nem escrúpulos, se deixa aletnar tão cinicamente, ou com tanta franqueza, com as construções mais mirabolantes e a piolice. Como se traseiras do Crillon dessem para o «Marché aux puces»!

Vêm-se os mesmos contrastes por toda a parte, e sempre segundo a louca necessidade do lucro. Aqui, auto-estradas com dezasseis faixas de rodagem; além, ruas esventradas e poeirentas como trilhos africanos. Aqui, anúncios de carros cada vez mais pomposos; além, as taxas dos parques de estacionamento e as multas deixando a ci-



O melhor e o pior sempre andaram a par na barafunda e no caos

dade — para seu bem, aliás, porque se transita melhor nela do que em toda a Europa — aos taxis de «stock-car». Aqui, infinitos cuidados com a higiene; além, os colchões impregnados de urina no meio dos passeios, as carcaças dos frigoríficos e dos camiões a atravancar as ruas (como se fossem restos de um motim, escombros de guerra) os detritos que revolteiam, os motores que roncavam, enquanto os edifícios cromados se elevam por cima das nuvens, num gigantesco empilhamento.

Quando uma cidade perde assim todo o sentido da medida, como é que os seus habitantes o conservam? Também eles já se não espantam. Há meninos muito bem vestidos e vadios de toda a espécie nos relvados de Central-Park. Não é raro ver, junto aos Bancos de Wall Street, onde as ruas se desdobram em labirintos sem sol e onde se agitam os jovens «quadros», sempre com um ar eficiente e bem educado, vagabundos a dançar perdidamente, lá para eles, novos «jongleurs» destas novas catedrais, novos convulsionários destas novas necrópoles.

Vê-se, cada vez mais, os jovens a levarem uma vida de boémia aceitanda, ao mesmo tempo, o «establishment», graças a perúcias compridas ou curtas, conforme o estágio da sua metamorfose, e de não se sabe que sonhos postigos. Vêm-se, também, mendigos de ocasião — a droga? — misturarem-se, com um sorriso que não en-



gana, aos verdadeiros necessitados, que o sistema de assistência e o êxodo dos negócios atira para a rua, num clima de bancarrota próxima. Rematados por permanentes à antiga o perdidos sob um emaranhado capilar à moda, quantos rostos fechados, quantos sorrisos fúgidos, quantos tiques! Sente-se, assim, um certo alívio — os paradoxos não têm conta — ao cruzar com grupos de desempregados ou de marginais, ameaçadores, ferozes, excluídos da felicidade americana, mas, também dos seus temores, e gozando, longe das televisões de «western» permanente, a fraternidade quase provinciana das aldeias onde ainda tem lugar o calor humano.

A convicção protestante de que a iniciativa e o interesse privado contribuem, naturalmente, para o bem comum está, assim, a receber, na cidade mais desabrida, o mais desatido dos desmentidos. Mas não há razão para se esconder que a duas horas do inferno o mesmo «credo» continua a operar milagres, únicos no mundo.

Sabia-se, graças a Fitzgerald, seu antigo aluno, e a Einstein, que decidiu al envelhecer, que a Universidade de Princeton é um paraíso. Não se pode, contudo, imaginar até que ponto. Em redor dos edifícios empalhados pelos relvados como recordações da arte grega ou gótica, só há casas baixas

de madeira branca onde, à razão de uns tantos alunos por professor e de umas tantas horas por semana, seis mil jovens, bronzeados e de pés descalços, conhecem, ao mesmo tempo, o perdido silêncio dos velhos mosteiros, o luxo dos clubes e a liberdade das férias mistas. Ao ponto de, fora a guerra do Vietnam, nada alimentar a contestação destes meninos de cor nem turvar a sua alegria de viver.

Fitzgerald tinha, no entanto, razão ao adivinhar sob a graça de Princeton «o inverso do Paraíso». Se é aí possível a paz, é ao preço de enormes falsidades e de incessantes malentendidos. Reina aí o pior dos paternalismos. Salvo, talvez nos exames, a fraude moral reina por todo o lado. A igualdade de oportunidades continua a ser um tema para os discursos dos dias de graduação. Nenhum negro, por exemplo, frequenta estas «Green Pastures», a não ser, por acaso, para varrer as áreas. A espera de, improvavelmente, lhe abrir as portas de Princeton e de Casa Branca, a América dos antigos alunos mantém os negros à distância, à volta das escadarias em ruínas e das lojas abandonadas de Harlem.

TRES HIPÓTESES

Mas há muitos outros problemas além deste. Não é possível manter-se, em Nova York, uma conversa sem virar à baila perspectivas terríveis e hipóteses apocalípticas.

Não que o americano tenha renunciado ao seu culto dos factos: continua a falar-se do divórcio da Fulano, do carro de Beltrano ou do preço das coisas, nisto se incluindo você e eu; continua-se bastante longe do «chit-chat» à europeia, onde de um acontecimento menor e depressa esquecido nos elevamos às ideias gerais sem consequências, como se tivessemos acabado um jogo de cartas... Mas evoca-se, agora, o futuro mais do que em números e à maneira de uma força que, possivelmente, e pela primeira vez, a pátria da iniciativa e da previsão não será capaz de dominar.

Neste jogo de prognósticos, três tipos de reacções se nos deparam. Há, primeiro, os que continuam agarrados à lógica dos mecanismos financeiros conhecidos e à sua «moral». Há os que começam a ter dúvidas, mas para quem o passado responde pelo futuro: sempre tivemos que enfrentar crises, e sempre conseguimos superá-las; esta será, sem dúvida, mais dura, mas o país aparará o golpe ainda mais uma vez, sendo imensas as suas faculdades de assimilação, tal como a sua área, e Nova York não é, sem dúvida, toda a América. Se for necessário renunciar às cidades, renunciaremos...

Encontram-se, por fim, os apostadores, ao mesmo tempo mais inquietos e mais optimistas. Inquietos porque a morosidade lhes parece ainda mais profunda no Oeste do que no Leste do Atlântico, porque um nova-iorquino em sete vive — mal — de fundos públicos que não voltam a entrar, porque os negros e os latinos nunca aceitarão o sistema, porque os outros já não acreditam verdadeiramente nele e que em vez de «gadgets» ou obras de arte compram armas e cães. Inquietos porque depois de ter procurado a máxima riqueza para todos, a abundância dos detritos humanos e materiais vai obrigar a organizar, sob pena de morte, uma vida mínima com regulamentação das calorias e dos detritos, como nas cápsulas espaciais, e porque será dramático fazer aceitar este raciocínio a uma população que tem sido incentivada a correr riscos e a consumir.

«Para raciocinar tanta energia, será necessário, sem dúvida, o cacete, o socialismo, o «hippismo», a droga, e, talvez, as quatro coisas ao mesmo tempo...»

«Mas sabe, o optimismo, a última palavra: «Há de ver que conseguimos e espantaremos o Mundo, uma vez mais!»